



RESERVADO

2000

B. N. L.





Res
2000

AVENTURAS

DE

BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

OBRAS MODERNAS

QUE SE ACHAM Á VENDA NA LIVRARIA

DE

ANTONIO MARIA PEBEIRA

50 — RUA AUGUSTA — 52

<i>Versos de Bulhão Pato</i> , 1 vol. br.	800 réis.
<i>Tradições e phantasias</i> , collecção de romances de J. M. de Andrade Ferreira, 8.º br.	500 "
<i>Coração, cabeça e estomago</i> , romance de Camillo Castello-Branco, 1 vol. br.	500 "
<i>Coisas espantosas</i> , romance por dito, 1 vol. br.	500 "
<i>Scenas innocentes da comedia humana</i> , collecção de romances, por dito, 1 vol. br.	500 "
<i>Contos sem arte</i> , collecção de romances originaes de costumes portuguezes, por D. José de Almada, 1 vol. br.	600 "
<i>Luz coada por ferros</i> , collecção de romances e outros escriptos de D. Anna Augusta Placido, 1 vol. adornado com o retrato da authora, brox.	700 "
<i>Estrellas funestas</i> , romance de Camillo Castello-Branco, 1 vol. br.	500 "
<i>Estrellas propicias</i> , romance por dito, 1 vol. br.	400 "
<i>Scenas e phantasias de nossos tempos</i> , por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. br.	500 "
<i>Theatro para rir</i> , collecção de quarenta comedias jocosas, modernas, formando 4 volumes, brox.	4:000 "
Vende-se cada comedia separada pelo preço de	100 "

Esc. 16450

COMPRA

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

Res
2000

AVENTURAS



DE R. 80372

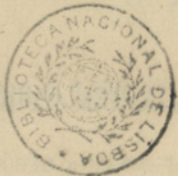
BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50—Rua Augusta—52

1863

dos



Balthazar
A-M-1926

I

Nasce o heroe. A cabeça e as espertezas do mesmo.

Bazilio Fernandes é um sujeito de trinta e sete annos, com senso-commum, engraçado a contar historias de sua vida, activo negociante de vinhos no Porto, amigo do seu amigo, e bastante dinheiroso — o que é melhor que tudo já dito e por dizer.

Seu pai chamou-se José Fernandes, por alcunha o *Enxertado*. Pegou-lhe a alcunha, por que, sendo elle natural de uma aldeia d'aquelle nome em Tras-os-montes, quando já era caixeiro, muitas vezes dizia aos seus companheiros de passeata, aos domingos: «O Porto é boa terra; mas lá como o *Enxertado* ainda não puz os olhos n'outra!». A caixeirada, menos sensivel á saudade das suas aldeias, ria do moço, e, por mófa, lhe chamava o *Enxertado*, alcunha

que elle ajuntou ao seu nome com honras de appellido.

Casou José Fernandes com Bonifacia Teixeira, filha do patrão, que negoceava em azeite, depois que enriquecera na sua mercearia do largo de S. Bento.

Bazilio foi o primogenito e unico. Nascêra muito gordo e extraordinariamente volumoso. Tinha a cabeça igual ao restante do corpo, e uns pés dignos pedestaes do capitel da irregular columna. Em quanto ao tamanho descommunal da cabeça, foi isto motivo para muitas alegrias em casa: no parecer d'aquella mãe ditosa, a grandeza da cabeça era signal de juizo, e o tamanho das orelhas correlativas signal de bom coração. O pai, como não tinha idéas suas ácerca de orelhas, abundava nas de sua mulher, posto que de via certa soubesse que um máu visinho da porta dissera que o seu Bazilio era aleijado, e sahiria com orelhas de burro, se se demorasse mais tres mezes no ventre materno.

A casa do mercieiro ia um frade carmelitano de optimos costumes, ainda parente transversal da senhora Bonifacia. Era opinião de frei Silvestre do Monte do Carmo que a volumosa cabeça do menino significava talento. Este prognostico abalava mediocrementemente os animos dos pais, que não sabiam o que era, nem o para que servia n'este mundo o talento.

— Se as religiões não acabarem, como por ahi agouram os impios — dizia o frade — este menino pôde vir a ser um grande sabio n'uma ordem rica.

—O que eu quero—accudia o pai—é que elle seja um negociante fino, e que dobre o patrimonio com a sua agencia.

O prognostico de frei Silvestre, um anno depois, ficou prejudicado com a mudança do reinado. Acabaram as religiões, agouradas pelos impios; e a cabeça de Bazilio, no intender do frade, ficou sendo uma cabeça inutil, e malograda, a qual devêra ter vindo e florescido em orelhas, e idéas do tamanho das orelhas, cincoenta annos antes.

José Fernandes, como o filho tivesse oito annos bem espigados, comprou-lhe um *A b c*, e foi leval-o á escola. Era a cabeça de Bazilio, no dizer do mestre, muito mais dura, e tapada, e maior que a bolla de pedra da torre dos Clerigos. Ao cabo de três mezes, Bazilio já conhecia um *o* e um *i*; mas, se lhe tirassem o ponto ao *i*, chamava-lhe *o*. O mestre seguia o systema da pancadaria, systema o mais racional de todos com cabeças d'aquelle feitio. Bazilio entrava em casa a chorar, a mãe sahia de mantilha a descompôr o mestre, o mestre, exauridas as razões, descompunha a senhora Bonifacia, e assim andaram, ora melhor ora peor, até que Bazilio aprendeu o abecedario, ás direitas, ás avessas, e salteado.

Aos dez annos, na cabeça do menino, não direi que se fizesse um grande clarão de intendimento; mas seria injustiça negar faiscas áquella pedreneira ferida pelo fuzil da palmatoria. Bazilio já soletrava; e fazia riscos, tortos é verdade; porém, a senhora

Bonifacia, tão vaidosa estava d'aquelles riscos, que andava mostrando ás vizinhas a *materia* do seu menino: «*materia*», n'aquelle tempo, era o que hoje mais polidamente se chama *traslado*.

N'aquella idade, entre os dez e onze annos, parou de crescer a cabeça de Bazilio Phenomeno, certamente! O tronco e as extremidades avolumaram-se em boa conformação; a cabeça, porém, ficou esperando o proportional desenvolvimento das demais partes. Quem deu primeiro p'isto foi a discreta senhora Bonifacia, observando que o chapéu braguez dos nove annos lhe ajustava perfeitamente aos onze. Esta razão não é tão judiciosa como parece ao primeiro lance: o ponto de apoio do chapéu de Bazilio eram as orelhas; todos os chapéus lhe assentavam bem, com tanto que as orelhas não ficassem inclusas, o que seria impraticavel, sem dar ao chapéu a fórma de uma canôa transversa.

Que a cabeça não cresceu desde os dez até aos dezenove annos, isso vê-se e mostra-se, apesar da sciencia, na serie de chapéus correspondentes aos decorridos nove annos, chapéus, que Bazilio conserva, datados no forro, por mão de seu tio frei Silvestre, que, nos ultimos annos de sua vida, não estudou se não a cabeça do sobrinho, e a estrada da salvação de tres confessadas suas, cujo herdeiro elle foi.

Este phenomenal pousio da cabeça exterior parece que, no interno, foi causa de fertilisação igualmente pasmosa! Bazilio aprendeu a lèr, desmentin-

do o mestre, que apostava pela irremediavel negação do idiota. Em escripta, particularmente no bastardinho, deu invejas aos mais louvados condiscipulos. Em contas, desde as quatro operações até quebrados, foi um pasmar de rapidez e intelligencia! Era um reviramento completo!

Agora, diremos de fugida algumas outras esper-tezas de Bazilio Fernandes Enxertado n'esta sua puericia e começos de adolescencia.

Paredes meias com a loja de mercearia paterna, morava uma doceira, que expunha no peitoril da janella terrea uns tableiros de verga com manjares brancos e pasteis de seu fabrico. Gosavam estes pasteis justos credits de muito bem feitos, tanto assim que a senhora Bonifacia em dias santificados mandava comprar, além do salamin de tremoços, tres pasteis, que merendava com o marido e filho. Bazilio berrava sempre por mais; mas, desde os nove annos, deixou de berrar, por que, segundo elle confessa agora, a respeito de pasteis trazia o bucho tão cheio que lhe chegava com o dedo. Este enchimento de buxo é que é uma esperteza digna de escriptura. Bazilio, quando o deixavam sósinho na loja, cogulava o chapéu braguez de assucar da barrica. Tres chapéus a botar fóra pesavam doze arrateis, e enchiam uma ceira de figos. Assim que elle podia passar a ceira á vizinha, recebia em troca duas duzias de pasteis, que elle escondia debaixo da cama. Esta permutação durou dez annos, duas vezes por semana. Calcula

Bazilio que a doceira lucrou pelo menos n'aquelle espaço de tempo, a seis mil réis mensaes, a quantia de setecentos e vinte mil réis. Ora, como um filho d'esta doceira é em nossos dias commendador de duas ordens, Bazilio, quando acerta de o vêr passar na sua carruagem, costuma dizer: «Aquelle negocea as commendas como a mãe negoceava os pasteis.» Eu não acho graça nenhuma a este remoque; elle, porém, ri-se muito da sua graça; e o commendador ri-se d'elle.

Outra esperteza de Bazilio era a jogar o botão-sinho. No pateo do mestre-escóla havia uma cova, em roda da qual os rapazes se ajuntavam a jogar os punhados de botões. Bazilio tinha uma unha tão certa, que mesmo a distancia incrível apostava a incovar o seu botão, e ganhava, na roda do anno, grozas e grozas, que uma adéla da rua Chã lhe comprava a cem réis a groza. Em dia de liquidação d'este negocio, Bazilio tomava uma fartadella de cavacas de Paranhos, e dava dez réis ás almas, que elle invocava sempre que começava a jogar.

A ultima esperteza de que eu me lembro é ir elle a miudo ao convento de Villa-Nova onde estava como criada uma prima de seu pai, e ia lá a miudo dizer que a mãe estava rouca. A criada ia logo buscar um cartucho de rebuçados de avenca, e o velhaco dava com elles no bucho. Estas e outras espertezas conta o meu heroe, com tamanha satisfação da sua pessoa, que, áparte a semsaboria dos episo-

dios, a gente de gosto deve ouvil-o podendo, para
 fazer uma idéa da felicidade que Deus dá a certas
 pessoas, e da felicidade que Deus tira a outras.

Esta espezterez de Bazilio era a jogar o bolão
 simbo. No palco do mestre-escolla havia uma rola
 em roda da qual os rapazes se ajuntavam a jogar os
 panhados de bolões. Bazilio tinha uma unha tão
 longa, que mesmo a distancia incrível apostava a in-
 covar o seu bolão, e ganhava, na roda de fante
 das grexas, que para abela da sua d'p'ra
 dava a rém réis a grex. Em dia de delicia
 ergoio, Bazilio tomava uma fartabala de
 o Panhos, e dava dez réis ás almas, que
 seava sempre que começava a jogar.

A ultima espezterez de que en métempo
 fundido ao convento de Villa-Nova onde
 como criada uma prima de seu pai, e
 d'ist' que a mãe estava noiva. A
 near um cuncho de repunhos de
 alado dava com elles no palha. Este
 quonza cõque para noo, com
 sabana e as unhas para a

...

de Val-bom e do Reimão. Os vinte annos volvidos de progresso, progresso de trevas em que cahiram aquellas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporaneo, em hora de sinceridade e talvez poesia, diz a alguma d'essas contritas victimas da civilisação:—

II

« Lembra-se a senhora baroneza d'aquellas felizes tardes do savel assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira?—Esta injuriosa pergunta é feita á illustre baroneza em que ella es-

As delicias portuenses do peixe frito,

antes da civilisação.

Custodia banhada pela luz do seculo.

Bonifacia sustenta as saudaveis doutrinas da estupidez.

A senhora Bonifacia era madrinha da filha de um despachante da alfandega. Orçava a menina pela idade de Bazilio. Até aos nove annos chamou-se Bonifacia; depois, como as condiscipulas lhe chasqueassem o nome, crismou-se em Custodia, que era o nome de sua mãe. Não melhorou.

As duas familias viviam muito chegadas, e iam juntas, em dias santificados, merendar ao Reimão, ou a Val-bom, peixe frito, sallada, e azeitonas.

Este peixe frito era n'aquelle tempo um recreio muito dilecto das familias do Porto, já distinctas por abastança commercial. Vivem ainda muitas illustres matronas, que se pejam agora de contarem as ditosas horas da mocidade, que passaram, no peixe frito

de Val-bom e do Reimão. Os vinte annos volvidos de progresso, progresso de trevas em que cahiram aquellas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporaneo, em hora de sinceridade e talvez poesia, diz a alguma d'essas contrafeitas victimas da civilisação: — «Lembra-se a senhora baroneza d'aquellas felizes tardes do savel assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira?» — Esta injuriosa pergunta é feita á illustre dama, no momento em que ella esconde as mãos grosseiras na lustrosa pelle do regalo, ou contorce os pés, saudosos da liberdade antiga, no constrictor polimento, e nas outras muitas compressas dolorosas com que a austera natureza se está vingando.

Venturosas, a mais não poder, eram as duas familias, aparentadas espiritualmente, em cada domingo, que Deus mandava a este mundo! A ordem processional da jubilosa caravana era a seguinte: Na frente iam Custodia e Bazilio dando-se as mãos. Alguns passos a distancia, marchavam n'um andar medurado, grave, ponderoso, e solemne, José Fernandes Enxertado, e seu compadre Manoel José Borges. Alguns passos atraz, iam as senhoras Custodia e Bonifacia, com as mantilhas de durante apanhadas na cintura, as côcas arregaçadas, e os vestidos apanhados, deixando vêr meio palmo da saia branca guarnecida de rendas folhudas, ou assarapantada rêde de bordados. Sobre os alterosos seios de cada uma, cahiam as

roscas dos cordões de ouro, com pingentes de varios feitios, como corações, cruces, medalhas de sagrados lenhos, ou outras santas reliquias.

José Fernandes e seu compadre vestiam regularmente casaca de antigo e forte panno amellado, inchourçada na gola, e fina de abas, cujas pontas se crusavam sobre o artelho. Cada qual tinha sua bengala de canna da India, acastoadada de marfim, com cordões pretos e borlas de retroz. No luxo dos berloques dos relogios, José Fernandes Enxertado levava enorme vantagem ao compadre, posto que este se considerasse melhor servido em fabrica de relógio, cujo tamanho, n'estes nossos dias de coisas insignificantes, daria um regular relógio de parede.

E assim iam os dois afortunados casaes, caminho de Val-bom ou S. Roque da Lameira. As comadres desenferrujavam as linguas a fallarem dos pequenos, do amanho das teias, dos cevados que estavam engordando, dos furtos das lavadeiras, e das massarocas que fiavam as calaceiras criadas. Os compadres fallavam de direitos de alfandega, do modo de enganar o fisco, do contrabando em que alguns visinhos do Enxertado tinham enriquecido, e da maneira de enriquecerem elles tambem, posto que Manoel José Borges tinha uns principios de virtude duros e incombinaveis com o animo ambicioso do já abastado mercieiro. Os pequenos lá iam adiante, ora garrulando atraz de alguma lagarticha, ora colhendo das ribas marginaes do caminho alguma flor silves-

tre, ou amora madura, com que enfarruscavam os beiços, e tiravam d'ahi materia para muito riso, ao qual os pais e mães ajuntavam a sua complacente gargalhada.

Chegados ao quintalejo, onde se comia o peixe frito, abancavam debaixo de uma parreira, em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas cuidadosamente dobradas pelo fêsto, e elles as casacas com igual esmero.

Depois, vinha a bandeja vidrada do savel, regulando a duas postas por cabeça, e um alguidar de alface, que as esposas temperavam, e os maridos mexiam, dizendo cada um seu anexim, sempre o mesmo, a respeito da sallada; por exemplo: «quer-se temperada por um cego» e o outro infallivelmente ajuntava: «e mexida por um doudo». E com isto riam até dizerem que já lhes doiam as barrigas.

A caneca do vinho era commum dos seis. Os meninos limpavam os beiços para heberem, como é de razão que faça toda a gente; mas Bazilio, por brevidade de tempo, ou distracção, limpava os seus ao canhão da jaqueta. — «Não sejas porco, Bazilio!» — dizia a Custodinha; e o menino, em despique da reprehensão, tirava-lhe o lencinho bordado da correia afivellada da cintura, e enxugava n'elle os beiços oleosos. A menina gritava, a mãe franzia o sobrôlho, e Bonifacia e o marido achavam graça á travessura do *cabeçudo*, como a pequena raivosamente lhe chamava.

Esta alegre scena repetia-se sempre, quatro vezes por mez desde março até setembro, e no coração do inverno, em domingo solheiro, lá iam ao linguado, á tainha, ou ao arroz de marisco.

Acabaram-se estas funcanatas, depois de quatorze ditosos annos. Custodia tinha ido, ao entrar nos quinze, para casa de uma professora de piano, onde encontrou condiscipulas cuja convivencia em dias feriados lhe comprazia mais que os passeios a Val-bom. Estas meninas eram já d'aquellas que principiavam a escarnicar das costumeiras burguezas do peixe frito, por que suas mães se haviam já policiado, e davam bailes onde iam doutores, authoridades, e fidalgos das provincias do norte. Custodia, ouvindo isto, foi de má vontade ás ultimas merendas, e ahi de peor semblante recebeu os chistes e selvagens brinquedos de Bazilio, cuja cabeça, como dissemos, já não vegetava n'esse tempo; mas nem por isso em geitos e maneiras o mazorro do rapaz se compozera melhor.

Era de vêr que Custodia lhe retirasse a pouco e pouco a confiança dos annos pueris; elle, porém, teimava em lhe puchar pela saia, e atirar-lhe bolinhas de pão á cara, quando estavam meredando. Os gestos infadados da menina desagradavam á senhora Bonifacia, que descomedidamente dizia á comadre:

—A minha afilhada está-se fazendo muito discreta! Vocemecê não vê aquelles modos de serigaita, desde que toca no cravo?

—É que ella está quasi senhora, e bem vê, minha comadre, que os genios mudam com os tempos —dizia a senhora Custodia.

—Ora mudam! ella é que se está a querer fazer alguem que vem de algures! Quando o meu Bazilio lhe diz alguma graça, ella faz uma carêta, e berra: «Deixe-me, que me amarrota.»

—Pois ella! —tornava a prudente comadre— coitada! tem lá os seus vestidinhos de cassa, e não quer que lh'os amarrotem. Nós, senhora comadre, quando eramos da idade d'ella, faziamos o mesmo.

—Sabe que mais, comadrinha? —replicava a senhora Bonifacia, cada vez mais assanhada com as satisfações meio prudentes e meio ironicas de Custodia —Dê-lhe nas ventas para traz á rapariga, senão olhe que não sei, mas... boa sahida não lhe dá ella... Isto de meninas, quando entram a cuidar que são bonitas, e a olharem muito para a sombra... a coisa não vai boa!... Eu, se fosse a vossemecê, comadre Custodia, o que fazia era mandal-a trabalhar em casa. Tocar piano? de que serve tocar piano?! Deixe isso lá ás ricas, e cuide de fazer a sua filha boa mulher de casa, e arranjadeira, que é o que quer um marido!

—Pois, sim, sim —atalhou Custodia— mas a comadre que quer?! O meu Manoel embirroou p'ro piano, e não ha remedio a dar-lhe. Depois, quer tambem que ella cante, e aprenda o francez...

—Ai! que está o mundo perdido! —clamou Bo-

nifacia, com as mãos na cabeça—Ó mulher! meu compadre está doudo?

—Ágora está! bemdito seja o Senhor, doudo não está elle.

—Aprender francez uma rapariga que não tem, por morte dos pais, se não o dia e a noite!... Jesus, santo nome de Deus! Padre, filho, e espirito santo! Esta cá me fica! Ó comadre, vocemecê diga ao seu homem que tenha juizo; e, se lh'o não quer dizer, digo-lh'o eu, ou mando lá o meu José! Vosês botam a perder a moça! Estão a encher-lhe a pelle de vento, e depois verão como ella vai por esses ares fóra que não ha quem tenha mão n'ella!

—Não ha de ser assim, se Deus quizer—redarguiu pacificamente Custodia, lançando a mantilha com disfarçado enfadamento—Lá por ella ser pobre, isso, comadre Bonifacia, pobres só são os da graça de Deus. Os ricos comem tres vezes, e os pobres uma.

—Ó mulher!—interrompeu a mercieira—Não vá zangada, que eu não lhe disse isto por ter mais alguma coisa que vossemecê. Bem sabe que soberba é coisa que não entra em minha casa. Ha muitos annos que nos conhecemos, e eu nunca me envergonhei de andar com vossemecê por essas ruas da cidade.

—Pois a senhora comadre não tinha de que se envergonhar! Meu marido é pobre, mas honrado como os que mais o são, e mais do que muitos que passam por o serem.

— Quem lhe diz menos disso?

— Ninguem, louvado Deus! isto veio á conta de vossemecê dizer que andava comigo pelas ruas. Pedi-lhe eu alguma coisa, comadre?

— Não, e se pedisse havia de achar-me.

— Quando iamos a Val-bom, o seu homem pagava uma vez, e o meu outra.

— Olha que mulher!... Abre-te-nuncio! quem lhe falla agora em pagar?

— Queria eu dizer, senhora comadre, que os pobres não pesam aos ricos, e que eu, com a minha pobreza, dou tantas esmolas como vossemecê com a sua abundancia.

— Ó mulher! — retorquiu já abespinhada a mãe de Bazilio — Eu estou-lhe a fallar na Custodia, e vossemecê a dar á cravelha p'ró outro lado!

— A Custodia ha de aprender o que seu pai quizer que aprenda. A senhora não tem nada com isso; e ella, se fizer o mal, p'ra si o faz! Adeusinho, fique com a graça de Deus.

— Venha cá, comadre!...

A senhora Custodia não retrocedeu: ia a fumeigar, e a resmungar, como quem dissera menos do que devia.

Bonifacia amezendou-se no esteirão com um arremeço de raiva concentrada, e murmurou:

— Má mez p'ra ella! Olha a pobretaina que soberba tem! Comigo ao peixe frito não tornas tu! Anda lá qué estás creando uma filha d'aquella cas-

ta! Assim é que o demonio as quer! Francez e piano! Ora, já viram!? Eu sou rica, e não quero que o meu Bazilio aprenda mais do que sabe; e ella que não tem onde cáia morta... Eu t'arrenego, coisa ruim!

E, assim monologando, ia cozendo uma sacca de carregar arroz, em quanto Bazilio passava a ceira, do assucar á visinha dos pasteis.

O heroe em mangas de camisa.

Manoel José Borges era inclinado a grandezas e andava de mãos avencas com a mediania dos seus recursos. Claramente se nos revela o arrojado animo do despachante da alhandega, que faz ensinar a filha, e tenciona illustral-a com a lingua franceza, geographia, e historia.

Custodia... Já não era Custodia. Ah! a temos agora com um terceiro nome. Aceite-m'a o leitor segunda vez christmada em Itevína, e desculpe-a, que o nome da primeira christma era tão desgastoso e plebeu como o do baptismo.

Custou dissabores á mãe este desprezo do seu nome; porém, o pai apoiara e deterra ao reducimento da filha, documentado com sinceras lagrimas e seductoras caricias. E que as condiscipulas a molestavam com risinhos; e, de mais a mais, a mes-

la! Assim é que o demónio se quer! Francez e pia-
no! Ora, já viram!? Eu sou rica, e não quero que
o meu Basilio aprenda mais do que sabe; e ella que
não tem onde caia morta... Eu l'arteneço, coisa

E, assim monologando, ia cozendo uma sacca de
carteas ritoz, em duan III Basilio passava a conta
do assucar a vizinha dos pasteis.

● heroe em mangas de camisa.

Manoel José Borges era inclinado a grandezas,
e andava de más avenças com a mediania dos seus
recursos. Claramente se nos revella o arrojado ani-
mo do despachante da alfandega, que faz ensinar
piano á filha, e tenciona illustr-a com a lingua
franceza, geographia, e historia.

Custodia... Já não era Custodia. Ahi a temos ago-
ra com um terceiro nome. Aceite-m'a o leitor se-
gunda vez chrimada em Itelvina, e desculpe-a, que
o nome da primeira chrima era tão desgracioso e
plebeu como o do baptismo.

Custou dissabores á mãe este desprezo do seu
nome; porém, o pai apoiara e deferira ao requeri-
mento da filha, documentado com sinceras lagrimas
e seductoras caricias. É que as condiscipulas a mo-
lestavam com risinhos; e, de mais a mais, a mes-

tra tomára uma cosinheira chamada Custodia, e as meninas travêssas, para estremarem a condiscípula da criada, faziam o favor injurioso de a denominarem *Custodia* 1.º

Itelvina, pois, com mudar o nome, até no espirito se sentiu mais senhoril. Esta apparente futilidade deixa de ser absurda, se meditarmos que, no sexo forte, ha casos d'estes: tal sugeito, que hontem humildemente se assignava com um appellido vulgar, accrescenta ou substitue a capricho a herança dos modestos avós, e como que sente algum grande effeito de uma operação tão simples. A indole mesma do homem se recompõe, ao que parece. Creio que era o actor Keen que pensava heroicamente na estação em que representasse o papel de Coriolano ou Cezar. Não é muito que a mudança de appellidos, proveniente de um desejo de nobilitar com elles o nome, influa muito no moral da pessoa. Um homem, chamado Pedro Dias não tem obrigação de ser tão levantado de espiritos como outro que se chama Pedro Mascarenhas. Mudai o plebeu *Dias* no heraldico *Mascarenhas*, e tereis feito de Keen um Cezar. É comedia, isso é verdade; mas o que é este mundo senão comedia?

Itelvina aprendêra a dançar; e com muita elegancia o fazia. Aqui vem o relanço de se dizer algumas poucas palayras do exterior d'esta menina, que vai em dezoito annos, idade em que a natureza não tem mais que dar.

Era Itelvina pouco de si em quanto a carnes, construida mui a sabor dos melhores poetas, os quaes folgam muito de vestir ossos de flores, como os rapazes que sobre um pausinho formam vistoso palmito de cerejas.

A magreza, porém, era grande parte para os captivantes realces da elegancia: isto gosam as senhoras magras, que formam a cintura onde lhes praz, e corrigem a natureza, sovina em ilhargas e hombros, com algumas pastas de algodão, especie de fôfo ninho onde o amor se esconde, armando ciladas a incautos.

Itelvina, bem amestrada por algumas condiscipulas de compleição delicada, vestia-se a primor, e tão farta dos relevos, que mais ferem olhos de duvidosa castidade, que sua mãe, a comedida senhora Custodia, a primeira vez que assim a viu *tirada das canellas*, como plebeamente dizia, lembrou-se dos agouros de Bonifacia, assim formulados no anterior capitulo: « Vossês botam a perder a moça! Estão a encher-lhe a pelle de vento, e depois verão como ella vai por esses ares fóra que não ha quem tenha mão n'ella. »

Voltando ao esboço dos encantos de Itelvina, afóra os artificios e composturas necessarias, hei-de dizer em muita verdade que a filha de Manoel José Borges tinha dons naturaes, que bastavam a distinguil-a entre muitas meninas sympathicas, senão bonitas. Olhos negros, e cabellos negros em rosto oval e pallido, labios breves e escarlates, nariz fino coando

no setim das cartilagens uma luz rosada, brilhantes dentes, que pareciam querer velar sua modesta belleza na brevidade do sorriso. Se isto não é riqueza natural para muito valor de uns dezoito annos, não sei bem o que é formosura!

Exceptuarei pé e mão. Ahi é que a natureza obedeceu ao característico d'aquella familia. Itelvina flagellava os pés, com a paciencia de uma chineza, e aleijava as mãos no intuito de aperfeicoal-as. Era a desgraça da triste menina; mas mal sabia ella que tinha compensações de sobra para se não lastimar nem macerar-se em occultos supplicios, e taes que poderia ganhar o ceu com muitos menos, se aspirasse á bem-aventuranca infinita, e não a um pequeno pé. Faz pena este desconcerto; mas é verdade! Pobres mulheres, que tanto soffrem por amor de nós, e nós barbaramente rimos d'isto! Eu não; nem tu, meu presado Karr, que já protestaste contra o riso insultador dos que zombam da mulher idosa que nos quer mentir mocidade para nosso bem!

Itelvina, como se disse, dançava com summa graça; a graça de 1847, que não era esta pesada, hirta, britannica, e funeraria andadura das contradanças dos nossos dias. Onde a seriedade se foi anichar nas danças!

Viu-a o pai bailar com tres amigas, que a visitaram n'um domingo de tarde, e gostou muito da prenda. A senhora Custodia, que constrangidamente accceitava o *dom* das condiscipulas de sua filha, con-

formou-se com o gosto de seu marido, e achou que a sua Itelvina a dançar era muito mais bonita e airosa que as outras. Era isto verdade, nada encarecida por amor maternal.

Sucedeu, dias volvidos, algumas familias do commercio mediano combinarem alugar uma espaçosa casa onde se reunissem aos domingos, e formassem bailes, concorridos por pessoas capazes, segundo a rigorosa escolha da direcção. Deu-se logo execução à innocente e civilisadora traça. Alugaram casa na rua de Santo António do Penedo, a casa chamada do *Christóvão*.

Muitos caixeiros se alistaram na sociedade, que foi mythologicamente chamada *Therpsichore*. Dançavam ali, desde as tres horas da tarde, exercitando-se, os caixeiros que, ao anoitecer, iam vestir as casacas para voltarem.

Manoel José Borges foi convidado a pertencer a sociedade na qualidade de director. Aceitou a honra, e o encargo de levar sua familia aos bailes domingueiros.

Era coisa nova para D. Custodia o baile. (Seria teima descortez não antepôr o *dom* ao nome da consorte de um director da *Therpsichore*!) Chegara aos quarenta e dois annos a digna esposa do laborioso despachante sem saber o que era vestir-se em corpo, e sahir de casa sem a sua mantilha.

Itelvina fez impressão, quando entrou na sala. Vestia de branco, como as suas tres amigas, filhas

de um negociante de solla da rua do Souto, com as quaes, já notadas por sua elegancia, se vestiu. Era a rainha do baile; todos os caixeiros sabiam dizer que era ella a rainha do baile.

D. Custodia, como é de vêr, quiz que sua filha, no fim de cada contradança, fosse sentar-se á beira d'ella; porém, ao terceiro convite, a cautelosa mãe consultou o marido por estes termos:

—Ó Manoelsinho, olha que a menina já bota os bôfes pela bocca fóra! Não a deixes bailar mais.

—Isso não póde ser—respondeu o despachante, que se presava de saber as leis da etiqueta.—É incivildade regeitar os convites. Deixa dançar a pequena, que está no seu tempo.

N'este lanço, entrou na sala Bazilio Fernandes Enxertado, que era socio fundador da Therpsichore.

—Já viste a rainha do baile?—perguntou-lhe um retrozeiro visinho.

—Quem é?!—acudiu elle.

—Acolá a tens: é a filha do Manoel Borges despachante.

—A Custodinha?! É verdade! deixa-me lá ir.

—Conhece-la?

—Ora, se conheço! é afilhada de minha mãe.

Bazilio chegou ao pé de Itelvina, no momento em que ella se erguia para ir dançar com um sujeito de bigode e pèra, aspeito nada commercial, e maneiras delicadas.

—Estás por cá, Custodinha?—disse Bazilio com toda a sincera e brutal alegria de quem não via a sua amiga de infancia, desde a ultima merenda de Val-bom, um anno antes.

Itelvina purpureou-se levemente, quando Bazilio a interrogou pelo seu abominavel ex-nome de Custodia, e não responden.

O sujeito, que a tinha já encostada ao braço para romper a valsa, encarou Bazilio de certo modo, e logo em Itelvina com ar de estranheza; e, vendo que nem elle repelia a pergunta, nem ella respondia á palerma suspensão do enfiado meço, entrou no redemoinho dos valsantes, deu algumas voltas, e parou no lado fronteiro.

Bazilio, quando os viu parar, rompeu por entre os pares que dançavam, e foi direito á afillhada de sua mãe. Estava a menina respondendo aos reparos do seu parceiro, que lhe perguntara o nome d'ella, accrescentando:—«Disseram-me que v. ex.^a se chamava Itelvina; e aquelle sujeito, que me pareceu tolo, chamou-lhe Custodia.»—N'isto, chegou Bazilio, e disse-lhe com desabrimento:

—Já me não conheces, ó Custodia?

—Conheço, porque não hei-de eu conhecer-te?
—balbuciou Itelvina.

—Podia ser, por que já te não vejo ha mais de anno. A ultima vez foi no peixe frito em Val-bom. Lembras-te?

Itelvina corou; e o parceiro, que tinha estado

em Cintra, onde a musica em frente do Paço se chamava o *peixe frito*, cuidou que os portuenses, por imitação, tambem assim denominavam os seus recreios philarmonicos em Val-bom.

—Estás uma mulher, Custodia! — continuou Bazilio.

—Esta senhora não se chama Custodia — disse o sujeito.

—Não?! ora essa!... quer o senhor ensinar-me a mim como ella se chama? perguntou Bazilio com mal humorado riso.

—Sou Itelvina — acudiu a menina.

—Então mudaste outra vez?! — tornou Bazilio — Se assim vais, gastas os nomes todos!

O filho de Bonifacia achou que tivera graça, e riu-se muito da sua lembrança.

O desconhecido do bigode cingiu outra vez Itelvina, girou algumas voltas, e foi sental-a ao pé da mãe, que suava de atrigada, por vê-la andar tanto tempo ao redor, e cuidar que sua filha estava oirada.

Este sujeito, antipathico aos caixeiros, era um provinciano, filho do director da alfandega de Bragança. Chamava-se Henrique Pestana. Teria vinte e cinco annos. A presença era insinuante, distincta, e como de pessoa habituada a viver em salas, e tratar senhoras. Havia elle cursado a faculdade de direito até ao terceiro anno, sempre mimoso de *rr*: d'ahi em diante, como a vida sujeita lhe não quadrasse, Henrique fez da batina e capa um pretexto

para a mezada, e creou renome de bom jogador de bilhar, optimo bebedor de cognac, e — o que mais espanta — renome de talento!

Isso tinha Coimbra de ha quinze annos. Se um moço palavroso, satyrico, desleixado em sua compostura, ebrio, insultador de verdeaes, maldizente de mestres, não conseguia a estimação publica, era pelo menos certo grangear fama de talento, e um desgraçado prestigio entre seus contemporaneos mais convisinhos dos seus vicios. Estava inscripto no numero de taes glorificações Henrique Pestana, e tinha invejosos amigos que andavam á porfia de o igualarem, ao menos, na faculdade absorvente dos liquidos, já que não podiam emparelhal-o no gume do sarcasmo e exquisitece das zombarias.

O pai de Henrique, pessoa de mean fortuna, sacrificava-se á formatura do seu unico filho, e sacrificou-se ainda já depois que Henrique deixara a universidade, e fôra para Lisboa, onde vivêra dois annos uma folgada e libertina vida. Ameaçado de abandono pelo pai, sahiu de Lisboa, em direcção a Bragança, e obteve licença do velho para demorar-se no Porto, durante a época do carnaval, que era n'aquelle tempo, o que Veneza talvez não fosse nunca.

Alguns condiscipulos portuenses, e nomeadamente Alberto da Gama, e o litterato Ervedosa, os dois mais desbragados esturdios do Porto de 1847, acamaradaram-se com o velho confrade de Coimbra, e reviveram as bambochatas de avinhada memoria.

Alberto da Gama, como filho de um negociante de algodões, conseguira ser acceito na sociedade Terpsichore; e o litterato, que se fazia medonho com a insolencia caustica do seu noticiario, obtivera fazer-se approvar, não obstante uma maioria de vinte e sete favas negras no primeiro escrutinio. A fava é, desde muito, a representante das consciencias que opinam sobre o merito das outras.

Henrique fôra apresentado aos directores da Terpsichore por Alberto da Gama, e comportou-se cavalheiramente no primeiro baile, bem como o Ervedosa, que, n'um excesso de longanimidade, escreveu, n'uma local de meia columna, que o serviço fôra profuso, e que as damas, em numero de cinquenta, podiam disputar belleza ás circassianas, e virtude ás onze mil virgens. Com o que, directores e pais de familia ficaram contentissimos; e, no baile seguinte, que é este em que estamos, offereceram a Ervedosa um caldo de galinha, uma hora antes da distribuição geral, que era ás duas horas da madrugada.

Henrique, depois que Itelvina, esbofada de valsar, se sentara ao lado da mãe, foi procurar Ervedosa e Alberto da Gama, e encontrou-os na dispensa, comendo pão de ló, e provando (provando, santo Deus!... tresfegando, é o termo) os vinhos velhos, diaphanos e limpidos como topasios, com grande gaudio de alguns directores não menos perdularios que beberrões.

Arranchou Henrique ao destroço da garrafeira

economica, em quanto o mais liberal dos directores, dando vivas á bella rapasiada, mandava, a expensas suas exclusivamente, buscar um pipote de Douro de 1830 para supprir o desfalque.

Os tres amigos sahiram da dispensa com um crescimento de vida, e uma felicidade tão sincera e suprema, qual a não sentiria a humanidade, se voltasse ás condições bem-aventuradas de Eva e Adão, como o naturalista Buffon as imaginou.

Entraram á sala, onde as muitas luzes, a musica, e as mulheres de branco e rosa, lhes acrisolaram o arrobo das visões.

—É aquella! disse Henrique, indigitando Itelevina, que passava arrebatada nos braços de um caixeiro.

—É filha do meu despachante—disse Alberto— Já lhe quiz fazer a côrte, cheguei a mandar-lhe um ramo de flores pela criada da mestra, e ella poz as flores ao seu Santo Antonio.

—Sabe fallar aquella mulher?—perguntou Ervedosa.

—Correntemente—disse Henrique—Perguntei-lhe se n'esta sala estava o objecto dos seus cultos, e ella respondeu-me que não tinha objecto de cultos. Depois, abordou-nos um pelludo de cabeça quadrada chamando-lhe Custodia.

—Chama-se Custodia ella!?!—atalhou o litterato.

—Chamou-se Custodia: agora é Itelevina... Amo-a! Sabem vossês o que é amar com o coração n'um ba-

nho de vinho do Porto? Amo-a, como Seneca amava a virtude, n'um banho de agua; e como Marat amava a liberdade n'um banho de sangue!

—Eu tambem a amo!—exclamou Ervedosa, a tregeitar truanescamente, chamando assim a attenção de alguns homens gordos e graves.—Vou-lhe dizer que a amo como a lua ama o lago, e o lago as estrellas, e as estrellas o lago!

—Não berres que nos observam, e põe-nos fóra!—interrompeu Alberto, simulando uma seriedade que o verniz dos olhos e as difficuldades em manter o aprumo desmentiam.

A eloquencia do noticiarista não se abafava com meras considerações. Proseguiu declamando, e o bacharel rindo, e Henrique Pestana cascalhando tambem dos tregeitos iracundos dos burguezes, que se iam perfilando em roda. Um d'estes, mais cioso da seriedade prescrevida nos estatutos da Therpsichore, (capitulo 2.º, § 3.º) sacudiu os braços e a cabeça, manifestando sua indignação, e tirou do peito estas judiciosas palavras:

—Aqui anda vinho de mais, ou eu não sou Antonio José da Silva!

Ao que os seus amigos, unanimes em tíno e opinião, responderam:

—Estão que se não lambem! Cuidam que isto é taverna! *etc*

Ervedosa mediu de alto a baixo os qualificados do seu vinho, e disse:

— Onagros! que estúpida Circea fez d'estes certos homens de casaca!?

Posto que os illitteratos burguezes não entendessem a mythologica apostrophe, adivinharam instinctivamente que eram insultados em suas casacas, pelo menos. Em razão do que, o mais laconico de todos, replicou:

— Fóra, bebados!

Alberto, mais insofrido que o jornalista, e mais conhecedor dos sujeitos que tão grosseiramente o invectivavam, começou discorrendo ácerca de cada um dos cinco presentes directores da Terpsichore. Ervedosa e Henrique compunham um côro de gargalhadas, ao estrondo das quaes acudiram muitos caixeiros, e Bazilio Fernandes Enxertado, de peor semblante que os mais.

— Ponham-se fóra estes pandilhas!—vociferava um director, mercieiro da rua das Congostas.

— Fóra! fóra! —conclamaram em grita descomposta os outros, sendo algum tão ousado que chegou a empurrar Henrique.

Este ousado era Bazilio, cujos assomos brutaes se explicam pelo ciume, ciume que rebentara juntamente com a primeira florinha de amor de sua alma; florinha não; melhor se dirá cardo de amor, que lhe estava picando o coração, com toda a fereza do instincto selvagem, que assanha o gato aos primeiros calores de paixão pela femea, requestada de outros.

Henrique Pestana, sentindo-se empurrado pelo inxovêdo que fizera córar Itelvina, deu-lhe com as costas da mão direita enluvada uma sonora bofetada na face. Arremetteram contra Henrique alguns que vinham de roldão com outros aggressores. Alberto e Ervedosa iam innovelados na chusma; o bacharel, porém, vendo-se em risco de ser espalmado contra uma porta, subiu de um salto ao costado de um burguez, que o sacudia de si com phreneticos repellões.

Soava rijo o baque das quedas ao descer as escadas aquella tumultuosa chusma, e os murros iam já tangidos ao acaso de modo que uns aos outros os caixeiros se iam equivocamente socando. Fôra causa d'este pugilato ás cegas ter Ervedosa quebrado a lampada que alumiaava as escadas. Quando o ladrilho do pateo se aplanou, e a luz do lampião da rua fez que os inimigos se reconhecessem, a guerra ia ser de novo travada com infausto successo para os tres perturbadores da ordem.

Aconteceu, porém, que Alberto e Henrique tivessem carruagem a esperal-os para irem d'ali a outros bailes carnavalescos, e que o bolieiro de Alberto fosse um valentão, affeito a quinhoar das extravagancias do freguez, que liberalmente lhe pagava a coragem. Apenas o bolieiro ouviu o estrondo e vozzeria na escada, saltou do trem ao pateo, reconheceu a voz de Alberto que o chamava, e avançou contra os aggressores compactos, empunhando uma teme-

rosa navalha. Fizeram todos pé atrás, excepto Bazilio, que não tinha mão do seu furor, e se atirara com unhas e dentes ao pescoço de Henrique. O bolieiro tomou-lhe as abas da casaca, sem mais intento que sacudil-o por ellas; porém, como quer que a casaca fosse muito larga, por ser do pai, Bazilio, ao despregar as garras do pescoço de Henrique, sentiu que a casaca lhe fugia do corpo, e achou-se em mangas de camisa. O ebrio bolieiro, agitando o tropheo, sahiu à rua, cavalgou, deu de esporas, e chamou a grandes brados os tres amigos, que a muito custo se poderam desapressar da multidão, que os cerrava outra vez, e conseguiram entrar na carruagem.

Bazilio Fernandes seguiu ainda a locomotiva, perdendo a casaca a uma pasmada patrulha que o mandou queixar-se ao regedor, visto que a policia municipal não podia andar atrás de ladrões que despiam os passageiros dentro das carruagens.

Em quanto Bazilio, se ia, em mangas de camisa, a casa, no proposito de vestir a jaqueta, e pedir justiça ás leis, a sua casaca, arvorada na portinhola da carruagem dos ebrios, passeava as ruas do Porto, e entrava alçada n'um cabo de vassoira no sordido theatro de Liceiras, até que uma loureira entrajada de pastora, com consentimento de Ervedosa, enliou a casaca do honesto José Fernandes Enxertado, e a qual já tinha perdido nas mãos de um gaiato a aba esquerda.

Que destino teve a pudibunda casaca do casa-

mento, do baptisado, do dia natalicio, do voto eleitoral, da semana santa, e da festa das almas de Santa Catharina, cuja mordomia andava desde muito em José Fernandes!

Que destino!...

Ali, n'aquella funesta noite, se desfez a pedaços nos hombros de uma collareja, que baforava agua-ardente e peste por todos os poros!

mento, do baptisado, do dia natalicio, do voto eleitoral, da semana santa, e da festa das almas de Santa Catharina, cuja mordomia andava desde muito em

Jose Fernandes!

Que destino!

Ah, n' aquella funesta noite, se desfez a pedago nos hompros de uma collreja, que palavra aguarde e peste por todos os poros!

Afoga-se Bazilio, e desafoga-se milagrosamente.

Conta Bazilio Fernandes que sua mãe se apiedara d'elle, e o salvara das iras paternas, inventando que a casaca fôra roubada da parreira do quintal, onde estava a assoalhar. Diz mais que tivera casaca nova depois de haver mettido n'essa empreza alguns amigos de seu pai, directores da Terpsichore.

Os bailes continuaram em boa ordem até á primavera de 1848. Escusado é dizer que Alberto, Henrique, e Ervedosa foram expulsos, como indecentes, mediante um triplicado officio da direcção. O litterato, porém, imaginoso em toda a casta de escandalo, em um dos bailes mascarados da Terpsichore, com os seus dignos amigos, mascarados em membros do conselho dos dez, entraram subitamente na cosinha

da sociedade, e roubaram com violencia tres galinhas, que ferviam na panella, aggravando o crime com a circumstancia de sacudirem á cara do cosinheiro a agua fervente das galinhas emergidas do pote. Este facto foi publicado nos jornaes d'aquelle tempo, e censurado em termos severos pelos redactores, a quem estava confiada a moralisação da terra, e o desbaste dos muitos vadios, que a deslustravam.

Bazilio, desde aquella noite, ficou amando a afilhada de sua mãe, com uma paixão digna de pessoa, que podesse ser tratada mais seriamente n'um romance. Ha ahi ferventes e magnificos affectos que morrem obscuros por causa dos individuos. Taes amores são assumptos estragados, que nem aos romancistas aproveitam. É pena! Deu Bazilio em não comer, e entrou a desmedrar. Via-o Bonifacia com olhos de mãe; entrou-lhe n'alma, e arrancou-lhe o segredo de envolta com algumas duzias de suspiros puchados de dentro.

Bonifacia, commovida, e ao mesmo tempo consolada com a pequenez dos motivos de tamanha angustia, exclamou:

— Ó menino, eu cuidei que tinhas outra coisa!... Quando mal, nunca maleitas, diz o ditado. (A senhora Bonifacia tinha cabedal de annexins, que applicava a trôchemôche.) Lá o gostares da moça, Bazilio, isso não tira nem poem. É tributo que pagou teu pai, e teus avós. Que estás tu ahi a chorar? Quem te quita de gostares da minha afilhada?

—Ella não me quer—atalhou Bazilio entalado de grossos suspiros.

—Não te quer?!—disse roixa de raiva a senhora Bonifacia.

—Não, senhora mãe: anda lá namoriscada de um figurão, que estudou para doutor, e não me dá cavaco.

—Olha a valdevinos que se pentêa p'ros doutores!—tornou a senhora Bonifacia, mettendo as mãos nos soyacos, e bamboando a cabeça, postura muito sua, quando a indignação lhe senhoreava o genio regularmente phleugmatico.—Pois a delambida atreve-se a fazer-se de manto de seda com o meu filho! Ella!... que não tem nada de seu, senão o palmito da cara, que, a fallar a verdade, não é lá essas coisas por hi além! Ha melhores caras que a sua, e de mais a mais, raparigas de teres, que tomaram ellas o meu filho! Sabes que mais, Bazilio? que a leve a breca, e mais não leva coisa boa! Deus me perdôe! Meninas não te cansam n'esse Porto. Quando fôr tempo de casares, tu verás como ellas te apparecem a pedir de bocca, filhas de negociantes, e dotadas.

—Não que eu não quero outra!—interrompeu Bazilio, embebendo uma lagrima bogalhuda no canhão da jaqueta de cotim—Gosto d'ella, e de mais nenhuma. Se não casar com ella, atiro-me ao poço.

—Credô! tu estás endemoninhado, rapaz! Olha que, se teu pai te ouve isso, não te quero estar no

coiro! Pois tu estás assim azoinado por a moça?! Olha que eu mando-te benzer, Bazilio! Ahi anda feitiçaria, Deus-me valha!

Não estancavam as lagrimas do mazorro joven, nem os soluços consentiam áquelle peito desafogar-se em palavras. A mãe affligida aconchegou do peito a grande e dura cabeça do filho, e abarcou-a nos braços com carinhoso amplexo.

A maviosa scena foi presenciada por José Fernandes, que entrava inesperadamente, para encher dois sacos do milho da grande caixa, que era o principal adorno da sala.

— Que é isso?! — exclamou o mercieiro — vossês estão a choramingar?! Fallem! desentupam-se!

— Não queres ouvir, José? — disse a senhora Bonifacia, erguendo-se do tamborete, e escondendo as mãos nos sovacos — Não queres ouvir? A tua afilhada faz-se fina com o nosso Bazilio, e anda lá a doidejar com um parvilho.

— E tu que te importa isso, e mais elle?! — perguntou José Fernandes — Deixa-a lá, que a leve o demo. Não é nossa parente nem adrente. E então vossês choram á conta d'isso? Que diâncio tens tu, Bazilio?! O moço, como tivesse os gorgomilos prenhes de soluços, não respondeu. Insistiu o mercieiro na pergunta, engrossando a voz. A mãe indiscreta, mal cuidando as ruins consequencias da revelação, chamou o marido lá dentro, e contou-lhe o affecto de Bazilio a Helvina.

— Ah! pois elle é isso? — disse José Fernandes, sorrindo de certa maneira, que assustou a esposa. — O rapaz anda desenfadado. Isso passa-lhe depressa, se Deus quizer... Anda tu d'ahi ajudar-me a encher os sacos de milho.

Foi a senhora Bonifacia, ainda suspeitosa do agradável do marido, que, no dizer d'ella á comadre Custodia, não era boa rez, quando se ria com certo geito.

Estava o primeiro sacco de cinco alqueires cheio, quando José Fernandes chamou Bazilio. Entrou o rapaz cabisbaixo, esperou as ordens do pai, que estava enchendo o segundo sacco.

— Rapaz — tornou José Fernandes — põe ao lombo este sacco, e leva-o á loja.

Bazilio ficou passado, e poz os olhos em sua mãe, que exclamou em tom de affectuosa supplica:

— Ó José, tu queres que o teu filho carregue com este sacco?

— Quero, e ha-de leyal-o. Eu te tiro o ocio, pedação de mariola! Vamos! sacco ás costas, e é andar com as ventas p'ra diante!

— Eu te ajudo, Bazilio! — tornou a senhora Bonifacia lagrimosa — pega tu de um lado, que eu pego do outro.

— Não quero! — bradou iracundo o mercieiro — hade leval-o sosinho, e se me estás a ralar a paciencia, olha que lh'os ponho ambos ao lombo!

Bonifacia acocorou-se a um canto a soluçar, em

quanto o marido ajudava a erguer a carga sobre o hombro do moço, que se dobrava e gemia.

— Leva, e vem buscar o outro depressa. O vicio ha-de sahir-te do corpo — disse ainda o austero burguez.

Bazilio tinha pulso, e nascêra para aquillo. Foi e veio sem lesão de nervo ou musculo. Pegou do segundo sacco, sem erguer os olhos do chão.

— Depois — disse ainda o pai — ajuda o carreiro, que está na rua, a carregar duzentas ceiras de figos, dez sacas de arroz, e seis quintaes de bacalhau, percebeste?... Não respondes, Bazilio? percebeste?

— Percebi, sim, senhor.

— Ora vamos! é andar; eu te porei o diabo fóra do corpo.

Bazilio, com grande espanto dos visinhos, ajudou a carregar a fazenda, puchou ao cordame passado pelos estadulhos do carro, e esteve com a agulhada diante dos bois, em quanto o carreiro foi beber uma pinga, com que José Fernandes costumava alegrar os carrejões dos logistas seus freguezes estabelecidos nas poyoações do Minho. Terminado este serviço, o mercieiro chamou o filho para diante das balanças de pau, e mandou pesar algumas barricas de assucar, e sacas de arroz, na qual occupação o prendeu em todo o dia.

Quinze, ou mais seriam os dias d'esta dura iniciação, até que o rapaz, quer se constipasse na humidade do armazem, quer se lhe desmanchasse o

systema nervoso, começou a queixar-se de frio, e a tremer. Não obstante os sodoriferos, a febre sobreveio, aggravada por delirios, e com todos os symptomas de escarlatina. Esteve debruçado nos alçapões do reino escuro o desventurado Bazilio, que, em suas exaltações febris, denunciava o estado peccador da sua alma, dizendo mil branduras, á mistura com pragas, á ingrata Itelvina.

A lastimosa mãe accusava o marido da morte do filho, lançando-lhe á cara o trabalho de moiro, que lhe dera, até que o pobre menino perdeu a saúde. José Fernandes, já arrependido de sua dureza, e remordido pelo remorso, fez voto de aliviar o filho da labutação dos armazens, se elle arrijasse da doença.

As muitas orações e promessas da senhora Bonifacia, auxiliadas pela medicina, e um pouquinho pela natureza robusta do enfermo, salvaram-no. A convalescença foi muito desvellada tanto por a mãe como pelo pai, que cumpriu rigorosamente o seu voto.

No goso de sua inteira saúde, Bazilio sentia o coração cada vez mais derrancado. Á proporção que as forças da materia se recobravam, tambem as da alma puchavam por elle. A mãe sabia isto, era sua discreta confidente, aconselhava-o, queria desvial-o da tolice; porém, ensinada pela experiencia, não dizia palavra ao marido a tal respeito.

No ultimo domingo de julho de 1848, era a celebrada romaria de Santa Anna de Oliveira, situada

a curta distancia do antigo convento d'aquelle nome, na margem esquerda do Douro, a uma legua do Porto. É esta uma das popularissimas festas, que, apesar da descrença, do despoetisamento das turbas, e da apagada e tediosa civilisação, prevalece ainda com algum brilho do seu antigo resplendor. Ha quinze annos, abalavam-se os espiritos na vespera da festa de Santa Anna de Oliveira. A alvorada d'este dia era uma alvorada de geral alegria na classe commercial, e nos homens mechanicos da laboriosa cidade. Ao repontar a aurora do bello dia de julho, o Douro que banha o Porto, desde o caes da Corticeira até o de Massarelos, retratava em suas aguas serenas e cristalinas as bandeiras e listrões de vistosas côres, que os ultimos bafejos da viração matutina ondulavam brandamente, sobre os mastros dos barquinhos, e na orla dos pavilhões que os defendiam do calor. Ao lampejar trememente do sol nas cristas da serra doirada, lá n'aquelles tão poeticos longes das montanhas, começavam as familias a desembocar das estreitas ruas de Miragaya, das arcarias escuras de Cima-do-muro, da magestosa rua de S. João, e de quantos becos descem do antigo burgo, que lá se está esboroando aos pés da cathedral.

Que formoso de vêr-se era o espectaculo observado da outra margem do rio, das praias da gentil Gaya, que, vista de longe, faz pensar que por ali demora ainda a encantadora castellã, dando ás suas collinas, que tão barbaramente a viram morrer, al-

guns toques de sua magica varinha! Tambem do lado d'além, áquella hora, os botes embandeirados recolhiam as secias de Villa-Nova, as trigueiras do Candal, as mocetonas da Bandeira e Santo Ovidio, aquella formosa casta de mulheres, que ainda semelham em alguns dotes as estatuarias mulheres da beira-mar; que tu, leitor cansado de bellezas pintadas de estofadas, deves ir, uma vez, procurar em Espinho, em Ovar, em Ilhavo, n'aquella raça phenicia, em quanto a mim, a menos immaculada de estranho sangue, que ainda se viu na Europa.

Em quanto ranchos de senhoras, umas de rósa, outras de branco, outras de azul, todas lindas a mais não poder, saltavam aos barquinhos com grande alarido de guinchos, já de fingido medo, já de expansiva e doida alegria, outros botes se iam cogulando de musicos, uns de profissão, outros curiosos. O flautista, no seu barco, gemia as primeiras melodias do seu mavioso instrumento, em quanto a orchestra se não ordenava; além, n'outro barco, o violonista tirava algumas alegres rebecadas, que alvorotavam os animos; n'um barquinho, mais ao longe, já um solitario romeiro fazia como chorar o seu violão, para que a dama prevenida lhe entendesse no som plangente dos bordões a suave tristeza que lhe ia na alma. Um moço inquieto, da prôa da sua gondola, assoprava pela trompa uns sons desentoados, que faziam rir as moças. Tudo ali sahia bem; tudo agradava a novos e velhos; os proprios pais consentiam

que suas filhas palestrassem dos seus barquinhos para os barquinhos que lhes vinham na alheta, ou vogavam a par, obrigados pela ciosa pujança dos remadores.

Depois, lá ia rio acima aquella galharda esquadilha, por uma e outra margem, com suas afinadas musicas. De alguns barcos rompiam, a intervallos, duzias de foguetes, que eram grande parte no tumultuoso jubilo d'aquelles felizes. Quem iria triste ali? Os namorados, sómente os namorados; mas a tristeza d'estes que alegria terá o ceu que se lhe compare!? A tristeza de namorados! Que doce fel aquelle! que voluptuoso veneno filtram as rosas que todo o ar lhes perfumam! que bem-estar do coração, nunca mais sentido, senão um anno, nas existencias mais ricas de ventura!

Lá ia, pois, rio acima a mais ditosa gente do mundo sublunar n'aquella manhã de 26 de julho de 1848.

Alguns botes desatracavam mais tarde do caes da Ribeira; e, entre estes, um, mais que todos, arrancava, a quatro remos, para se ajuntar á embandeirada esquadilha. Á prôa ia sentado Bazilio Fernandes Enxertado, com sua jaqueta e calça brancas, e chapéu de palha com fita azul, e um caprichoso laço cahido sobre o hombro esquerdo. Ali, pelas alturas da Pedra-Salgada, os possantes barqueiros já brandamente cortavam o rio, que se alargava e adormecia em berço de scintillantes areias: é que Bazilio tinha alcançado o batel em que ia Itelvina com

seu pai e mãe, e com as suas amigas de collegio filhas do surrador da rua do Souto.

Manoel José Borges, quando conheceu o filho de seu compadre, exclamou:

— Salta cá para o nosso barco, se queres.

— Deixa-o ir, — acudiu a senhora Custodia — deixa-o ir, que vai bem.

— Por quê?! tu que tens contra o rapaz?

— Ora!... eu cá sei!... — replicou a briosa mulher, que nunca esquecera as insolencias de sua soberba comadre — A senhora Bonifacia que é mais do que nós, e eu não quero que ella pense que lhe faço festa ao filho por que temos uma filha para casar...

— Deus me livre! — exclamou Itelvina.

As tres meninas riram do susto da sua amiga, e disseram alternadamente:

— Casar com aquelle trolha!...

— Eu cá botava-me a afogar! Antes morté que tal sorte!

— Tem cara de lorpa; cara mesmo de Bazilio.

— Callem-se, meninas — disse o despachante — olhem que elle póde ouvil-as, e eu não quero ficar mal com meu compadre. Se elle quizer saltar no nosso barco, deixal-o saltar.

Com effeito, Bazilio mandara remar contra o bote de Manoel José Borges. Itelvina ia roxa de raiva; e a senhora D. Custodia, voltando as costas com arremesso a Bazilio, resmuneava censurando a tola civilidade do marido.

Atracaram os dois barcos, e o moço deu o pulo; mas tão fóra do equilibrio que escorregou sobre o cesto que levava o jantar, e quasi o emborcava.

As filhas do surrador deram em rir indelicadamente do desastre. Itelvina fez um gesto de aborrecida, encarando de revez o infausto Bazilio, que se agachara a endireitar o cesto. A cara do moço era carneira vermelha, e fumegava de vergonha. Excepto o despachante, ninguem houye compaixão d'aquelle attribulado espirito. Custodia, com os cotovellos sobre os joelhos, e a cara entre as mãos, olhava-o com desabrido enfado, e o mesmo ao marido, que reprehendia as gargalhadas das incivis meninas da rua do Souto.

— Senta-te p'raqui, Bazilio — disse o senhor Borges — Isso não é nada.

— Vou-me embora p'ro meu barco e perdoará — respondeu o moço. Não sirvo p'ra mangações.

— Pois quem manga contigo, Bazilio?!

— São cá estas senhorinhas que me parecem tolas... As grandes figuras, que quem as vir não ha de dizer que são as surradeiras da rua do Souto! Eu bem sei por que é isto... bem sei... estão arranjados...

— Isto quê, senhor Bazilio?! — acudiu impetuosa a senhora D. Custodia.

— Cuidam que eu sou asno? — retorquiu o moço, ganhando coragem com a qual deu uma côr de brios á vergonha da quêda, e do tombo do cesto.

—Asno sei eu que é!— replicou a mãe de Itelvina, com applausos de gargalhada das meninas surradoras.

—Vossemecê é capa da filha!— bradou Bazilio, quando lançava a perna, por sobre o bordo do barco, ao outro que atracara.

Custodia erguera-se de golpe, agarrando-o pela lapêla esquerda da jaqueta, e vociferando enfurecida:

—Venha cá, seu grande mariola! Ha-de ahi dizer por que sou eu capa da minha filha!

—Deixe-me!— gritava Bazilio — deixe-me, que me rompe!

—Não!— acudiu Manoel José Borges, botando-lhe a mão com desabrimento — Não vais sem dizer ahi o que vem a ser essas porcas palavras que deitaste pela bocca fóra, pedaço de velhaco!

Bazilio puchava por si das mãos do irado despachante, e estava com medo.

As pequenas fizeram-se amarellas de terror; e os barqueiros de Bazilio, que tinham vantajosamente ajustado o passeio, deram ares de quem não assistiria neutral á violencia.

N'este comenos, chegava outro barquinho, rente com o do despachante.

Eram Henrique, Alberto, e Ervedosa. Parou o bote, no mais acêso do conflicto, quando Bazilio era puchado pelos seus quatro barqueiros das unhas do despachante, cuja honra era notoriamente furiosa, se a calumpnia lhe cravava o dente.

Ervedosa e os companheiros desfecharam das mandíbulas, um pouco suspensas e abertas de espanto, estrondosa gargalhada, com a qual o despachante se descuidou da presa, e Bazilio pôde escarpulir-se.

O barco afastou-se; e o moço, de longe, exclamou:

— Lá está o amantético da sua filha, ó tia Custodia! Ali o tem bem a geito; chame-o lá p'ro seu barco, que aquelle é que lhe serve à sua filha!

Henrique, em quanto Ervedosa descarregava um tiro de maças martingiz sobre Bazilio, mandara remar contra o barco do insultador, que escancarava umas risadas de embriagado. Alberto, porém, oppoz-se ao ataque, achando vergonhosa uma batalha naval com tão baixo inimigo.

Os botes remaram, distanciando-se, até à praia, que borda a quinta de Oliveira.

O despachante e a familia desembarcaram primeiro, e desapareceram entre o arvoredo.

Henrique e os companheiros seguiram o rancho das meninas, que não ousavam rir ante o aspecto carrancudo de Manoel José Borges.

Bazilio associou-se a alguns artistas que afinavam os instrumentos na praia, e faziam as primeiras libações das limonadas, que se faziam apêtecer debaixo das frondes dos choupos.

N'este rancho se incorporou Bazilio, já conhecido de alguns fabricantes, que se tinham em seus

tamancos de valentes, e figadaes inimigos dos *casacas*. O filho do respeitavel Enxertado contou ingenuamente os ridiculos contratempos que soffrera, e moveu a commiseração dos artistas, que protestaram vingal-o no arraial.

Durante o dia não se azou o ensejo de travar-se a desordem. Henrique e os dois destinados holocaustos andavam sempre em companhia do administrador de Villa-Nova que fôra condiscipulo de todos, e impunha medo aos aggressores.

A noite, porém, quando os barcos desciam para o Porto, deu-se um conflicto, cujo horror anda impresso nos jornaes da cidade invicta do anno de 1848.

A seguinte local é do estylo de Ervedosa. Posto que enflorada com demasia de mau gosto, o essencial d'ella é verdadeiro, e por tal, a transcrevemos :

DESASTRE. As claras aguas do patrio Douro foram hontem á noite turvadas por algumas gotas de sangue, que pareciam de kagado, pelo vivo escarlate d'ellas. É o caso que, vogava serenamente um bote com tres cavalheiros, rio abaixo, quando a mais brutal arremettida de alguns membros da baixa plebe foi de encontro ao bote, com grande grita de injurias menos pungentes que o fartum do vinho que exhalavam os ditos. Os cavalheiros defenderam-se corajosamente do bando de canibae, e conseguiram submergir o mais furioso de todos, um tal Bazilio

Enxertado, que tres vezes mergulhou, sujando de vinho as aguas de prata, e outras tantas veiu á tona mostrando a cabeça hedionda. Ao quarto mergulho, os companheiros, cegos de sua bebedeira, não viram que se ia ao fundo aquella existencia na flor da estupidéz; um dos tres cavalheiros, porém, espreitando o local onde se espojava a alimária, conseguiu segural-a pelas orelhas, que davam excellente péga a quatro homens. Infelizmente para a zoologia comparada, o tal Bazilio emergiu com aspeito cadaverico; e passou como coisa morta. Alguem, todavia, se lembrou de pôr de pernas ao ar o bruto e sacudil-o; lembrança esta que deu em resultado um copioso vomitorio de carrascão, á volta com indigestas rodelas de linguça. Bazilio Enxertado foi desde o caes dos Guindaes conduzido n'uma cadeirinha a casa do pai, depois de pagar ao fisco os direitos de meia pipa de vinho, que, ao parecer dos aferidores, lhe intumecia os intestinos grossos. Pedê-se ao senhor José Enxertado, pai d'este feio enxerto dos envinagrados cascos de Sileno, que tenha a suja prole em resguardo, sob pena de lh'a desfazerem em adubo dos nabaes de S. Cosme.»

Enxertado, que tres vezes mergulhou, sujando de vinho as aguas de prata, e outras tantas vein á terra mostrando a cabeça hedionda. Ao quarto mergulho, os companheiros, cegos de sua bebéda, não viram que se ia ao fundo aquella existencia na flor da es-

Bazilio poeta. Conquista um tacho.

O que lhe aconteceu na capoeira.

o local onde se encontrava a capoeira, e os seus frequentadores, que davam excellente péga a quatro homens. Infelizmente para a xologia comparta, o tal Bazilio emergiu com aspecto cadavérico; e passou como coisa morta. Alguem, todavia, se lembrou de pôr de pernas ao ar o pruto e sacudil-o; lembrança esta que deu em resultado um copioso

No proximo mez de outubro, elegeram prelada as freiras de Santa Clara.

O Porto, em 1848, era um viveiro de poetas.

Ninguém sabe hoje que fim levaram as dezenas de mancebos bafejados pela inspiração, e que lavavam o rosto macilento nas aguas da Castallia.

Estreavam-se nos outeiros, e ahi grangeavam renome, que prometia glorias á nação, e principalmente ao Porto, que os maldizentes acoimavam de torrão ingrato ao cultivamento das letras. Levaram sumiço quasi todos!

O abbadessado de 1848 fôra muito animado. Ali appareceram as reliquias dos famigerados poetas de 1820. Alguns, já palpados pela mão fria da morte, com a podraga nos joelhos, lá foram dar o derradeiro

adeus áquella formula da sociedade antiga, ao improvisar em outeiro, ao dulcisono dialogar com freiras, freiras já fanhosas, mas ainda aquecidas de uma faúlta da velha chamma.

Não sei que melancolia me dava a presença do ancião, que, do interior da cadeirinha, levada a hombros de prestantes gallegos, orgulhosos da apollinea carga, pedia o mote, e com voz convulsa de catharro glossava em termos tão mayosos e sentidos como de-yiam tê-lo sido trinta annos antes, n'aquelle mesmo local, onde o coração lhe saltara vehementemente apaixonado! Era isto bem de magoar quem como eu, desde os primeiros alvares da puericia, me ficava scismando n'esta escuridade da velhice, em que todo meu viver são saudades. A que vem eu fallar de mim?

Não é despropositadamente. Cabe-me porção d'este capitulo, que não anda inserido nas minhas biographias.

Aqui heide confessar, com a mão no rosto rubro de pejo honroso, que vendi a minha musa, e fui grande parte nos desgostos novos do senhor Bazilio Fernandes Enxertado.

Foi assim.

Acabava eu de recitar, mediante o auxilio de um rolo acceso, um soneto, tão de *improviso*, que já tinha o assumpto em minha casa, oito dias antes. Era o assumpto.

Lembra-me o terceto final:

Eu venho aqui provar com estro agudo
 Que amor é ceu na terra, é paraíso;
 Amor é vida, é alma; amor é tudo

Da modestia do estro agudo admirou-se toda a gente, e muita manifestou sua admiração com estrondo de risada e assobio: modo estranho entre nós; mas usado em Grecia e Roma, quando o caso pedia as duas expressões sublimadas do contentamento: o riso, e o assobio.

Estava eu adoçando a veia com os bolos da freira que me dava os motes, quando senti no hombro direito a mão pesada de Bazilio, que eu já conhecia dos bailes da Terpsichore, em que eu fiz proesas de solo-inglez.

—Querias-lhe uma palavra, disse-me elle.

—As suas ordens.

—Aqui em particular.

—Lá vou.

E segui-o até debaixo das janellas gradeadas em que era costume as criadas das freiras conversarem os seus poetas e prosadores, regalando-os de bolos e asneiras á tripa-fôrra.

—O senhor faz-me um favor? — disse elle.

—Se estiver na minha mão?

—Ora, se está! Faz favor de vir aqui abaixo.

E levou-me mais para o escuro de duas paredes, que formavam um recanto.

—O senhor hade perdoar o meu ousio —proseguiu elle com lorpa acanhamento — eu tinha gana de botar uns versos a um tacho!

—Como assim! — atalhei eu — quer o senhor fazer um guizado de versos!?. Com similhante comestivel andariam mais gordos os poetas!

Eu já sabia que *tacho* é synonymo de criada de convento nos mosteiros do norte; quiz eu, porém, gracejar com o bom do Enxertado, que era bruto até captar a sympathia de quem como eu se afeição a todos os viventes irracionaes.

E continuei:

—O senhor Bazilio namora uma criadinha, e de-seja glosar-lhe alguma coifa de quartos de marmelada, mediante uns versinhos glosados.

—É como diz.

—Pois aqui estou ás ordens.

—O senhor hade perdoar — tornou elle.

—Está perdoado.

—Não que eu queria dizer-lhe!

—Diga, senhor Bazilio!

—Tenho minha aquella!

—Tem sua aquella?

—Sim, quero dizer que tenho vergonha!

—Ora! deixe-se d'isso... Falle. Quer versos?

— Já sei. Peça-lhe o mote.

—Pois sim; mas eu quero pagar o seu trabalho.

— Dou-lhe um pinto por cada verso.

—Por cada verso?! Veja lá que se arruina! Uma

decima tem dez versos; cada decima, pelas suas contadas, são dez pintos.

— Isso não, que me não chega o que trago; mas faça o senhor os versos, que eu fico-lhe a dever.

— Não, senhor; a sua intenção era dar-me um pinto por cada decima. Está feito o contrato. Peça lá o assumpto.

Acercou-se Bazilio da parede, e disse:

— Alecrim!

— Rosmaninho! — respondeu o *tacho*, com gracioso espiritado.

— Venha mote.

— Lá vai mote:

És o meu amado bem.

Retirei-me cautelosamente, e Bazilio seguiu-me até ás escadas do Codeçal, onde não chegavam os poetas de inspiração rebelde.

Compuz a decima; ensinei-lh'a a decorar, depois a recitar em voz alta. Findo este leve trabalho, Bazilio deu-me o primeiro cruzado novo. Foi a decima muito applaudida, e repetida tres vezes, com admiravel fidelidade de memoria, e até graça na declamação.

Quem diria!

Bazilio levou a palma entre os provençaes dos tachos. Ás tres horas da manhã elle e eu e a criada erámos os restantes do grande concurso que o frio

de outubro dispersara. Fiz doze decimas, e um soneto, que foi pago como duas decimas. Liquidei — réis, seis mil setecentos e vinte, e benzi-me com elles, que foi o primeiro e mais saboroso fructo do meu espirito, assoldadado a Bazilio Enxertado, por amor de Brigida Rosa, que era a graça da servinha monastica.

Como disse, pesa sobre mim um terço pelo menos da responsabilidade dos ultteriores infortunios do meu heroe.

Brigida apaixonou-se pelo seu poeta, e elle cegamente por Brigida, que, no tocante a cara, valia mais que Itelvina, se me é fiel a memoria; de costumes, porém, devo crer que estivesse algum tanto estragada, apezar da pureza athmosphérica do convento.

Devia ser ella quem animou Bazilio ao destempero de saltar á cêrca do mosteiro pelo lanço mais accessivel da muralha. Foi ali pelo *Postigo-do-Sol*, entre a primeira e segunda ameia, que o temerario escalou o pomar, com ajuda de uma escada de pau, segurada por um caixeiro, já useiro e vezeiro de quejandos assaltos á ternura de outros tachos, abominavelmente viciosos.

O salto para o interior da cêrca era sem risco. Bazilio, ás duas horas da manhã, estava nas hortas das freiras, orientando-se, segundo as indicações de Brigida, na portinha que devia encontrar cerrada.

O luar resplandecia como a luz do sol.

Costumava o pomareiro madrugar, em noites claras, para dar caça á toupeira que lavrava as hortas. O leitor do Rocio não sabe de certo o que é caçar toupeiras, e de sua ignorancia lhe dou sinceros parabens: signal é que a sua vida corre sabcreada entre as delicias urbanas da civilisação, e estranhas á rusticidade do trato aldeão, onde estas coisas de toupeiras se aprendem.

Abrira o hortelão a porta do seu casebre com ruido. Bazilio cuidou que era Brigida, e alegrou-se; breve, porém, descorlinou o vulto do homem e o roçar da sachola toupeiricida na tranqueira da porta.

Doeu-lhe a barriga de medo. Esta volta de intestinos — que é o que era — desmente algum tanto o animo affeito do invasor de mosteiros! Pensou em guindar-se ao ponto donde descêra; mas o coadjutor do delicto só, uma hora depois, convencionara passar a escada para dentro.

Corria rente com a muralha uma álea de arvores fructeiras. Bazilio foi indo de gatinhas bem cosido com o muro em direcção opposta á do hortelão, que tossia grosso para alliviar a garganta do pigarro da agua-ardente. Ao cabo do renque de arvores, lobrigou Bazilio um cardenho, que pegava com outros casebres do mosteiro. Arrastou-se até lá, e achou cerrada uma porta. Bateu-lhe o peito de jubilo, conjecturando que Brigida estava ali. Empurrou de mansinho a porta, e murmurou:

— Brigidinha!

Como não ouvisse resposta, cuidou que ella tivesse adormecido.

Abriu mais a porta, para caber. Os gonzos deram um som rispido. Bazilio estremeceu: foi que estrugiu lá no interior do casebre um estridulo cacarejar de galinhas. Era a capoeira das monjas.

O hortelão, que ouvira os cacarejos, entendeu que a raposa entrara no galinheiro, e deu a correr na direcção do cardenho. Viu-o Bazilio, e teve segunda e maior dôr de barriga. Tranzido de susto, accitou a primeira lembrança que lhe occorreu: infiou pelo escuro dentro. O resultado foi que as espavoridas galinhas bateram as azas, esyoaçando contra as paredes. Uma, ou mais das aves, bateram-lhe em cheio na cara, arranhando-lh'a com as unhas. O infeliz acocorou-se a um cantinho, tremendo como varas verdes.

Chegou o pomareiro á porta, e bradou:

— Passa fóra, diabo!

Bazilio encolheu-se, e as galinhas debateram-se com redobrado pavor.

— Passa fóra! — tornou o hortelão, batendo estrondosamente na porta com o olho da enxadã.

As freiras, que moravam nas cellas superiores á capoeira, como despertassem ao trom das pancadas, que echoavam nos dormitórios, saltaram alarmadas dos seus leitos, e fizeram gritaria. As mais corajosas abriram as janellas, que davam para o pomar, e chamaram o hortelão afflicto.

— Não é nada, senhoras! — disse elle — sou eu que estou a espantar a raposa, que anda nas galinhas; mas o diabo, Deus me perdôe, ainda não sahio, e as aves saltam que tem coisa má! Se as senhoras mandassem uma candeia pela porta de lá, talvez que eu pudesse dar uma sacholada na raposa.

A prioreza, que estava a ouvir, mandou uma criada com uma lanterna abrir a porta, que communicava da cosinha com a capoeira.

Bazilio, quando ouviu o rodar das chaves de outras portas mais afastadas, julgou-se perdido.

O terror tem sido, algumas vezes, o mais avisado conselheiro nas angustias. Muitas victorias, que a historia attribue ao denodo dos generaes, foi o impeto da resolução extrema do medo que lh'as deu. A batalha das Canas, da Pharsalia, de Narwa, de Austerlitz sem o terror dos vencedores, seriam meros recontros sem consequencias.

O terror foi a salvação de Bazilio, se não inteira, muito de aproveitar, e invejar em semelhantes entallas. Quando a chave da vizinha porta entrava já na fechadura, o desesperado moço lançou mão em redor de si, e encontrou uma ripa encostada á parede. Agarrou d'ella, e deu nos poleiros, ás cegas, bordoadas de alto a baixo. As galinhas, que já estavam a socegar, revoaram de novo com maior estrepito. Ao abrir-se a porta, um turvolinho d'ellas bateu de chofre na criada, que deixou cabir a lan-

terna, e despediu um grito agudo, dando a correr, e a bradar que vira um phantasma na capoeira.

Correu a noticia no convento: ergueu-se toda a gente, e accenderam-se velas nos oratorios particulares, e nas ermidas do claustro.

Entretanto, o pomareiro, que não tinha ideas bem precisas ácerca de phantasmas, deliberou entrar ás escuras na capoeira, e espancar as trevas com o cabo da sachola.

Bazilio comprehendeu o perigo, e invocou ainda a opinião salvadora do seu medo.

Tinha elle ainda a ripa nas mãos, quando o pomareiro fez o primeiro bote, acompanhado de esconjurios como «salta, diabo!» e outros que faes.

Qualquer de nós, se tivesse uma discreta libra na algibeira, comprava a integridade das costas, e o silencio do hortelão; Bazilio, porém, insciente da condição corruptivel dos hortelães de freiras, ou desprovido da libra bem empregada no resguardo de um escandalo, tomou, como melhor dos argumentos, a *ultima ratio*, a razão dos despotas, o argumento da ripa, com a qual desceu uma formidavel espadelada na orelha esquerda do hortelão.

Fez pé atraz do affeito luctador com phantasmas, exclamando:

— Com dez milheiros de diabos! Aqui estão ladrões!

E ajuntou, bradando as freiras e moças que espreitavam temerosas por entre as grades:

— São ladrões! Já levei uma paulada na cabeça!

A criada, que fugira, contou que deixara a porta da capoeira aberta. Razão de maior terror nas madres! Ficando a porta aberta, os ladrões estavam no interior do convento. Não houve mulher que ousasse ir fechar ao menos a porta da cosinha. As mais corajosas sahiram às janellas, que abrem para o largo fronteiro ao convento, chamando a patrulha, e o capellão, morador na casa contigua. As patrulhas haviam já recolhido. O capellão accudiu ao chamamento de muitas vozes, e perdeu a côr, quando lhe disseram que andavam ladrões no interior do convento. Reflectindo, porém, serenou do sobresalto, e disse à criada:

— Quem sabe se são ladrões!... ladrões..., não sei!...

— Ladrões de corações... disse a moça, que tinha sido criada com as freiras, e assistiu a outros assaltos de inoffensivos salteadores.

— Ora ahí está! — tornou o capellão, vestindo-se vagarosamente, para dar tempo a que os ladrões sahissessem sem escandalo. O hortelão fôra chamar soldados à estação do governo civil, que lhe ficava à mão. Bazilio ouvia o reboiço interior do mosteiro, quanto lh'ò permittiam as galinhas sempre irrequietas. Deram-lhe, porém, tempo de pensar nas consequencias da sua situação. O alvitre, que lhe venceu o animo perplexo, foi o mais despropositado de todos. Em vez de sahir da capoeira para a cêrca, e

ir ao muro, onde póde ser que o estivesse esperando o desmoralizado caixeiro, sahiu pela porta de comunicação interior com o convento, no intuito de esconder-se ás pesquisas da municipal, que o pomareiro altamente dissera que ia chamar.

Achou-se Bazilio em plena escuridão, tateando umas bancas de pedras, que lhe estorvavam o passo. Foi palpando até topar um armario, cujas portadas abriu. No interior do armario estavam rimas de tachos (sinceros tachos, e não criadas) de fabricar dôce. Um cantinho estava devoluto. Bazilio agachou-se ali sem dar o mais leve rumor; fechou as portadas sobre si, e ajustou a orelha á fresta.

Momentos depois andavam soldados, com o capellão á frente, nos dormitórios. O padre sorria velhacamente sob capa; os soldados curavam mais de vêr as caras tresnoitadas das moças, que de farejar ladrões. Não obstante, ao entrarem na cosinha, contigua do palheiro, callaram baioneta, a pedido do pomareiro.

Atravessaram a cosinha, e passaram com precaução á capoeira. As galinhas esvoaçaram de novo, e a tropa recuou; mas, refeita de animo, investiu de baioneta apontada. Nem vestigio de ladroeira, e menos ainda de raposa. As aves estavam todas vivas.

— Fugiram para o pomar! — disse o hortelão.

O padre, incredulo duvidou da affirmativa do pomareiro; este, porém, mostrando-lhe a orelha ensanguentada, tornou a situação mais temerosa.

Sahiram todos a explorar a cêrca, e voltaram a percorrer os baixos do mosteiro. Rompia já o sol, quando os soldados sahiram, e o capellão acabou de formar o seu juizo, que era o mais chegado á verdade, posto que involvesse calúnia a uma religiosa mais peccadora que as suas irmãs. O voto unanime das religiosas e briadas foi que andava trasgo no convento, a alma penada talvez de uma má freira que havia ali morrido quarenta annos antes. Todas as servas do Senhor se proveram de lagtia deenta, para abluições nocturnas, em caso de necessidade.

E que fazia Brigida Rosa nestas aperturas de Bazilio? Brigida estivera até ás duas horas, e meia encostada á porta por onde a sua amiga costumava receber o caixeiro. A moça tinha passado a noite anterior em colloquio com um albardeiro, disposto a matrimoniarse; andava mal dormida, e começou a pingar com somno, e cabeceou até cahir de todos. Ao estrondo das sacholadas do hortelão na porta da capoeira, accordou atarantada, e entendeu que era com ella a bulha, e inferneira que ia nos dormitorios. Correu escada acima, e, a muito custo, conseguiu metter-se ao quarto, quando a ana attribulada a estava chamando. Despiu-se para se vestir, e compoz a mais innocente e espantada das caras. Ajudou á busca do convento; e (que fino olho!) na cozinha deu fé de estar aberto o armario, onde farejou o amado Bas-

zilio! São estes faros uns como mysterios do coração amante, que não podem ser definidos mesmo em sombra! Uma servilhêta qualquer, em palpites d'esta ordem, é tão subtil como a magnetica compleição da mais nervosa marquezia!

A cosinha, chamada do refeitório, desde que as freiras cessaram de comer em communidade, deixou de servir, excepto nas temporadas de maior fabrico de dôce para embarque. Tinha isto Bazilio a seu favor, sem o saber. Esperava elle mui assustado que, a horas de accender o lume, seria descoberto entre as cassarolas, e entregue ao poder da justiça. Consolava-o a idéa de que o regedor era compadre de seu pai; ainda assim, a lembrança da sua falta em casa, quando o pai fosse ao almoço, os sustos da mãe, e a cossa, sobre a vergonha que o esperava, espremeram-lhe sinceras lagrimas.

Ha desgraças tamanhas, que chegam a ser sublimes! É pena que taes desgraças andem por sujeitos como Bazilio! Deviam ser exclusivo de homens não vulgares.

Seriam dez horas, quando Enxertado sentiu debilidade, que elle, em sua consciencia, chamava fome. Vejam o que é o estomago! que despreendimento das outras visceras mais nobres! que absoluto egoismo! que miseravel sacco de baixezas e immundicies! Nem ali se calou a ignobil viscera, que parece ter feito theatro de suas gritarias os parlamentos, as academias, e até os pulpitos, não fallando nos jornaes,

que esses tenho eu já em conta de terceira membrana do estomago.

Bazilio estava agoniado. Ousou abrir um todo-nada do armario, e espreitar, a vêr se descobria comestiveis. Nada, inteiramente nada! A aridez do antro de Ugolino n'aquillo tudo! Por um triz que não desfallece, antes de ouvir o conselho da sua desesperada fome!

Onde estavas tu, Brigida Rosa, que não acodes, nem adivinhas que o teu leal amador medita, anthropófago de si mesmo, comer as proprias orelhas, se as poder alcançar com os dentes!

Brigida responde dignamente a esta apostrophe do leitor sensivel. Ella ahi entra na cosinha, com o quer que seja no regaço. Bazilio cheirou-a, Bazilio viu-a, Bazilio estoira de alegria; abre as portas, e exclama:

—Ó Brigida!

—Calla-te! —murmura a moça — que, se te descobrem, vamos p'ra cadeia. Tens fome, Bazilio?

—Fome de palmo.

—Toma.

E deu-lhe um bom naco de boi cosido, meio salpicão, e obra de um arratel de figos de comadre.

—Come, que eu volto já.

Bazilio esteve a estrangular-se com o tamanho do bocado. Adão, faltando ao promettido a Deus, comeu o pomo vedado com delicias iguaes ás do seu descendente Bazilio Fernandes Enxertado, transgres-

sor dos deveres sociaes, e mormente dos estatutos dos mosteiros.

Voltou Brigida afreimada e medrosa.

— Soube-te bem? — disse ella.

— Como gaitas. Pões-me lá fóra?

— Lá fóra onde?

— Na rua.

— Tu estás doido! Como queres tu sahir p'ra rua agora de dia?

— Diz-me por onde se vai ter á portaria, que eu escapo-me.

— Pois não escapaste! Estavamos aviados! Deixa-te estar, e á noite sahirás.

— Por onde?

— Por onde entraste. A Escolastica já escreveu ao Thimoteo pedindo-lhe que te lance a escada á meia noite.

Esta Escolastica era o tacho amante do caixeiro.

— E tu vens cá ter até eu me ir embora? — interrogou Bazilio.

— Se poder, venho; mas, esta noite, dorme cá dentro o capellão, e mais dois padres. As freiras velhas dizem que anda cá um espirito. Parece-me que não posso passar para cá. Adeus, adeus, que me chamam. Logo trago-te mais de comer.

Bazilio teve somno: deu-lhe na fraqueza o salpicão, e a meia garrafa de vinho velhõ, que Brigida trouxera na segunda visita.

E adormeceu, como pedra, aquella, entre tantos tormentos, felicissima e bruta alma!

Uma hora da tarde seria, quando uma freira velha e duas criadas desceram á cosinha para examinarem a capoeira, e borrifal-a de agua benta.

A madre ia pisando receiosa as lages da cosinha, e olhando a todos os lados e recantos, com o seraphico intento de espantar o diabo, se diabo estivesse por ali esperando a noite para recommençar as tropelias.

N'uma d'estas observações estava ella, quando o adormecido Bazilio, sonhando que os soldados da municipal lhe botavam as unhas, sacudiu uma perna, a perna bateu com o pé n'uma rima de cassarolas de cobre, e a rima, tombando de encontro á porta do armario, abriu-a, e foi a terra com espantoso fragor.

A freira deu tres gritos, as criadas gritaram tambem, e fugiram, desamparando a velhinha, que perdeu os sentidos, e cahiu no lagedo.

Bazilio acordou, ergueu-se, viu ainda as criadas que fugiam ululando, e a velha prostrada e arquejante, persignando-se atrapalhadamente.

Como te salvarás d'esta esparrella que a desfortuna te arma, infeliz amigo, que eu empurrei a esse abysmo com a minha venal habilidade de fazer decimas?

O anjo-custodio dos estupidos cobriu-o com as suas azas! Com que outra imagem poderia eu fazer a apologia da felicidade d'este sympathico tolo?!

Bazilio sabe da cosinha apavorado, atravessa o casebre da capoeira, salta para o pomar, corre como doudo atravez das hortas, chega á alterosa parede, vê na extrema do muro um carro de lenha, que entra por um portão aberto; corre ao portão, transpõe-o com velocidade de gamo, e acha-se na rua, em pleno ar, livre de perigo, e apenas observado pelo carreteiro que olha espantado para o sujeito, e faz o seu juizo a respeito da virtude das freiras.

As criadas da madre fulminada vieram com toda a communidade. Viram os tachos dispersos no chão. Ergueram a monja, que nunca mais foi escorreita. Despejaram canadas de agua benta na cosinha, e nunca mais dormiram uma noite socegada, salvo Brigida Rosa que dormia perfeitamente, e a sua amiga Escolastica, que, apesar do exemplo, continuou a ser o escandalo e a inveja de Brigida.

Assim terminou esta aventura de Bazilio Fernandes Enxertado. Peço perdão á sociedade, e ás freiras de Santa Clara particularmente da parte que eu tive n'estes immoraes successos.

VI

A paixão fatal do heroe. Memorias dos nossos dias.

Henrique Pestana, bem que estragado e perdido no conceito do mundo, era capaz de amar, e fazer-se bom pela regeneração do amor.

Afeiçoar-se a Itelvina principiou como brincado, apontando talvez a um alvo immoral; porém, como quer que a filha do despachante recusasse aceitar-lhe a terceira carta, depois que recebeu a segunda menos honesta que a primeira, Henrique foi obrigado a pensar na seriedade da sua tentativa.

Corria no Porto a atoarda de ser rico Manoel José Borges. Os louvados de sua riqueza eram os censores da educação, que elle dava á filha, e do luxo com que a levava a bailes de negociantes, á missa dos Congregados, e ao theatro lyrico. Para assentarem

a mais accetivel das hypotheses, com que no Porto superficialmente se explicam muitas *fortunas*, diziam que elle roubara a fazenda nacional contrabandeadando, e tivera rasca em certos roubos memoraveis da alfandega.

Qualquer que fosse a origem dos suppostos cabedaes do despachante, Henrique de si para si transgiu com os costumes, e achou que nenhuma fonte é impura, quando um serafim como Itelvina lhe purifica as aguas. N'este louvavel entendimento das coisas, deliberou Henrique Pestana pedir Itelvina a seu pai.

Sollicitado a dizer quem era, respondeu a Manoel José Borges que era academico de Coimbra, filho do director da alfandega de Bragança, e presumptivo herdeiro de tios ricos.

O pai de Itelvina disse que sua filha não tinha dote, e precisava marido que pudesse mantêl-a com a decencia de sua educação; e, por tanto, ajuntou elle:

— Se vossa senhoria quer assim minha filha, e tem o necessario para ambos, e ella annuir, eu não os estorvo de se unirem.

Henrique mudou de cõr; mas, em honra sua, importa dizer-se que reprovou com o coração a baixeza do espirito calculista. Pediu alguns dias de espera — os necessarios para consultar o pai — e retirou-se muito nas boas graças de Manoel José Borges, e da senhora D. Custodia, que foi chamada á sala.

Já Henrique sabia que seu pai, a não se oppôr a um casamento pobre, lhe negaria as migalhas da sua mesa. Era, pois, escusado rogar-lhe o apoio n'uma loucura, mais fatal que todas as outras.

Pensou o moço em grangear por si mesmo a subsistencia de sua mulher; ponderou os quilates da sua intelligencia, e, como se visse inutil para tudo, tentou primeiro a carreira de publicista, a qual abandonou quando viu que o empresario da gazeta lhe pagava os artigos com bilhetes de entrada nos theatros; e, a fallar a verdade, no dizer de Ervedosa, liberalmente lh'os pagava.

Voltou o rosto para empregos, e resolveu ir a Lisboa requerer uma coisa que elle não sabia o que era. Sollicitou recursos do pai, que lh'os negou, intimando-o a recolher-se a casa.

Foi Henrique para Bragança com o coração lanhado de saudades; e de lá, com sincera dôr, escreveu a Manoel José Borges, contando-lhe a cruel impossibilidade de haver os recursos precisos para o decente estado de sua mulher.

Itelvina viu esta carta, e chorou amargas lagrimas. Amava-o ella com o apêgo do primeiro, do virginal, e santo amor dos dezoito annos. Habituará-se a vêr realisada a esperanza de ser a esposa do galante moço, que muitas visinhas lhe quizeram disputar. Foi golpe fundo o desengano, golpe que devia quebrar-lhe as côres, se ella não fosse mulher, e nascida de mais a mais n'estes ultimos annos, em

que todas as meninas nascem gastas como d'antes morriam as macrobias.

Com o paternal proposito de mitigar as saudades de Itelvina, o carinhoso pai tomou um terço da assignatura de camarote da quarta ordem no theatro lyrico, e levou-a tres domingos de tarde áfios ao espectáculo tragico da «Degolação dos innocentes».

Itelvina foi-se distrahindo, principalmente com as barras côr de alecrim de um vestido de seda azul, que o pai lhe comprou, e um chapéu escarlate com flores brancas.

Estava cada vez mais secia a feiticeira rapariga, e prendada como poucas.

A noticia da sua muita habilidade no cravo, e no canto, chegou aos directores da Philarmonica da rua das Hortas, que a convidaram a ter distincta parte nos seus sarãos.

Informou-se do que era, e foi pessoalmente examinar a Philarmonica o despachante.

Viu que aos rapazes era defêso conversar com as senhoras.

Viu que apenas se podiam entrever os dois sexos mediante uma vidraça, entre a sala das senhoras e o tópo de uma escada.

Viu mais que os socios directores da Philarmonica, encarregados de levarem as cantoras ou pianistas ao tablado do piano, eram sujeitos de bons costumes, e que pagavam decima.

Viu, e consentiu em levar a sua Itelvina á Philharmonica.

Estes requisitos, aparentemente demasiados, justificava-os Manoel José Borges com o funesto resultado dos bailes da Therpsichore. A paixão malograda da menina abriu-lhe os olhos á razão, que alumiaa muitos outros pais de familia da recommendavel cidade.

Bazilio Fernandes Enxertado tambem era da Philharmonica. Para toda a gente era coisa de espanto vêr as mãos largas de José Fernandes, avaro na fama, para aquelle filho, grandemente gastador! Não faltava a uma recita italiana, e applaudia com luva amarella, ou pateava com bota de polimento. Sabia do theatro, e pagava lautas ceias de ostras e salame na *Aguia d'ouro*. Alugava cavallo, aos domingos, e ia jantar á Foz, ou á Ponte-da-Pedra. Era socio da Assembléa, da Thalia, da Mnemosine, da Therpsichore, da Philharmonica, e de muitas outras sociedades recreativas e dispendiosas! Como é que o fôna José Fernandes, toda a vida labutando, se dispendia assim com o filho, vocação decidida para uma estroinice estúpida, estroinice peculiar dos mancebos dinheirosos e extravagantes do Porto?!

Em verdade, o mercieiro do largo de S. Bento, desde aquella doença, em que o filho esteve a ir-se, perdeu a dignidade moral de pai, e deu largas ao temperamento afidalgado do rapaz. Gostava elle que os visinhos lhe dissessem: «Teu filho tem ares de

fidalgo! Olha que não se parece contigo, José!» Gostava d'isto, e ia de entranhas lavadas dizer á senhora Bonifacia que os visinhos achavam que o seu Bazilio não se parecia nada com o pai. E a virtuosa esposa dizia: «Pois olha que é teu, José!» como se pela cabeça de José Fernandes podessem passar suspeitas da procedencia de seu filho, que era a cara d'elle *escripta e escarrada*, como dizia a senhora Bonifacia no seu vasconso plebeu.

Cumpre, porém, saber que Bazilio, afora a mezada que seu pai lhe dava, recebia outra de sua mãe, e forrajeava nas gavetas uma diaria, que era grande parte no supprimento das despezas, que davam quebranto aos observadores.

Sem lh'os encarecerem, os haveres do especieiro passavam por grandes. Bazilio, filho unico, era o que, lá no Porto, dizem *sorte-grande*. Meninas, filhas de commerciantes, já commendadores, e com o baronato d'olho, não se dedignavam de lhe receberem as olhadelas no theatro, e na Philarmónica.

A espirituosa Celina, por amor de quem um poeta se batêra com um romancista, achou-o engraçado, ouvindo-lhe dizer uma asneira de proporções agigantadas.

A pudenda Fortunata, que nunca punha olhos em homens, perguntou á mãesinha se pareceria mal olhar no theatro para Bazilio.

A requestada Corinna, que tres brazileiros dis-

putavam, achou que o frizado de Bazilio era phantasiado, sem attender ao volume da cabeça.

Bazilio Enxertado era artigo de dialogos entre meninas, que pareciam pombas do ceu cançadas de volitarem n'este mau ar que os homens expellem dos pulmões corrompidos.

Tal era a voga do amante de Brigida Rosa, quando Itelvina appareceu na Philharmonica, tocando e cantando com agilidade e voz admiraveis.

Viu-a Bazilio; e para logo das cinzas mal extinctas do seu amor de infancia ressaltaram lavaredas. Não estava em si o moço. Poz o nariz á fatal vidraça, e ali se esteve até que Itelvina sahiu. E ella, que o vira, tambem admirada do gracioso buço e dos cabellos tufados a ferro, ao perpassar por elle, relanceou-lhe de soslaio os derramados olhos, e disse lá comsigo: «Se eu quizesse...»

Este *se eu quizesse* prendia com uma conversação, que ella escutara entre duas meninas da rua das Flores, que lhe ficaram atraz da sua cadeira.

Dizia uma:

—O Bazilio está hoje muito amavel contigo.

—Já reparei.

—E tu?

—Eu olho; mas desconfio que elle está olhando para esta.

—Quem é esta?

—É a que cantou ha pouco.

—Ah! a filha do despachante?

- Sim.
- Ora!... pois tu crês...
- Eu sei cá!... Áchal-a bonita?
- É muito desmaiada.
- Olha, Carolina, não te parece que é para ella que está olhando?
- Não: é para ti.
- Póde ser...
- Elle já lá não passa?
- Às vezes...
- E tu casavas com elle?
- Se te parece!... Tem mais de duzentos contos.
- Trezentos disse meu pai.
- Eu já ouvi dizer quatrocentos.
- Bem bom!
- Dizem que elle é muito alarve.
- Acho que não!... Tem rapaziadas, como todos.

Itelvina foi tirada n'esta occasião para ir cantar, e Bazilio desapareceu da vidraça, d'onde não podia vê-la, e foi surdir a sua cabeça inconfundivel por cima dos braços dos rebecões da orchestra.

As meninas da rua das Flores, quando a applaudida Itelvina voltou a sentar-se, disseram:

- Elle lá está já na vidraça!
- Tem bom gosto!
- Tem!...
- Está a mangar com ella. Aquillo passa-lhe em sabendo quem ella é.

Aqui está a razão do mental «se eu quizesse» da filha do despachante, que descia orgulhoso d'ella.

Bazilio seguiu-a até ao portal. Chovia a cantaros. O moço sahiu á rua, onde estavam duas carruagens.

— Aluga-se alguma? — perguntou aos bolieiros de ambas.

Responderam-lhe que estavam alugadas.

— Não importa: dou uma moeda, se levarem duas pessoas á rua de Santa Catharina.

A offerta era tentadora. Os pintos tiniram nas algibeiras do propoente, e logo na mão de um bolieiro, que picou a parelha para o portal.

Bazilio foi ao pé de Manoel José Borges, e disse-lhe:

— Ali tem a carruagem ás suas ordens, senhor Borges.

O despachante oscillou; a corda de chuva não estiava; encarou na filha, e disse, vendo-lhe um ar de approvação:

— Obrigado, senhor Bazilio... Aceito, por que fui sempre seu amigo, e sou-o, desde criança, de seu pai.

A carruagem partiu.

Dizia Manoel José Borges á filha:

— Foi um rasgo bonito de civilidade o do rapaz!

— Tambem acho.

— Parece outro homem.

— Tambem notei isso, meu papá!

— Gostei d'este rasgo de civilidade! e tu?

— Tambem... Quem havia de dizer que aquelle brutinho...

— É o uso do mundo que faz estas mudanças. E está um perfeito rapaz!

— De certo, papá!

— Não reparaste que a cabeça já não parece tamanha?!...

— Está mais pequena, está: compoz-se muito!

— Aquillo é que é riqueza!

— Acho que sim...

— Fazes lá uma pequena idéa! Trezentos contos dou eu pelo que elle hade vir a ter, em lhe morrendo um dos pais. Quem o apanhará!... Por ahi alguma filha de fidalgo empenhado...

— Quem sabe!... — atalhou Itelvina.

— Por que dizes tu isso, menina? — tornou jubilosamente o pai.

— Sei cá!... disse isto...

— Ó filha, se tu o pilhavas!...

— Quem sabe!... Estamos n'este mundo...

— Se tal fazes, Itelvina, mettes tudo n'um chinello!

Apearam da carruagem, e mandaram muitos agradecimentos a Bazilio. Itelvina chamou o bolieiro que desandava o trem, tirou do bouquet uma dhália, deu-lh'a, e disse:

— Entregue esta flor ao senhor Bazilio, e muitos recados e agradecimentos.

— Bem lembrada! exclamou o pai, apertando-a nos braços.

Bazilio recebeu a flor; e, na exaltação da sua alegria, deu tres pintos ao bolieiro, e foi d'ali para casa, e recolheu-se poeta ao seu quarto, poeta sim, tão poeta como Petrarcha na noite em que mereceu o primeiro sorriso de Laura.

O amor iguala todos os homens.

Reparem que o coração de Quasimodo amava mais que o coração de Narcizo.

Estas duas entidades fabulosas espêlham a verdade absurda da condição da especie humana, a mais illogica de todas as especies.

— Ponto é que ella se balha n'isso... Fazes la
ida como elle esta com a pedreira? Ella te contara
o ponto caso de civilidade que elle praticou!... Se
o viesses, passavas! Esta um perfeito cavalheiro, com
uns ares de pessoa de bem, que é mesmo um es-
panto... É a flor?—proseguiu o despatchante sor-
rindo e batendo as palmas.

VII

o coração inimigo das pernas.

— Como tu vens alegre, menina! — dizia a se-
nhora D. Custodia — e tu tambem, Manoelsinho! Vos-
sês viram passarinho novo lá na festa!... E, com que
então, de sege, eim?

— Ora!... se te parece!... — respondeu o radioso
marido — Podera não!... Admiras-te, Custodia?...
Deixa estar, que, se as cartas não mentem, ainda
hasde passear em carruagem com libré da tua filha.

— Lá me quiz parecer... — accudiu Custodia —
A nossa Helvina deu no goto a algum brasileiro...
Adivinhei?

— Não precisa de brasileiros, se quizer ser rica.
Mulher! olha que nós temos sido umas azémolas em
dar de mão ao Bazilio. Se eu não fosse tão desagar-

rado do alheio ha muito que a nossa filha estava casada com elle; mas tu embirraste com o rapaz, e fizeste aquelle dispauterio quando iamos para Santa Anna de Oliveira... Valha-te Deus, valha-te Deus!...

— Então elle quer casar com a Itelvina? Ó gentes! lá por minha causa, se o arranjo faz conta, não haja duvida!

— Ponto é que ella trabalhe n'isso... Fazes lá idéa como elle está com a pequena? Ella te contará o bonito rasgo de civilidade que elle praticou!... Se o visses, pasmavas! Está um perfeito cavalheiro, com uns ares de pessoa de bem, que é mesmo um espanto... E a flor?—proseguiu o despachante sorrindo e batendo as palmas.

— Que é isso da flor?—perguntou Custodia.

— Foi uma idéa da tua filha, linda, linda idéa! Vês? se eu te não educasse entre senhoras, Itelvina, aposto se tu tinhas a feliz lembrança de lhe mandar a flor!... Não ha coração que resista a uma coisa assim!

Itelvina foi com sua mãe para o quarto; e o despachanté, febril de alegria, ficou passeando, e gesticulando. Não sei se todos os pais pobres são miseravelmente temperados á maneira d'aquelle, quando os embriaga a esperança de atirarem de um para outro dia ao meio da sideral sociedade dos ricos mais um planeta no valor de trezentos contos. Todos absolvo, e respeito em sua ridicula, e, ás vezes, repugnante satisfação. O mundo ensinou-lhes uma fe-

licidade, que é falsa; e elles curam de dar a suas filhas a felicidade, que o mundo festeja e inveja. N'outras eras, igual alegria alvoroçava um pai que dava sua filha esposa a Jesus Christo, sequestrando-a para sempre dos gosos da vida, dos gosos licitos, quando menos. Então, dizia-se felicidade a vida monastica; hoje as pompas, qualquer que seja o esqualor da chaga escondida, formam um contraste sordidamente material com o supremo bem das gerações de ha dois seculos. Vamos com os tempos, e escusemos a inconsideração dos pais, que não podem ficar duzentos annos a retaguarda do restante do genero humano.

Em quanto ás meninas, seria maior destempero ainda o arguil-as. É uma estolida sem-razão pretender que ellas raciocinem, prevejam, amputem o sexto sentido, que seus pais lhes cultivaram e aperfeiçoaram com diabolico esmero. A área das suas cogitações é estreitissima; o impulsor do seu espirito é o livro, rigorosamente copiado do vivo da actualidade. A tenra alma vai-se entalhando imagens, que não arrastam á vida desregrada, mas aformosentam as concomitancias do vicio, que está sendo aquelle gentil sátan, outr'ora tentador das beatas lindas.

Pelo conseqüente, aqui deixo estampados os meus parabens aos pais, e ás filhas.

E tambem me congratulo com o ditoso Bazilio Fernandes Enxertado; por quanto, no dia seguinte, que era um domingo de abril de 1830, passando elle

na rua de Santa Catharina, batendo rijo a calçada, mediante as ferraduras do mais garboso ginete de alquilaria, viu Itelvina, com o cotovello no peitoral da janella, a face encostada á mão, e as fitas encarnadas dos cabellos serpenteando sobre as polpas de braço alvo e lustroso de setim.

Bazilio esporeou o cavallo, de geito que o bruto lhe comprehendeu a vontade, já empinando-se, já ladeando, a galões de muito garbo para ambos.

Itelvina gostou d'isto.

Sorriu-se para ella o cavalleiro, levando a mão ao chapéu. A menina sorriu tambem com mais familiar tregeito, e disse:

—Cautella, Bazilio!

—Que é?—perguntou elle.

—Que tenhas cuidado com o cavallo, que é bravo.

—Não tem duvida.

O moço queria proseguir o dialogo; mas a felicidade aturdiu-o. Ouvir-se tratar pelo antigo *tu!*... Aquelles modos d'ella tão amigos!... E isto, depois das glorias da Philarmonica! á hora em que tanta gente fallava n'ella, como raridade em formosura, e primeira garganta do Porto!... O leitor, cujo espirito está para o espirito de Bazilio na proporção que toda a gente reconhece, talvez, em passo analogo, se dêsse ares de Bazilio, e mettesse esporas ao cavallo para fugir depressa com a sua expectativa felicidade! A mim me succedeu tantas vezes isto, quando a idade o permittia, que desejei ser Bazilio, ou

coisa assim, para me levantar onde a fama me tinha posto; desde, porém, que Bazilio me contou suas aventuras, acabei de entender que era infallivel a maxima, escripta ahi por algures d'este mirifico estudo sobre pessoas do meu conhecimento: e vem a ser que «o amor iguala todos os homens»!

E todas as mulheres?

Isso é que não. Desde que eu disse que conhecia vinte variedades, haverá seis annos, já estremei da confusão cabotica de suas excellencias mais tres exemplares. São achegas que vou carreando para maior edificio, se Deus me der vida, e as vinte e tres variedades me não tolherem.

Ora, vamos lá, em boa paz, com ellas e com elles, á historia.

Minutos depois, Bazilio estava de volta, filistriando com o ginete. Não estacou o animal, que arremettia fumegante, sacudindo a espuma ás clinas.

— Cautella! — exclamou Itelevina.

O heroe sorriu, e exacerbou as feridas dos ilhaes com esporadas, que seriam apenas barbaras, se não fossem estupidas.

O opprimido cavallo empinou-se quasi a prumo. O cavalleiro punziu-o com os acicates, cuidando que era aquelle o preceito hyppico para lhe abaixar as patas. O ginete enfurecido arremessou-se n'um corcovo com desamparado impeto, e tamanhos sacões fez uns apoz outros que cuspiu Bazilio da sella a dis-

tancia de meia vara, deixando-lhe as redeas nas mãos, e um estribo com um loro no pé.

Itelvina expediu um guincho, e fugiu da janella. As visinhas tambem fugiram para se rirem dentro. É que Bazilio rasgara as pantalonas em sitio, onde o dono do cavallo dizia depois que o cavalleiro devia levar dois pontapés.

Ergueu-se Bazilio a coxear, e por instincto, ou frio, levou as mãos ao rasgão das calças: teve vergonha o infeliz!

A este tempo, assomava á janella Itelvina com sua mãe.

—Faz favor de subir?—exclamava a segunda.

—Vem, Bazilio, vem, se podes!—disse a menina com affligido alvoroço.

E sahiu á rua o criado para o ajudar.

—Não é preciso—disse Bazilio, arrastando penosamente a perna direita, e tanto que, um segundo depois, não podia dar passada, subindo os degraus nos braços do gallego, e, do meio para cima, ajudado por D. Custodia e sua filha.

O cirurgião, chamado logo, pôl-o a tratamento de bichas e sangria. O gemebundo moço respondia com dolorosas caretas ás moderadas caricias de Itelvina. Preparava-se-lhe uma cama, quando elle pediu que lhe mandassem buscar uma sege. Queria D. Custodia (quanto mudada d'aquillo que viram as aguas do Douro!) que elle se recolhesse á cama, e Itelvina, córando o necessario em tal conjunctura,

affoitou-se a pedir-lhe que se tratasse em casa das pessoas tão suas amigas, quasi parentes, que os pais não levariam isso a mal.

Bazilio, mal recobrado ainda da sua vergonha, antes queria afastar-se das testemunhas do seu desastre. E que testemunhas! a mulher amada! Esta dôr chegava-lhe mais á medula dos ossos que a contusão do femur, da rótula, e da tibia. Tudo soffrêra mais ou menos, salvo a cabeça, cuja espessura craneana era invulneravel, ou então cabeça era aquella que a Providencia velava para designios mysteriosos.

Deu elle, como razão de saber, a anciedade de seus pais, quando soubessem da queda.

Aquella hora já elles sabiam que o filho quebrara as pernas. Deram-lhes assim a noticia.

Bonifacia atirou com a mantilha ás costas, o marido sabiu mesmo de tamancos, e carapuça azul, e foram ao longo da rua de Santa Catharina até ao local da catastrophe.

Ali lhes apontaram a casa para onde entrara Bazilio.

— Acolá mora o compadre Manoel José! — disse José Fernandes.

— É verdade.

— Queres tu vêr que o namoro pegou outra vez? — tornou o especieiro.

— Vamos lá: agora o que lá vai, lá vai — replicou a consternada mãe.

Entraram na saleta, onde o facultativo empachava com pannos molhados em agua-ardente as pernas de Bazilio.

Bonifacia deu um ai agudissimo, e correu a abraçar o filho. Jose Fernandes ficou a porta, duvidoso se devia entrar com os tamancos na sala esteirada.

— Faz favor de entrar, senhor compadre? — disse D. Custodia.

— Dê-me a sua mão, meu padrinho! — disse Itelvina.

— Deus te abençõe — respondeu o mercieiro.

— Minha madrinha — tornou Itelvina com affectuosa humildade — o Bazilio não tem nada quebrado.

— Não? — exclamou Bonifacia — Foi Santo Antonio... Ainda bem que vossemecê morava aqui, senhora comadre.

— E então? — disse Jose Fernandes — queres cá uma sege? é preciso ir tratar isso p'ra casa a preceito.

— Chegou agora a sege — disse Itelvina — Já se tinha mandado buscar.

— Vamos, filho, olha se podés mecher-te.

Bazilio amparou-se nos braços do pai e do cirurgião; despediu-se das hospedeiras senhoras em palavras cortadas de gemidos, e entrou com a mãe na sege.

Jose Fernandes agradeceu a comadre o favor de recolher o rapaz, e acrescentou com bonacheirona lhaneza:

— Não sei por que andavamos de mal! Estão feitas as pazes; dê cá recados ao compadre, e diga-lhe que appareça, e vossês, se quiserem, aquella casa está ás ordens. Ainda havemos de ir um domingo ao peixe frito a Val-bom!... Ó comadre! que tempo aquelle! Como a gente se divertia com tão pouco dinheiro! Vossemecê não lhe dá vontade de chorar, quando se vê velha, e bota a vista pelo tempo que não torna?

— Ora, se choro, senhor compadre!... Tomara-me n'aquelle tempo!...

— Isso é que é verdade!.. Então; sem mais; adeusinho, comadre, até á vista... Diga ao cirurgião que vá lá receber a casa a espórtula, e vossês, se quiserem alguma coisa, lá estamos... Ouviu? Cá lhes mando um queijo flamengo, que sahio d'aquella casta, e duas ceiras de figos do Algarve.

— Muito agradecida.

— Adeus, minha afilhada; adeus, comadre! Amigos como d'antes!

VIII

Com commendas e holes se enganam os tolos.

Bazilio Enxertado era de boa carnadura. As contusões desappareceram. Com oito dias de cama, a razão de duas galinhas por dia, ergueu-se forte, e mais gordo.

A imprensa do Porto fez chronica d'este successo. Bazilio, por luxo, era assignante dos quatro jornaes da terra, e dava ceias de ostras e salame, como se disse, aos redactores das locaes. O proprio Ervedosa, que fizera pazes com Bazilio n'uma d'essas ceias, deu a noticia da enfermidade do seu amphitrião, como a daria com respeito ao presidente da camara, a um director de companhia, ao prior da Santissima Trindade, ou assim outro magnate sobre quem a sociedade do Porto tem sempre posto o

olho attencioso. Varios amigos meus lhe chamaram em lettra redonda a flor da mocidade portuense; e eu mesmo, dando a nova funesta da queda, chamei-lhe *intelligente*; mas, como na oração havia dois agentes, elle um, e o cavallo outro, o publico fez-me o favor de duvidar se eu chamava intelligente o cavallo, ou o Bazilio.

Sahiu á rua o illustre convalescente, e foi de caruagem pagar a visita a Manoel José Borges, que duas vezes o visitara, em companhia de D. Custodia.

Helvina, segundo o despachante disse em particular a Bazilio, desde a fatal queda, nunca mais foi boa! O sobresalto, o desgosto, e o receio de que alguma entranha se deslocasse no interior do seu companheiro de infancia, adoentaram-na até cahir de cama, e ter febre.

Isto era mentira.

Feia traça aquella a que um pai se prestava, de mais a mais aconselhando-a! Baixo sentir o de uma menina de dezenove annos, que quer realçar seus meritos com embustes e imposturas nauseabundas!

Enguliu a arara o palerma. Palerma, digo eu! quantas enguli eu assim! quantas tem engulido o leitor! quantas enguliremos até que a sepultura nos engula!...

E chorou o pobre tolo, quando tal ouviu! Ora, digam-me se não está uma bella alma n'aquelle corpo, e grande alma talvez n'aquella grande cabeça, onde graves psycologistas dizem que ella se aloja!

Foi por isso que Bazilio sem consultar a vontade de seu pai, apenas a medicina lh'o permittiu, foi visitar a familia Borges.

Itelvina estava ainda de cama. Como arranjaria ella o quebrado das côres, aquelle emaciado de cutis, e olheiras tão violetas, que faziam amor e dó? Eu sei cá! As mulheres fazem tudo de si para fazerem o que querem de nós!

Dil-a-ieis a sahir de sob as azas negras da morte! O seu articular palayras era um fatigante arfar de peito, onde, a cada instante, levava a mão, como a soffrear os saltos do coração, que a presença de Bazilio alvorotara.

De um lado do leito d'ella estava Manoel José Borges, entre alegre e lacrimoso, dizendo com meiga accentuação:

— Aqui está o senhor Bazilio, filha; o nosso Bazilio. Agora, se não saes d'esse abatimento, perdemos as esperanças de te curarmos.

— Não que uma coisa assim! — dizia D. Custodia, do outro lado do leito — Uma amizade como esta não me consta! Ora vê tu, Manoel! Como estas duas creanças, nascidas e creadas ao mesmo tempo, ficaram sempre a quererem-se!

— Isso não é tanto como a senhora diz — atalhou Bazilio — Eu cá, sim; mas ella... em fim, não fallemos no que lá vai.

Itelvina fez um tregeito de rosto magoado, e murmurou:

—Nunca me comprehendeste...

—Olha a tratál-o por tu! —interrompeu o despachante, fingindo espanto.

—E que tem lá isso? —disse o Enxertado — Nós eramos como irmãos.

—Mas o senhor agora está um homem... — replicou o pai da menina — e ella está uma mulher...

—Com o coração da creancinha de ha oito annos —acrescentou a debil inferna, pondo os olhos no tecto, e cruzando as mãos no peito.

Não temos outras tolices que historiar n'esta primeira visita.

Na semana immediata a filha do despachante gozou novo triumpho na Philharmonica. A juventude masculina do Porto achou-a mais formosa que da primeira vez. Dava-lhe o pallor de oito dias de cama aquelle morbido quebranto, que eu imagino ser a côr especial da mulher amada.

As mulheres amadas conhece-as pela côr quem quizer estudal-as entre os dezoito e trinta annos. Errados poetas e romancistas escrevem que o amor alegra os temperamentos melancolicos, e dá vertigens de prazer aos temperamentos alegres. Em pratica não é assim. A mulher, que se crê amada, e se compraz de o ser, elanguesce como a flor muito beijada: centuplica-se-lhe a ternura, o mimo, a dengue, um não-sei-quê em que ella acha outro não-sei-quê de adoração de si mesma. Qualquer menina, ainda hontem folgazã n'um baile, vêde-a, no baile

de hoje, como está angelicalmente scismadora, devaneada, assim como noiva que se peja de o ser de vinte e quatro horas: o segredo de tão estranha transformação sabe-o aquelle moço de aspeito brando, que a está contemplando de longe, e hontem lhe disse que saberia morrer não conseguindo ser amado d'ella.

— Pois seja assim, me diz o leitor condescendente; mas que paridade ha ahi entre os espontaneos e sublimes affectos da mystica innocente que ama, e o despejado calculo da filha do despachante, que quer trezentos contos sobre as gibas do dromedario que a deseja?

O que ha, meu amigo?

Ha o que havia entre o cacho de uvas, que a natureza fizera, e o cacho de uvas, que fizera Apelles. Um passarinho veio depinicar na obra do pintor, cuidando que era a obra da natureza. A vossa mystica innocente era como as uvas da natureza; Itelvina, a despejada calculista, era como as uvas do pintor. Os passarinhos, as victimas logradas d'estas similhanças, somos nós. Quem se não recear de enganar taes, hade ser passaro muito bisnau.

Voltando á Philarmonica:

Fez especie em muita gente sahir Bazilio Enxertado com Itelvina pelo braço, findo o sarau, e entrar com ella, e com o despachante na carruagem.

Alguns negociantes de grosso tracto, socios da Philarmonica, avisaram o seu amigo José Fernan-

des, carregando a mão no animo do especieiro contra o despachante, que, conluiado com a rapariga, lhe andava enviscando a pascacice do filho.

Ora isto, quando José Fernandes já trazia pedra no sapato, devia dar de si alguma eventualidade contraria aos bem encaminhados intentos do despachante, que a cobiça apeará da sua antiga honra.

Ouviu o especieiro a opinião sensata do boticario da rua Chã, amigo antigo que o defuncto frade lhe dera, e calou-se com o negocio para não espantar a caça, como o previsto pharmacopóla lhe dizia.

Dias volvidos, José Fernandes disse ao filho:

— Ouve cá, Bazilio. Tenho cá meu ferro por vêr que tu não tens uma commenda. A minha vontade é que tu figures mais que outros muitos, que não tem um terço da nossa fortuna. Olha tu aquelle Francisco Gonçalves da Roboleira, que é filho de um tamanqueiro que eu mandei vir do Enxertado, e sahiu commendador ha mais de um anno! Olha o Amaro de Cima-de-Villa, que ainda ha dez annos, tinha uma tenda de adéllo, e já é tambem commendador! Um mestre-escola, que morava ali á Sé, quando eu casei, é deputado, e tem muitas veneras. Não te fallo nos barões e viscondes, que eu conheci, uns a venderem vinagre em ôdres, e outros a remarem em barcos de pipas, outros a venderem sardinha, e outros, que são filhos de lacaios, netos de moleiros, e bisnetos do diabo que os carregue! A gente, que nos quer mal de inveja, diz por ahi que eu sou um bru-

to, e tu és outro, por que os governos não fazem cabedal de nós! Pois eu sempre queria mostrar a estes tratantes que tu, se não és commendador, é por que não tens querido. E sabes tu, rapaz? a minha vontade era que fosses mais uns pósinhos do que commendador! Queres tu, Bazilio?

— Ora! quem dera!... Eu já estive — accudiu o moço com a cara illuminada de jubilo — já estive p'ra tocar ao pai n'isto; mas acovardei-me.

— Ainda bem, que te acho disposto! Tu vais trabalhar para ser barão.

— Barão!... Isso será de mais!

— De mais algum conto de réis, rapaz! Pelo resto fico eu. O que há a fazer-se é ires a Lisboa, com algumas cartas, que eu te arranjarei. Trata de te preparar, que o vapor sahe amanhã. Dito e feito!

Bazilio passou da alegria exuberante a um recolhimento doloroso.

José Fernandes fingiu-se estranho á mudança, e continuou:

— Em quanto te não fazem barão, divertes-te, e gastas á tua vontade na capital. Levas ordem franca; mas não faças asneiras. Dá o teu passeio de sege; em cavahadas não te mettas, ouviste? Vai-te regalar, rapaz; vai vêr mundo, e volta com bastantes figas para enterrares pelos olhos dentro d'estes invejosos!... Deixa-me ir arranjar as cartas.

Sahiu o especieiro, e o filho ficou pensativo. Deixar assim de subito Itelvina! deixal-a na crise da

paixão! ser trahido na ausência, ou achal-a morta de saudade quando voltasse!...

Por outro lado, voltar com um título, e valer mais assim aos olhos d'ella!

A vaidade, depois de larga e indecisa lucta, venceu o amor, com o especioso argumento de engrandecer o objecto amado com a corôa de baroneza.

Prescindir de despedir-se é que elle não poude.

Foi.

Estava Itelvina sentada ao piano, suspirando uma aria da *Linda de Chamounix*. Bazilio entrou á sala, e vendo-a sosinha deu graças ao anjo do amor que lhe propiciava ensejo de se abrir francamente com ella.

— Estás sosinha, Itelvina? — disse elle com voz trememente.

— Estou: os pais sahiram a fazer visitas. Eu estou ainda muito debil, e não pude acompanhal-os.

Quanto folgo de estar a sós contigo, meu Bazilio!

— Também eu, meu amor! também eu. Andava

morto por poder dizer-te que...

— Que me amas?

— Adivinhaste!

— Que não adivinha um coração amante?!...

— Mas estou apoquentado.

— Que tens, Baziliosinho?

— Que heide ter! Vou ausentar-me.

— Ausentares-te!? Ceus!...

— Por algum tempo.

— Cruel! e podés?! —

— Vou a Lisboa... —

— A Lisboa?!... Lá me vais esquecer, ingrato! —

— Não digas isso, amada Itelvina! Eu vou buscar um título de barão... —

— De barão?... para quem? —

— Para mim... —

— Oh!... —

— É meu pai que quer. Gostas que eu vá? —

— Que barbara pergunta me fazes, Bazilio!... Gostar que vás dar a outra o coração, que é meu desde que balbuciamos as primeiras palavras dos nossos brinquedos! —

— Juro-te que serei fiel até á morte!... Não chores! —

Itelvina levou o lenço aos olhos. E chorava a valer! Arranjou umas lagrimas como um chimico as faria com uma pouca d'agua, mucus, soda, muriato de soda, phosphato e cal. Ora, como Itelvina não tinha á mão estas substancias componentes das lagrimas, havemos de conjecturar que ella era dotada de umas ardilosas glandulas lacrimaes de que ainda a physiologia não penetrou o mysterio! —

— Não chores, meu bem amado! — instou Bazilio, beijando-lhe a mão, que brandamente lhe tirou dos olhos — Se não queres que eu vá a Lisboa, antes quero não ser barão, e ficar mal com meu pai, que desagradar-te. —

— Vai — accudiu Itelvina — vai a Lisboa, meu

anjo; mas, se de volta, me não achares viva, sabe tu que saudades me mataram, Bazilio.

— Ora! — tornou elle — não digas isso! Tu não hasde morrer, não, lindinha?...

E ella a ancisar de modo que, se não fosse ridicula, seria bella com aquelles arquejos de peito, de baixo da transparente escomilha do corpête. E Bazilio, a vêr aquillo, se não fosse um tolo, tolo como os poetas, seria um sátyro, como é toda a gente que encontra nos sentidos a sua razão efficiente de ser e sentir.

Itelvina poz termo á comedia, quando ouviu nas escadas o chilrear das suas amigas da rua do Souto. Levantou-se, enchugou os olhos, e disse:

— Vai, vai, Bazilio, que eu creio na tua fidelidade. Não desobedeças, por amor de mim, a teu pai. Não precisas de ser barão para que eu te ame mais; mas bom é que o sejas para que aos olhos da sociedade valhas tanto como os barões.

As garrulas meninas do surrador vinham dar á sua amiga a fausta nova de que o pai d'ellas recebera o habito de Christo, que lh'o mandara de Lisboa o tio regedor, que tinha ido arranjar para o filho um logar de escrivão. O surrador, no auge de sua satisfação, resolvera dar um jantar na Ponte da Travaje ás pessoas da sua amizade, encarregando as meninas de convidarem a familia Borges. Este successo deu novo rebate ás ambições nobiliarchicas de Bazilio, e Itelvina esteve por um cabellino a dar parte ás suas amigas de que ia ser baroneza. E, se o não

fez tão categoricamente, a tolice levou as mesmas voltas. Logo que Bazilio sahio, ficou ella contando ás amigas o seu casamento com elle, e a causa que o levava a Lisboa.

As travessas e no seu tanto, espirituosas raparigas, lembradas d'aquelle episodio de Santa Anna de Oliveira, riam sem reboço da transfiguração da sua amiga, chanceando com gracejos a lorpice do rapaz, que Itelvina defendia, defendendo-se a si victoriosamente com a louvavel confissão de que tinha bastante juízo para obedecer á vontade de seu pai, e para apreciar trezentos contos.

E aquelle pobre Henrique? — dizia a mais sentimental das filhas do cavalleiro de Christo, e surrador de coiros de vitella na rua do Souto.

— Eu sei cá do Henrique! — disse descommovida Itelvina — Que quer elle que eu faça? Escreveu ao papá, desligando-se por em quanto da sua palavra. Estou desembaraçada; posso amar quem eu quizer, não achas, Cacilda?

— Mas tu ainda ha pouco recebeste carta d'elle.

— Recebi, e que tem isso?

— Não te dizia elle que espera herdar de uma tia muito doente?

— Ora!... sapatos de defuncto!

— Isso não é assim, Itelvina! O Henrique era digno de ser mais lealmente correspondido.

— Mas meu pai quer que eu case com Bazilio.

Tu, no meu caso, desobedecias?



— Desobedecia, se tivesse mais coração do que tu, menina. Pobre Henrique!... Queira Deus que não sejas castigada, Itelvina!...

— Ora, deixa-me... Castigada por quê? Castigadas são as que deixam passar o seu tempo, sem aproveitarem os rapidos annos da mocidade. Esteja eu agora á espera que morra a tia do Henrique, e sem certeza de que elle, em se vendo rico, não vá amar outra que tenha de seu. Vossês fallam assim por que tem bons dotes; se estivessem na minha posição, casavam-se com o primeiro rapaz, ou velho rico, que as quizesse.

Tinha razão a filha do despachante. O tempo justificou-a.

As tres meninas do cavalleiro de Christo estão casadas, cada uma com seu alapuzado, revelho, e repugnante chatim, vindo do novo mundo. A mais espirituosa, aquella Cacilda que dizia: «pobre Henrique!» essa então accitou um marido, que tem um sedenho permanente no cachaco, e ella cura-lhe a ferida, e esta sempre a ver quando a alma do cha-guento esposo lhe foge por entre o seroto e os fios.

Tinhas razão, Itelvina! Deus te dê felicidade, assim como a sociedade te deu juizo!

— Desobediça, se tivesse mais corajão do que tu, menina. Pobre Henrique!... Queira Deus que não sejas castigada, Helvina!... — Ora, deixa-me! Castigada por quê? Castigadas são as que deixam passar o seu tempo, sem aproveitarem os rápidos annos da mocidade. Estás tu agora a espera de morrer a tia do Henrique, e sem certeza de que elle, em se vendo rico, não vá amar outra que tenha de seu. Vosses fallam assim por que tem bons dentes; se estivessem na minha posição, não se fariam assim.

IX

Bazilio entre as senhoras Raposas, e o mal que se disser.

Tinha raxão a filha do despachante. O tempo justicou-a.

As tres meninas do cavalleiro de Christo estão

Em dezembro de 1849 vi Bazilio Fernandes Enxertado em Lisboa n'uma janella do hotel de Italia, que defrontava com o Marrare. Estava elle chamando a attenção chocarreira de um grupo de paraltas, que estanceavam á porta do botequim. Olhei tambem, e então vi e reconheci o meu primeiro editor de trovas.

Que tinha elle que fizesse rir a nata da juventude lisboeta?

Era o rob-de-chambre de velludo encarnado, com requifes de velludo preto, e cordões e borlas de seda amarella, e o boné de seda azul, com matizes a oiro, e borlas de oiro tambem. Parecia assim como coisa de principe; mas não estava mal ageitado.

Fez-me elle a honra de me conhecer, e signal para subir.

Os sujeitos do grupo destacaram um para saber de mim quem era aquelle homem impagavel.

Respondi que eram quatrocentos contos.

— Oh! — exclamou o commissionado, e foi transmittir a resposta aos committentes, que exclamaram:

— Ah!

Recebeu-me Bazilio rodiziando as borlas do robe-chambre, com esbelto donaire, e modos de conde de alta comedia.

— Por Lisboa, senhor Bazilio?

— É verdade: cheguei hontem. Vim ver a capital.

— E que lhe parece?

— Ainda não sahi. Enjoei muito na viagem, e tenho estado a dormir. Gosta d'este chambre? Vi isto, n'uma loja de alfaiate da rua do Alecrim quando vinha de bordo, e comprei-o. É da primeira elegancia, eim? quinze libras!

Este dizer assim desempenado de Bazilio, o metal de voz, o tregeitar de braços, o todo tão outro do que eu conhecera mezes antes, assombrar-me-ia, se eu não tivesse presenciado mudanças igualmente estupendas. Não pôde dar-se razão seria nem jocossa d'estas transfigurações feitas pelo dinheiro, pelo mundo que cerca e civilisa o homem dinheiroso, pela atmospherá que respiram os pulmões robuste-

cidos por sangue bem clarificado pelo ouro. Incapaz de resolver este problema todo psychologico, já cuidei que a mudança estava no meu modo de vêr, e não nos individuos aparentemente transformados. Aconteceu alguma vez ter eu reflectido na semsaboria e acanhamento de sujeitos havidos como sabios; mas sabios em toda a horrorosa ignorancia da pobreza: com pejo declaro que me pareceram insoffriveis, senão aparvados. Ao mesmo tempo, succedia dar attento ouvido ao palavriado de sujeitos, que revolviam metaes nas algibeiras, arpejando com o sonido o phraseado por sem duvida boçal: pois, custe embora o meu descredito esta confissão, afiguraram-se-me dotados de eloquencia natural e inculta estes ricos, que andavam atassalhados nos dentes dos folhetinistas, á conta da sua sobre-humana estupidez. Por estas e outras, é que eu cheguei a suspeitar da anomalia dos meus olhos, attribuinto a culpa d'isto á miseravel condição humana.

Foi Bazilio tirar da sua carteira umas cartas, perguntando-me se eu conhecia as pessoas, a quem vinham destinadas. Eram as cartas para tres notaveis capitalistas, um dos quaes succedeu ser meu conhecido.

— São ordens para dinheiro? — perguntei eu.

— E para mais alguma coisa. Assim como assim, vou-lhe contar o que ha. Vossê é amigo velho.

Ainda me lembro d'aquellas decimas em Santa Clara.

— Calle-se, homem, que ainda me mordem remorsosa. Aquella sua aventura do convento!...

Bazilio sentou-se no sophá, e poz as pernas ao alto para rir melhor.

E eu continuei: — Que é feito do *tacho*?

— Pois não sabe?

— Não: vossê não me disse mais nada.

— Tirei-a do convento, e tive-a regalada como uma princeza; mas aquillo não me convinha, e fiz que minha mãe lhe desse seiscentos mil réis para ella casar com um corrieiro da rua de Santo Antonio.

— Está bom... estimo muito. Assim é que se faz.

— Vossê sabe que eu tenho um namoro serio no Porto?

— A Itelvininha? Quando ella foi á Philarmónica dei logo fé. Vossê andava em pancas!

— Se lhe parece!... que tal a acha?

— É uma interessante menina, sim, senhor.

— Estou doido por ella; e caso.

— Seu pai consente?

— Qual!... mas isso não poem, nem tira! Ponto é querer um homem.

— Admiro, pois, que o senhor Enxertado venha para Lisboa na maior crise da sua paixão!

— Eu lhe conto, era isso que eu ia explicar-lhe. Meu pai quer que eu seja barão.

— Sim?

— É verdade. Vossê que lhe parece? —

— Parece-me bem. Entendo agora que o senhor vem a Lisboa fazer-se barão.

— É como diz. Estas cartas são para isso.

— Está bom! dou-lhe os parabéns sinceros. Quando o senhor quizer, irei ensinar-lhe onde moram estes sujeitos.

— Vamos lá hoje; e o mais acertado é irmos já. Quanto mais depressa se concluir o negocio, melhor. Que dirão os do Porto quando me virem barão?

— Admiram-se de vossê não ir visconde. Seu pai, querendo dispender mais algum conto de réis, pôde arranjar-lhe titulo menos vulgar. O baronato anda já muito por baixo.

— Quanto custa ser visconde? vossê sabe?

— Eu não tenho negociado n'isso; mas podemos averiguar. Talvez que o almanak d'este anno traga os preços dos titulos.

Bazilio recebeu-me seriamente a reflexão, e vestiu-se.

Sahimos a entregar as cartas.

Disse-me, depois, Bazilio que os sujeitos o tinham recebido muito affavelmente, e o haviam convidado a hospedar-se em sua casa, ou a passar as noites em familiar intimidade, sem lhe tocarem na materia do titulo.

Volvidos alguns dias, encontrei Bazilio em Cintra, com a familia do commendador Raposeira, um dos tres capitalistas a quem trouxera cartas.

A familia Raposeira andava em celebridade. As filhas do commendador eram galantes, namoradeiras, adoidadas, e presumptivamente ricas: excesso de qualidades recommendaveis para serem celebres, amadas, e galanteadas por todo o galan distincto.

Bazilio apartou-se do grupo, em obsequio a mim.

Tivemos este dialogo:

— Parabéns, meu caro senhor Bazilio! Está relacionado com quatro das mais formosas senhoras de Lisboa.

— Isso são! — disse elle, sorvendo e exhalando tres fumaradas do charuto — E são finas, que é preciso saber a gente o que diz para fallar com ellas.

— Pois então veja lá como se sabe. Não deificar mal a rapaziada portuense. As senhoras de cá ajuizam mal dos patricios do meu amigo. Mostre que já veio civilisado para Lisboa.

— Não tem duvida, que eu fallo pouco; mas ellas tratam-me como se eu fosse de casa.

— E conhecem-se ha menos de quinze dias!... O amor tem esses repentes de familiaridade. Dar-se-ha caso que o senhor Bazilio Fernandes tenha esquecido a Helvina?

— Qual!? esquecê-la eu! Ora essa! Amor só a ella; cá com estas não passa de palavrorio. Divirtto-me em quanto me não dão o titulo.

— É verdade... como está isso do titulo?

— Já se fallou ao ministro do reino. O decreto lavra-se por estes quinze dias.

— Baratinho?

— Ainda não sei, nem me importa! Isso é lá com meu pai.

— Sabe quem eu vi em Lisboa hontem? Aquelle Henrique Pestana, que amou a D. Itelvina. Veio liquidar uma herança de alguns contos de réis, que lhe deixou uma tia que morreu em Chaves. Segundo me elle disse, vai casar-se, e vem residir em Lisboa. Estive quasi a perguntar-lhe se ainda se lembrava de Itelvina; mas, como o nosso conhecimento não authorisa intimidades, absteve-me.

— Bem se lhe importa d'elle a minha Itelvina!

— atalhou Bazilio — Aquella está segura. Quer vossê lèr uma carta que hontem recebi?

— Não, senhor... eu creio na lealdade da menina...

— Hade vêr: tenha paciencia.

Mais por desfastio, que por curiosidade, li. Era uma carta não vulgar em estylo. Um dos periodos dizia, pouco mais ou menos isto:

«A tua riqueza não me seduz, Bazilio. Para mim
« valerias mais sem fortuna nem titulo. É tão facil
« a uma senhora com dignidade e qualidades ama-
« veis merecer e obter um marido rico, meu Bazi-
« lio, que o menor galardão dos meus meritos, se
« alguns tenho, seria casar rica. Não cuides, pois,
« que me prendem os teus contos de réis. No dia
« em que eu só vir em ti dinheiro, esqueço-te, e vêr-
« te-hei sem inveja passar aos braços d'outra.»

Confessarei que estas linhas me deram alto conceito da sua redactora! Notavel e nobre singularidade a d'esta menina portuense! Exemplo novo, e talvez unico nos fastos matrimoniaes da cidade da Virgem!

Disse eu a Bazilio, entregando-lhe a carta:

— Rara mulher é essa que a sua boa fortuna lhe deparou! Seja digno d'ella, não a sacrificando a inconsequentes passatempos...

— Não tenha medo — disse Bazilio, sacudindo-me a mão com elegancia de inglez, e com a força de gallego, que elle tinha — Deixe-me ir ás meninas, que estão á espera. Logo vou-lhe dar cavaco ao *Victor*.

Esta promessa de cavaco de Bazilio Enxertado foi-me consoladora perspectiva!

Quando me ia recolhendo ao hotel, encontrei o commendador Raposeira, meu conhecido. Fallei-lhe no portuense Bazilio Enxertado, que encontrara com as meninas. O commendador perguntou-me em miudos o inventario da fortuna do mercieiro José Fernandes. Respondi concisamente que lhe orçavam quatrocentos contos. Authorisado por similhantes averiguações, ousei perguntar em que pé estava o negocio do baronato. O commendador riu-se, chamou-me de parte, confiou-se á minha discrição, e mostrou-me uma carta de um seu amigo visconde, que lhe apresentava Bazilio. Resava a carta a historia da affeição de Bazilio a uma rapariga pobre, da qual o pai d'elle queria affastal-o, sem fazer bulha. N'este

plano, o mandava a Lisboa com pretexto de arranjar o baronato; esperando que, em alguns mezes de ausencia, se esquecesse. Em quanto ao titulo, José Fernandes, podendo ser, não se lhe dava de dar até duzentas libras por elle, visto que o rapaz o queria para figurar; o essencial, porém, das instancias dos amigos de José Fernandes era entreterem-lhe o rapaz em Lisboa, e distrahirem-lh'o, á custa mesmo de muito dinheiro, até que elle mostrasse indifferença pela moça do Porto.

O commendador Raposeira deu-me a entender que o rapaz estava quasi esquecido, visto que já fizera uma declaração um pouco grosseira a uma das suas meninas. Em quanto ao titulo, accrescentou o benemerito da confiança do visconde amigo de José Fernandes, não se fallava por ora n'isso, nem o dinheiro offerecido era bastante, posto que a mercadoria estivesse de rastos.

Dias depois tornei para o Porto, e acertei de ir em companhia de Henrique Pestana.

X

Em que entra o author.

Navegava o vapor em mar de leite, por uma formosa noite de agosto. Subi ao tombadilho, quando nasceu a lua, ahi pelas alturas das Berlengas. Encontrei Henrique Pestana no convez, contemplando a via-lactea. Ousei interromper-lhe o enlevo com estas palavras:

— Bem-aventurados aquelles que pedem ás estrellas o segredo do sonho de suas noivas! —

— Scismava n'ella: adivinhou! — respondeu elle.

— Invejo-lhe o contentamento! Deve de ser ditosissimo o homem de sua idade, senhor Pestana, que vem de liquidar uma herança, e vai, por uma noite d'estas, buscar a mulher, que ama, a esposa, a companheira da felicidade!

— Pois creia que estou muito áquem da verdadeira felicidade.

— Como assim?! — repliquei.

— Falta-me a confiança na mulher, que amo.

— E casa-se?

— Sacrifico o futuro bem-estar aos ardores do coração. Vossê conhece a mulher com quem vou casar.

— Póde ser...

— É aquella Itelvina dos bailes da Terpsichore.

— Itelvina!? — exclamei.

— O ar espantado com que me faz a pergunta! Obriga-me a pedir-lhe explicações.

— Explicações... Eu lhe digo...

— Sei o que vai dizer-me. Itelvina aceitou a côrte de um tal Bazilio Enxertado.

— Parece-me que sim.

— Ah! tem o senhor a causa da minha desconfiança: é a nuvem negra do meu culpessa fraqueza; posto que, até certo ponto, fui eu quem deu motivo...

— Nesse caso...

— Meu pai negava-me consentimento, e, peor ainda, recursos para eu sustentar minha mulher, que não tem dote. Escrevi ao pai d'ella, contando-lhe a recusa do meu, e desligando-o da palavra dada. Até aqui sou eu o culpado. Porém, como ao mesmo tempo escrevi a Itelvina, pedindo-lhe que esperasse o futuro, e ella...

— Não esperou o futuro, e aceitou a côrte de Bazilio...

— E vossê tem a certeza d'isso? — interrompeu Henrique.

— Se tenho a certeza?! vossê é que parece têt-a.

— Desconfio apenas.

— Ah! desconfia apenas...

— Por que Itelvina escreveu-me sempre, com maior ou menor intervalo, assegurando-me que, apesar da vontade de seu pai, havia de amar-me sempre, e esperar em quanto podesse...

— Optimo! Vê-se que ella enganava o pai e Bazilio para ir contemporisando. Não me parece que deva inspirar-lhe desconfiança uma menina, que adoptou na tactica do coração a estrategia fabiana. Muito injustos somos com as pobres mulheres! Nem sequer lhes perdoamos que, por amor de nós, sejam velhas com os pais e com os nossos concorrentes!

— Isso é assim! — atalhou Henrique —; mas vossê, no meu caso, antes quereria que Itelvina esperasse a soffrer e a chorar, e não a mentir.

— Está enganado redondamente. Eu, no seu lugar, queria que ella não macerasse os olhos a chorar, nem murchasse as rosas da face a soffrer. Fez ella muito bem. Adivinho que a senhora D. Itelvina, logo que viu realisadas as esperanças de ser sua esposa, graças á herança, rompeu manifestamente com o pai e com o Enxertado.

— Assim devo suppôl-o; mas o estylo da ultima

carta, que recebi em Lisboa, deixa-me cá n'umas entreduevidas... Eu lhe mostro a vossê a carta. Chegue-se aqui...

Acercamo-nos da lanterna do leme, e ouvi lêr esta carta :

«A tua riqueza não me seduz, Henrique. Para mim valerias mais sem fortuna. É tão fácil a uma «senhora com dignidade e qualidades amaveis me- «recer e obter um marido rico, meu amor, que o «menor galardão dos meus meritos, se alguns te- «nho, seria casar rica. Não cuides, pois, que me «prendem os teus contos de réis. No dia em que eu «só vir em ti dinheiro, esqueço-te, e vêr-te-hei sem «inveja passar aos braços d'outra.»

Repare o leitor que esta carta é uma textual cópia da outra, que Bazilio me fez lêr, mudados os nomes, e subtrahida na segunda linha a palavra «título», que não vinha a proposito.

Considerem como eu ficaria attonito d'esta irrisoria travessura da menina do Porto!

O riso, como eu o mordesse entre os beiços, rebentou-me pelos narizes.

Henrique achou estúpido o espirro, e tinha razão. Fitou-me com desagradavel semblante, e disse:

— O senhor parece-me tolo!

Um homem de coração, como eu era, desculpa estas injurias. O pobre Henrique recebêra como zom-

baria da carta de sua amada aquelle imperdoavel frouxo de riso. Ouvi appellidar-me de tolo; e, por um cabello, lhe não disse quanto podia dizer em minha justificação. Gaguejei não sei que palermas desculpas, que azedaram mais Henrique. Queria eu motivar o riso com o falso melindre das senhoras em geral no acceitarem maridos dinheirosos; porém, a these, sobre ser falsissima, sahiu tão mal raciocinada, que cheguei a envergonhar-me da deficiencia das minhas idéas de improviso.

O resultado foi que Henrique Pestana voltou-me as costas, e desceu á camara. Peor seria, se terceira pessoa testemunhasse o facto. As testemunhas das affrontas são as que dão valentia aos affrontados.

Entrava o vapor a barra do Porto, quando tornei a vêr Henrique. Não me enganava, e fugia de mim. Ainda me aproximei no intento de me justificar.

Reflecti, antes de chamal-o a ouvir-me. Que ia eu fazer? Prejudicar o futuro de Itelvina a troco de captar a estima de Henrique. Preferi perder um conhecido a desacreditar uma senhora, que não valia menos que outras muito do meu maior respeito e admiração. Não, senhores: optei por ser tolo ou mau no conceito de Henrique, e assim fiquei.

Vivia eu em alguma intimidade com o litterato Ervedosa.

Interessava-me saber o andamento das relações de Itelvina com Henrique, cujo confidente era o escriptor.

Um dia, depois de um mez, em que Henrique sollicitara debalde o cumprimento da palavra de Manoel José Borges, entregou-me Ervedosa uma carta de Henrique, assim redigida:

« Como acho incomprehensivel o caracter de Itelvina, começo a comprehender que a sua gargalhada de 26 de agosto era profundamente significativa. Espanta-me o seu silencio, depois que eu lhe voltei as costas! Se vossê soffreu silencioso, podendo, talvez, justificar-se, sou obrigado a respeitá-lo, como homem exquisitamente honrado. Seja o que fôr, peço-lhe encarecidamente que me dê occasião de nos encontrarmos.

HENRIQUE PESTANA.

« S./c. 19 de setembro de 1851. »

O litterato accrescentou á carta largos esclarecimentos que eu abrevio. Itelvina respondia ás sollicitações de Henrique em termos nevoentos, algumas vezes ridiculos, e sempre incomprehensíveis. Intimada a responder cathegoricamente se sim ou não queria casar, tergiversava, pedindo espera para sua final deliberação, ou attribuindo a obediencia filial a perplexidade de que era accusada por Henrique. Manoel José Borges a quem o rapaz se dirigira, respondêra que sua filha mudara muito de genio, vivia muito comsigo, e tinha suas tendencias para o beaterio; ou então, encolhendo os hombros,

dizia que Itelvina era inexplicavel. Não obstante, o despachante animava Henrique a não desesperar.

O leitor e eu comprehendemos isto com menos explicações. Era o caso que a menina andava boiando, segurando-se ás duas amarras. Bazilio dizia-lhe que estava a chegar com o titulo; Henrique já tinha chegado com uma duzia de contos de réis. A polygamia seria um grande bem, podendo a menina decidir-se pelos dois; mas a pressão das leis canonicas punha aquelle coração a tormentos.

Isto indignou-me! Tive pena de Henrique, e asco de Itelvina.

Disse eu a Ervedosa que podia o seu amigo procurar-me quando quizesse.

Eis aqui a summa do nosso dialogo.

Disse elle:

—Vossê, que me permittiu aqui vir, é que vai dar-me a razão da sua risada. Se pôde dar-m'a, peço-lh'a, como homem de coração ao homem que se presa de o ter. Sabe o senhor quanta gravidade tem o passo, que vou dar? Se ha uma indignidade na vida d'esta mulher, o futuro hade descobrir-m'a. Se eu fôr então marido d'ella, seremos dois desgraçados, e vossê será grande parte na causa da...

—Sua desgraça?—atalhei eu—Não me faltava mais nada! Com que então...

—Claro está! Vossê sabe que Itelvina é indigna de mim.

—Não sei.

— Não sabe que as phrases da carta, que ouviu lèr, escondem um intento velhaco? Seja franco.

— A carta, que eu ouvi lèr, proya, em quanto a mim, que a senhora D. Itelvina é uma senhora esperta e bem alumiada do facho da civilisação de 1851; ora, o merecimento da esperteza é causa a que o senhor Pestana julgue Itelvina indigna de si?

— Pedia-lhe seriedade, a possivel seriedade, meu amigo — disse Henrique.

O tom, em que elle me atalhou, impressionou-me. Não quiz reflectir; abri o coração á verdade que o opprimia para sahir: disse tudo.

Henrique abraçou-me, acclamando-me seu salvador, seu redemptor, seu primeiro amigo.

Fiquei contente da boa accção. Arrancar á sordida armadilha um homem d'alma, levantar-o da indignidade, restituir-lhe a paz, o coração, e a liberdade, oh! pareceu-me isto um feito digno da medalha da Humanitaria, que ainda então não tinha nascido no Porto, mas já andava fundada no animo dos varões pios de lá.

Vociferou Henrique improperios contra Itelvina. Andou pelos *cafés* a ridiculisa-la. Pediu ao seu amigo Ervedosa que a mettesse n'um folhetim. Esteve a menina tres semanas em folhetim, exhibida á mofa da gente, a quem o mesmissimo Pestana andava desvelando o pseudonimo, e interpretando as allusões.

Cheguei a condoer-me da filha do despachante, e arrependi-me da meritoria accção de a denunciar

à zombaria publica. Escarneciam-na creaturas do seu sexo a quem ella podia dar lições de sã moral e lealdade no amor, creaturas que nem estylo tinham se quer, e repetiam sem grammatica, e de viva voz, a quatro ou mais pretendentes o que Itelvina escrevera, com exemplar correccção, a dois, sómente a dois!

Chegou ao conhecimento d'ella que Henrique Pestana andava mostrando e escarnecendo as suas cartas. Foram as meninas do surrador que lh'o disseram, como suas amigas intimas. Itelvina soffreu, receando que a irrisão chegasse ao conhecimento de Bazilio Fernandes. Pensou em desarmar com brandura as iras do despeitado amante; escreveu-lhe com tanto pungimento e humildade que Henrique, se não se envergonhou da publicidade que dera á fraqueza da pobre menina, teve dó, pelo menos.

Amor profundo é que elle tinha á infiel; amor immenso como costuma ser o que se dá á mulher, que o não merece; amor, que, abrasado pelo ciu-me, dispara todas as suas gemmas e flores em explosão de lama; amor que tanto eleva como abysma; amor que faz de um malvado um anjo, de um santo um algoz, de um irracional um poeta, e de uma alma sublimada um brutal infamador. Era este o amor de Henrique á amada de Bazilio Fernandes.

XI

Vantagens do roubo contra os inconvenientes da predestinação, segundo Balzac.

Entretanto, o filho de José Fernandes estava, em Lisboa, pasmado da mudança que se fazia em sua alma.

Guilhermina, uma das quatro filhas do commendador Raposeira, tirou-o á sorte n'uma loteria que fizeram as quatro irmãs, a vêr qual d'ellas o faria seu marido.

Era bonita, e lida nas melhores novellas do tempo esta Guilhermina. Sabia o *Judeu Errante*, o *Martin o engeitado*, os *Mysterios de Paris*, e andava decorando, em Cintra, a *Salamandra*. Dizia ella que, a não poder amar um cherubim, só amaria Eugenio Sue; mas, á falta do anjo e do romancista, amou Bazilio Fernandes Enxertado, que valia mais que ambos os outros.

Bazilio, tal qual como um mancebo de coração finamente temperado, sentiu-se captivo de Guilhermina, por que a viu sentada n'uma rocha da serra, com os olhos no mar.

Ha pessoas muito mal informadas do coração humano. Cuidam estas que certos homens do feitio de Bazilio recebem as impressões por uns nervos que não são os nervos por onde calam os filtros das paixões de *Werther* e de *Amáury*. Crasso erro!

Ha um ideal commum de todos, ideal que dispensa consummo de idéas; coisa em si materialissima, que se chama ideal, em virtude da tacita convenção, feita ha cinco mil annos, de nos enganarmos uns aos outros, e cada qual a si.

Este iman, que pucha por todos, tanto abala este moço contemplativo, que se morre de saudades do ceu, como aquelle agreste habitante das montanhas, que se deleita na esperança da plangana chorumenta que lhe hade, á ceia, carregar o somno, e doirar os sonhos. Este, e aquelle, em presença da mesma mulher, sob a pressão da mesma electricidade, hão de estremecer por igual, amar com igual vehemencia, e arrobarem-se nos mesmos enlevos. Acontecerá ao moço culto, que aprendeu a lingua das paixões, exprimir a sua; em quanto o filho das montanhas, o analphabeto, abafados os órgãos expansivos da eloquencia, recalcará ao amago do seio as commoções, e dará ao seu arrôbo a duração de um sonho de toda a vida.

Eu conheci um homem de quarenta annos nas abas da serra do Mesio, em Traz-os-montes. Era triste, inalteravelmente triste, como o pai amantissimo que contempla um filho morto. Perguntei-lhe o segredo da sua tristeza. Respondeu-me assim com esta singela melancolia: «Ha vinte annos que eu vi n'uma procissão em Villa Real uma menina de quinze annos, ou pouco mais, vestida de santa Maria Magdalena. Fiquei a scismar com esta menina, e nunca mais fui bom; perdi a minha alegria; e por mais que faça, em eu querendo espalhar a minha tristeza, vem logo a imagem, que eu vi ha vinte annos, apertar-me o coração.

—Era muito linda?—perguntei eu.

—Como as estrellas do ceu!—respondeu, e limpou as lagrimas.

Que era isto n'este homem da serra do Mesio?

A paixão da vida toda, a chamma que se teria apagado, dentro de quarenta e oito horas, no coração espiritual do leitor, que é poeta, que anda n'este mundo a penar, por que o mundo não tem a imagem correspondente á sua celestial chimera.

D'estas celestiaes chimeras — que são, a meu vêr, profanações, — não era grande peccador Bazilio Fernandes Enxertado.

Tinha o seu tanto ou quanto de ideal, o necessario para arranjo da vida, e adubo do espirito, sem detrimento dos outros orgãos.

Viu elle Guilhermina sentada na rocha, olhando

ao mar. Não creio que Bazilio desejasse ser poeta, por que, em minha consciencia entendo e creio que elle fez versos então.

A primeira poesia nasceu de uma visão como aquella. Em quanto houverem mulheres, que se sentem em rochas e contemplem o oceano, o ceu, o sol, ou outra qualquer obra magnificentissima do Senhor, a poesia não morrerá. Quando a brutalisação da economia politica tiver empedrado o coração do homem, aquella mulher será cantada por arvores, flores, rochas, e feras.

Avisinhou-se Bazilio do rochedo, e balbuciou:

— Como está linda, senhora D. Guilhermina!...

— Ah! — exclamou ella — acha?

— Em que estava a scismar? — tornou elle.

— Com...

E susteve-se.

— Não diz? então é segredo!... bem sei!...

— Não sabe.

— Ora... faça-se... (ia a chamar-lhe *tola*; mas o coração entalou-lhe a palavra na garganta)... faça-se de novas — emendou elle.

— Novas de quê? Ora essa!... O senhor Bazilio é que se faz desentendido...

— Eu!... está enganada... V. ex.^a é que... P'ra que fugiu lá gente, e veio sentar-se n'essa pedra? A senhora D. Guilhermina lá sabe...

— Parece-lhe que vim para aqui namorar? Só se fôr o sol, ou o azul do ceu.

— Ha boas vistas d'ahi?

— Muito lindas.

— Posso ir até lá?

— Venha.

— Irei eu quebrar as pernas por estes penedos acima?

— Suba com cautella; eu não escorreguei.

— Não que v. ex.^a parece um passaro a saltar de pedra em pedra! É leve como uma penna... Mas eu cá vou indo. Se morrer, reze-me por alma, faz favor?

Dava-lhe azas a poesia da hora e do local. Era ao pôr do sol. Cintra era o paraíso terreal melhorado, e illustrado. Não estava ali ignorante nenhum, que pudesse peccar por querer saber de mais. A fructa podia prejudicar o estomago; mas a alma não.

Bazilio levava na algibeira do albornoz um embrulho de queijadas da *Sapa*. O outro eden não tinha queijadas. O Adão primitivo era um idiota, ludibrio da propria costella e da cobra. Bem se via que Bazilio representava o nosso commum avô sessenta seculos depois.

Tirou as queijadas da algibeira, e disse:

— Vamos merendar. Suas manas estão lá em baixo a colher flores; nós cá vamos ás queijadas...

— Não gosta das flores, senhor Bazilio?

— Flor basta v. ex.^a

Assim começou o namoro, se é que elle não estava principiado, desde o momento em que Bazilio,

ao quinto dia de conhecimento com a familia Raposeira, disse a Guilhermina:

—Eu, se não estivesse compromettido...

Atalhou ella a phrase, com desabrimento:

—Quem lhe pergunta se está compromettido? Está a brincar!...

—Zanga-se comigo v. ex.^a?— tornou Bazilio.

—Por ventura pergunta-lhe alguém se o senhor está namorado de alguma *creaturinha* do Porto?

O termo *creaturinha*, dito com especial e ironica accentuação, turvou o animo do rapaz, e deslustrou a imagem de Itelvina.

A filha do commendador sabia a historia de Bazilio; e, sempre que cahia de molde, lá vinha alguma allusão á *creaturinha*.

—Com quem vai repartir a sua corôa de barão do Enxertado?—perguntou-lhe, uma vez, Guilhermina, sorrindo:

Elle tartamudeou, e ella proseguiu:

—Não se atire a algum abysmo, senhor Bazilio. Olhe que um homem da sua esphera nunca perdôa á mulher, que se não soube conservar na sua, e aproveitou uma hora de cegueira do amante para se dar o valor que não tinha.

Parece que Bazilio percebeu este ingranzamento de palavras, que me parecem má traducção de uma maxima de Stendal, de um livro chamado AMOR, que Guilhermina traduzia sem entender.

Percebesse ou não, o filho de Bonifacia olhou

para o seu interior, e viu-se outro. Situações analogas arrancaram raivas apostrophes de grandes poetas á versatilidade do coração. Bazilio não insultou a natureza do homem, nem se envergonhou de sua miseria.

Reflectiu, e disse entre si: «Itelvina é bonita e tem prendas. Canta e toca bem. É admirada na Philharmonica, e na Terpsichore. Isto é verdade; mas é filha do Manoel José despachante. Se eu caso com ella, meu pai leva-se da breca, e é capaz de me não dar nada em quanto fôr vivo. Que vou eu fazer, casando com ella? Vou-me tolher. Aqui em Lisboa tenho o dinheiro que quero, namoro e divirto-me, todas as mulheres, que eu conheço, me fazem festa... Se eu quizer casar com uma filha do commendador, não tenho mais que dizel-o, parece-me a mim... Ainda me lembra o insulto que a Itelvina e mais a mãe e as filhas do surrador da rua do Souto me fizeram no Douro em dia de Santa Anna de Oliveira. Depois que eu comecei a figurar é que ellas me deram attenção...»

N'esta altura, o monologo era interrompido pela lagrimosa imagem de Itelvina. Bazilio deixava pender o beijo superior, e encostava a cabeça á mão. D'ahi a pouco, lia as cartas d'ella, principalmente a que andava em espectaculo nos botequins do Porto. Esta carta espremia-lhe o coração; mas já não era bastante a resgatal-o das prisões de um novo amor.

Outras cartas posteriores de Helvina o intimavam a decidir-se peremptoriamente em quanto ao casamento. Respondia elle que estava á espera do titulo, e já se ia agastando com a teima de o quererem forçar á prompta realisação do projecto.

A filha do despachante instava, quando Henrique Pestana a compelliá a responder cathegoricamente; e redobrava de instancias, quando se viu ridiculisada, e em risco de perder ambas as conveniencias.

Bazilio deixou de responder-lhe uma semana; e a carta, que lhe enviou na immediata, era fria, desanimadora, e quasi um desengano.

Tinham já recolhido a Lisboa as senhoras Raposeiras, e andavam de baile, em baile, e Bazilio com ellas.

Aqui vem chronologicamente a ponto contar uma das irrisorias aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, aventura que lhe mudou o norte da vida.

Appeteceu ás meninas irem á Mãe d'agua ás Amoreiras. O portuense acompanhou-as.

N'aquelle tempo era franco o transitio do aqueducto; mas alguns casos de roubo, acontecidos no interior dos arcos, atemorizavam os curiosos. Ali fizera o celebrado Diogo Alves o seu esconderijo, e algumas vezes lá foram espoliados os provincianos, que visitavam a tytannica obra de D. João v.

Queria Bazilio que as senhoras entrassem no aqueducto; mas o commendador não consentiu, e aconselhou-o a desistir da temeridade.

— Heide ir! — exclamou elle — Isso de ladrões, à hora do dia, são historias.

— Mas olhe que lá dentro dos arcos é noite a toda a hora — replicou o Raposeira.

— Pois cá vou!

Disse, e desapareceu na escuridade do aqueducto, em quanto as meninas lhe bradavam, que não fosse a diante.

Chegou elle a um ponto em que já não via a claridade da entrada. O aqueducto torcêra a direcção horisontal. Bazilio sentiu frio, e um pouco de medo; mas, como ao longe lhe lampejasse um clarão, animou-se a ir até lá, e cobrar alento á luz para retroceder.

A meio caminho, porém, da almejada luz, foi subitamente assaltado de um recanto por quatro possantes braços, que lhe tolheram os movimentos e a voz na garganta.

Primeiro, apalparam-lhe e despejaram-lhe as algibeiras que iam bem providas; tiraram-lhe o relógio, quatro camapheus da abotoadura da camisa, um diamante da gravata, e seis anneis de bom preço. Despiram-lhe a casaca, o colete, e as pantalonas, e estiveram discordes ácerca do restante, até decidirem que se lhe tirassem só as botas, puchadas com tanta brutalidade que lhe desnocaram um pé.

Consummado o feito em breves minutos, os ladrões sumiram-se nas trevas, e Bazilio permaneceu quieto, petrificado, como a regelada parede a que encostou a cabeça congestionada.

Tornando a si, retrocedeu cambaleando até vêr o clarão da sahida; deu mais alguns passos; esperou que o grupo das meninas avultasse na claridade, e clamou:

— Ó senhor commendador!

Ouviram ellas a voz convulsa de afflicção, e chamaram o pai, que estava a vêr a caladupa da agua.

Correu o commendador á bocca do aqueducto. Bazilio pedia-lhe que entrasse lá dentro que precisava muito de lhe fallar.

— Querem vêr, que lhe aconteceu alguma, meninas? — disse o Raposeira — Ir lá dentro! n'essa não caio eu! O rapaz, em quanto a mim, foi assaltado, e despiram-no!

As quatro meninas encararam umas nas outras, e sollaram uma estridente gargalhada, que echoou no interior dos arcos, aos ouvidos de Bazilio, como um escarneo.

Appareceu o guarda da *Mãe d'agua* a quem o commendador revelou suas suspeitas.

O guarda chamou o auxilio de dois soldados, acendeu uma lanterna, entrou até encontrar Bazilio tiritando de frio, e veio para fóra dizer á familia que o tal senhor atrevido tinha sido roubado, e estava em cuecas a bater o queixo com frio, e mandava pedir ao senhor commendador o obsequio de lhe ir ao hotel de Italia buscar fato, e mandar-lhe uma carruagem.

Despregaram nova e insolentissima casquinada as quatro meninas, e foram embora com o pai.

Bazilio, chamado pelo guarda, sahiu do aqueducto, embrulhou-se no emprestado capote, e deitou-se na cama do funcionario, que lhe contava, com espanto, as risadas das senhoras, n'um caso tão pouco de rir!

Bazilio ouvia-o como corrido e affrontado, pensando comsigo d'este theor: «Quando eu cahiu do cavallo, Itelvina desceu ao portal, e levou-me nos braços para a sua cama. Guilhermina escarneceu-me agora. Esta chama *creaturinha* á outra. Pois bem! não tornarás a rir-te de mim, Guilhermina!»

D'ahi a meia hora chegou a roupa, e o commendador na carruagem.

Bazilio vestiu-se, entrou na sege com Raposeira, e foi ao hotel buscar dinheiro para remunerar liberalmente o bem-fazer do guarda.

Quando Guilhermina mandou, em seu nome, e de seu pai, e de suas irmãs, saber d'elle, no dia seguinte, Bazilio Fernandes tinha partido por terra para o Porto.

Se não fossem aquelles ladrões, que seria hoje Bazilio n'esta sociedade de Lisboa, e casado com Guilhermina?

Seria um... marido! Está claro. Que havia de elle ser senão um marido?!

por denuncia de Ervedosa, que elle recebeu de Ite-
 lina uma carta, e ficara commovido a ponto de cho-
 rar com remorsos de a ter apregado, em potevins
 e pracas, a mais sortida, paiza, e mercantil das don-
 zellas portuenses. Eu é que digo donzellas: elle não
 dizia tal. Pôz em escriptura sómente a mais suave
 das arguições, os epithetos menos amargos e detra-
 ctos.

Descontei que Henrique me evitava para se sur-
 tar a dar-me explicações, que eu certamente lhe não
 pedia. Ora, é coisa corrente que um homem, quer
 seja amantissimo, quer seja amigo, não se dá a
Uma exemplar de amor paternal. revelar os peccados da mulher, o colloca na posição
 vergonhosa de explicar a razão por que se resigna
 e perdô. Este odio é no maior numero dos casos

Quinze dias antes, recebera Itelevina a carta de
 Bazilio, a qual me referi no anterior capitulo, carta
 enfadada das repetidas instancias com que a inquieta
 menina o chamava ao Porto. Fôra ella escripta, no
 maximo calor do entrusiasmo por Guilhermina, de-
 pois que a vira sentada nos penedos de Cintra.

A filha do despachante vergou sob o peso d'esta
 segunda calamidade! Henrique andava desacreditan-
 do-a, a hora que Bazilio a abandonava. Cerrou tanto
 com ella o desgosto que cahiu doente, e da cama
 escreveu a Henrique a humilde carta, já mencio-
 nada.

Observei que o cavalheiro bragantino fugia de
 encontrar-se comigo, desde o dia em que eu soube,

por denuncia de Ervedosa, que elle recebêra de Itelvina uma carta, e ficara commovido a ponto de chorar com remorsos de a ter apregoado, em botequins e praças, a mais sordida, baixa, e mercantil das donzellas portuenses. Eu é que digo *donzellas*: elle não dizia tal. Ponho em escriptura sómente a mais suave das arguições, os epithetos menos amargos e detractores.

Desconfiei que Henrique me evitava para se furtar a dar-me explicações, que eu certamente lhe não pedia. Ora, é coisa corrente que um homem, quer seja amante, quer marido, odeia a pessoa que lhe revela os peccados da mulher, o colloca na posição vergonhosa de explicar a razão por que se resigna e perdôa. Este odio é no maior numero dos casos o lucro, que tira quem, por compaixão, ou por outro qualquer sentimento honesto e louvavel, se intromette na vida alheia. Tem-se dado exemplos de muitos maridos perdoarem as infidelidades ás mulheres, e nunca perdoarem aos amigos que lh'as denunciaram. O sujo coração humano é assim.

Não me enganei. Constou-me que Henrique andava propalando que eu inventara uma carta de Itelvina a Bazilio, para assim me vingar d'ella que me regeitara o galanteio nos bailes da Terpsichore. Dei-xei ir a calúmnia á revelia, estimando muito que ella aproveitasse á pobre moça, e á moral publica.

Manoel José Borges, como visse a desconsoladora carta de Bazilio, e o quebranto da filha, procurou

Henrique Pestana, e, entre lagrimoso e ressentido, responsabilisou o sujeito pela vida da sua Itelvina, tão immerecida e indignamente desacreditada por elle.

O cynico, segundo a voz publica, chorou com o velho, como as candidas almas dos vinte annos costumam chorar o remorso de uma culpa do coração. D'ali sahiram ambos, de braço dado, a casa do despachante. A desfallecida menina recobrou alentos, sentou-se no leito, suspirou algumas palayras de perdão, em quanto Henrique lhe osculava os dedos rosados, na presença de D. Bonifacia, que tambem chorava de enternecida ao vêr o fervor com que o mancebo beijava a mão de sua filha, e exclamou soluçante:

— A minha Itelvina é um anjo do ceu, senhor Henrique!

— Se é!... — disse elle,

— O que ella tem penado! — tornou D. Bonifacia — Só Deus o sabe!... que ella... coitadinha!... chora, chora, definha-se, e não diz nada!

— Eu fiz o mal — acudiu Henrique, levando ao coração os dedos flexiveis e nervosos da gentil enferma — eu darei o remedio.

— Está aqui? — perguntou Itelvina, premindolhe brandamente o coração.

— Está, minha querida, está! — respondeu Henrique muito commovido.

Sahiu o fino amante á sala, onde estava Manoel

José Borges, e pactuou definitivamente o casamento em dia aprasado.

Voltaram ao quarto de Itelvina, onde o jubiloso pai exclamou:

— Está decidido o teu futuro! Antes de quinze dias, filha, serás esposa d'este honrado moço, que te merece, e que eu já amo deveras. O mal feito está remediado. Agora, Itelvina, ergue-te d'ahi. Tens um marido que é uma joia. Eu, cá de mim, se me pedisse o imperador da Russia, não ficava mais contentente.

Itelvina arquejava de alegria, e rosou-se até ás orelhas. Era o pudor, o pudor, leitores, que é a mais geitosa das mascaras para toda a casta de escarlata, o que, sem aquella palavra, não saberíamos dizer o que é.

Passou Henrique ao escriptorio do despachante, onde a maviosa scena d'aquelles amores esponsalicios proseguiu assim:

— Vossa senhoria — dizia Manoel José Borges — casa com uma pomba. Não é por ser minha filha, mas eu digo o que diz toda a gente que conhece a minha Itelvina. Em quanto a genio, é meiga e docil como não sei que haja outra debaixo do sol. É digna de um throno!

— Eu sinto muito não ter um throno que lhe offerecer; mas...

— Tem as suas virtudes — atalhou o despachante, pondo no firmamento os olhos — Estou certo que

minha filha achou um marido, que a hade apreciar. Eu gostei sempre muito do senhor, desde que o vi no baile da Terpsichore. Mas sabe quanto me custou adiar este casamento por causa de yossa senhoria não ter recursos bastantes á decente sustentação da sua casa... Se o senhor Henrique instasse, dou-lhe a minha palavra que mesmo então lhe daria a pequena, e ficariam em minha casa comendo como eu comesse.

— Obrigado, senhor Borges: meu é que não podia impôr-lhe esse onus. Tenho certos principios de independencia.

— Isso é que é ser honrado, meu amigo! A independencia é uma coisa muito bonita! Ora diga-me, a herança, ainda que eu não entro n'esta especialidade, senão pelo gosto de saber que está bem, sim, dizia eu se a herança de sua tia...

— A herança de minha tia foram vinte e cinco contos em propriedades de casas, que vendi em Lisboa, porque estavam carecidas de obras, em que eu gastaria os rendimentos de cinco annos. Agora, estou resolvido a pôr o meu dinheiro n'algum banco.

— Banco?! hade perdoar, mas não me parece acertado. O senhor, se quizer, pôde fazer que o seu dinheiro lhe renda lá quarenta por cento, ou mais. Eu sei nos escânhos do negocio, senhor Pestana. Tenho sido o agente de alguns interesses menos maus, com dinheiro de negociantes que não figuram, mas

sabem a quanto monta um pequeno capital bem administrado. O negocio de dinheiro a retalho é o mais lucrativo. Por que não hade o senhor, por segunda pessoa, negociar em empréstimos sobre penhores? Isso digo-lhe eu que é dobrar os pés com a cabeça. — Usura? não me leva para ahí o genio — aladhou Henrique — O que tenho, legalmente administrado, sobeja-me á decencia da minha casa. Não aspiró a dobrar a minha fortuna. — Valha-o Deus! mas, se póde dobrar-a, faz-lhe isso algum mal! Que está o senhor ahí a fallar em legalidades? Pois o meu amigo cuida que alguém enriquece hoje dégalmente? Aqui estou eu que sou pobre por amor da lei, e já agora é tarde para tornar ao ponto onde eu dei um pontapé na fortuna. Quantos amigos meus estão nò galarim! Para não ir mais longe, olhe o senhor o Enxertado, aquelle bruto que vale quatrocentos contos! Pois tres partes da fortuna roubou-as á fazenda nacional! No tempo do cerco, metleu no Porto trezentas pipas de vinho sem pagar direitos, e contrabandêa ha vinte annos com felicidade de burro! É um dos cincoenta ladrões mais felizes do Porto! — Cuidei que o senhor Borges era um amigo do Enxertado — interrompeu Henrique — Não, senhor! Sou compadre d'elle, mas desde que lhe entrei lá no fundo do seu modo de pensar, retirei-me com a minha honra intacta.

— Mas como eu sei que o filho frequentava a sua casa...

— Contra minha vontade. Que havia de eu fazer áquelle bruto? Caiu do cavallo aqui na rua, veio cá para casa em braços, apaixonou-se pela minha filha, e pediu-m'a. Aqui está o que foi. Eu considerei que a pequena, a ter de casar mal, antes com elle que com outro. Disse-lhe que sim; e sabe Deus que lagrimas fiz chorar ao meu pobre anjo! Ella não pensava senão no senhor Henrique; e eu, a dizer-lhe a verdade, cuidava que o senhor estava esquecido de nós. Se alguém teve culpa, fui eu; que a pequena, essa dava um estoiro, se se visse casada com tal alarve, que de mais a mais é um maroto de marca!...

N'este ponto, Henrique Pestana citou o meu humilde nome, a proposito da carta escripta por Helvina a Bazilio. O senhor Borges disse muito mal de mim, chamou-me todos os nomes, que enriquecem o vocabulario do Porto, excepto contrabandista. Com o quê, se se pararam satisfeitos, cada qual a tratar dos preparativos para o matrimoniamento.

No dia seguinte ao d'estes faustos successos, chegou ao Porto Bazilio Fernandes Enxertado.

O surprehendido mercieiro, quando viu o filho, deu um pulo de alegria; mas, passado o instante do alvoroço, exclamou com aspecto demudado:

— Quem te chamou cá, rapaz?

— Estava farto de esperar pelo titulo — respon-

deu Bazilio — Os sujeitos, a quem eu levei cartas, são uns tratantes, meu pai. O que elles queriam era apanhar-me p'rás filhas. E, a fallar-lhe a verdade, eu, se não tivesse um bocado de miolo n'esta cabeça, alguma asneira fazia por lá. Aquillo de mulheres de Lisboa são matreiras que tem diabo! Rapaz, que não tiver lume no olho, embeça-se, que está perdido! Eu assim que vi com que gente estava, fui-me safando, e não quiz mais saber do titulo. O que eu quero é estar ao pé de meu pai e de minha mãe.

A senhora Bonifacia, que estivera a soffrear as ternas lagrimas, deixou rebentar os diques, e lançou-se nos braços de Bazilio, clamando:

— Fizeste bem, filho, fizeste bem! Não tornes a sair da nossa beira!

— E tu vens com mais juizo, Bazilio? — perguntou José Fernandes entre grave e meigo.

— Falta-lhe elle juizo! — acudiu Bonifacia — Não lhe estejas agora com essas arengas, homem! Deixa-o ir descansar para depois comer alguma coisa. Parece que o meu coração adivinhava! Olha que temos hoje tripas guizadas, Bazilio, o teu petisco de afeição!

— Temos tripas? — disse jubiloso o elegante — Estimo bem! Lá em Lisboa lembraram-me muito.

— Vens com a barriga cheia de alface, rapaz? — perguntou José Fernandes — Lá te mandei seis dúzias de salpicões; comeste-os ou não?

—Comeu-os o commendador Raposeira, e mais as filhas!... Cuidava elle e mais ellas que eu, por ser cá da provincia, tambem era salpicão! Quasi que me iam engolindo!

—Credo! exclamou a senhora Bonifacia.

—Eu acho que os fidalgotes lá da capital só comem alface, quando não tem salpicões—acrescentou com ares de faceto o especieiro.

—Tambem me parece—disse o joven—Aquillo é tudo casquinha.

—Deus sabe com que linhas cada qual se coze—ajuntou a senhora Bonifacia.

Depois de jantar, como a lintumecencia das tripas, bem avinhadas do velho Porto, conforme o estylo, dessem um tom de satisfação expansiva a José Fernandes, chamou este o filho, e disse-lhe, encostado a uma rima de ceiras de figos:

—Vejo agora que estás outro, Bazilio! Estou contente contigo. Se eu soubesse isto, não te deixava estar tres mezes na capital. Reventavamos tua mãe e mais eu com saudades de ti, filho! Mas o medo de que desses aquella grande cabeçada de casar com a minha afilhada!. Valha-te Deus! como te lembraste tu de ir dar aquella rapariga a grande fortuna que tenho andado a arranjar-te! Olha que tu és muito rico, rapaz! Tens quatrocentos contos, por minha morte, se a fortuna não desandar. Não haem Portugal nenhuma, que tu não arranjes, se quizeres casar. Eu cada vez que me lembrava que a filha do

Borges havia de metter a mão na minha burra, sentia-me estoirar cá por dentro!

— Ora, meu pai, meu casava lá. —
Esta interrupção de Bazilio sahiu tão sobre-posse e contrafeita que José Fernandes, e só elle, poderia tomal-a á melhor parte.

— Pois tu não pensavas em casar com ella, Bazilio?

— Qual! — disse sorrindo desdenhosamente o moço.

— Dáscq um abraço, rapaz! Olha que fiz mau juizo da tua cabeça. Então tu, pelos modos, o que quérias era passar o tempo com a moça.

— Pois eu que havia de querer?

— Isso lá, sim! Um rapaz não lhe fica mal gostar de uma rapariga, e. como o outro que diz divertir-se, em quanto não casa. Lá isso não me importava a mim, nem me importa. Arranja-te lá, Bazilio; mas não dês azo a que o compadre ande por ahi a dizer na praça que tu lhe casas com a filha, e os meus amigos a virem cá espantados perguntar se tu restás doudo.

Proseguiu o dialogo até uns termos de muito equivocá moralidade. José Fernandes consentia que seu filho desse casa e mezada á filha do despachante, se tinha paixão por ella. A quantia estipulada e cedida para a deshonra de uma familia e desmoralisação de duas viria a ser uma verba igual á que o especieiro esmolava para as obras do hospital do Ter-

ço e outros asylos de caridade, esmola, que, além do ceu, vendia ao negociante uma local por mez nos differentes jornaes do Porto, que o denominavam « dispenseiro dos thesouros de Deus, e providencia terrestre dos infelizes ».

XIII

Na tarde d'este mesmo dia, foi Bazilio visitar a familia do despachante. Quando empoeou a rua de Santa Catharina encontrou Ervedosa, que lhe disse: — Por estes quinze dias, o Henrique Festas casa

com Helvina. Enzulado perdeu a côr, e dissadas pernoitadas. — Príncipe me hade levar a mim o diabol.

A distancia de quarta passos enzórgou Helvina a janella, e viu-a desaparecer com arremesso.

Batton no portal, tiou pela carpajinha tres vezes, e a quarta quebrou o stame, sem que ninguém

the abrisse a porta. Batton com os calcabares ate que as portadas

XIII

Chora o heroe.

Na tarde d'este mesmo dia, foi Bazilio visitar a familia do despachante. Quando embocou á rua de Santa Catharina encontrou Ervedosa, que lhe disse:

— Por estes quinze dias, o Henrique Pestana casa com Itelvina.

Enxertado perdeu a côr, e disse:

— Primeiro me hade levar a mim o diabo!

A distancia de quarenta passos enxergou Itelvina á janella, e viu-a desaparecer com arremesso.

Entrou no portal, tirou pela campainha tres vezes, e á quarta quebrou o arame, sem que ninguém lhe abrisse a porta.

Bateu com os calcanhares até que as portadas gemeram pelas juntas.

Fallou D. Custodia, perguntando:

— Que brutalidade é esta?

— É Bazilio— respondeu o hallucinado rapaz.

— Quem procura?

— A senhora mesma.

— Que me quer?

— Quero vê-la.

— Pois eu não tenho vontade nenhuma de o vêr ao senhor.

— Faz favor de abrir?

— Não abro: o dono da casa sahiu.

— Faz favor de abrir, quando não...

— Quando não quê?...

— Vai dentro a porta.

A ultima parte d'esta original disputa foi ouvida pelo despachante, que Bazilio não vira entrar no portal.

— Isto que bulha é?! — perguntou Manoel José Borges.

Bazilio descobriu-se, e complimentou-o, accrescentando:

— A sua familia não me abre a porta.

— Lá terão suas razões.

— Não sei quaes! Senhor Borges, o senhor faz mal em faltar á sua palavra!

— A minha palavra! O senhor é que faltou.

— Estou ainda aqui, e solteiro.

— Não duvido; mas minha filha já dispoz de si. Vai casar com...

— Já sei; mas ainda é tempo de se desfazer o casamento.

— Isso é lá com ella, e com a mãe. O que eu posso fazer é empregar o poder de pai afim de que minha filha ouça as razões do senhor Bazilio.

— Pois faça-me esse obsequio, disse Bazilio apertando-lhe a mão.

— O que passar com ella — tornou Manoel José Borges com brandura — lh'o participarei.

— O melhor seria que eu subisse agora, e pôde ser que tudo se conseguisse do pé pra mão.

— Não, senhor. Va, que eu cá sondarei o negocio. Minha familia está furiosa contra o senhor Bazilio; hade ser custoso conseguir que ella não tenha febre, ouvindo pronunciar o nome de vossa senhoria.

Sahiu Bazilio, com o coração em pedaços.

O despachante foi contar o sucedido no portal. Itelvina, posto que não tivesse febre, cortou a narrativa do pai com interjeições virulentas, e a senhora D. Custodia, de vez em quando, murmurava:

— Coitado!

— Coitado, quê?! — vociferou a menina, já aborrecida dos ápartes da mãe condoida.

— Emfim, menina, lá que o homem te quer bem, d'isso ninguem pôde duvidar — respondeu D. Custodia — Isto não quer dizer que cases com elle, e despeças o outro; mas a gente tem coração, e o Bazilio sempre me pareceu que tarde ou cedo havia de

vir procurar-te. Ama-te desde creancinha; é o que é, filha.

— Não quero ouvir fallar do perfido monstro! — redarguiu Itelvina — Não quero!...

— Tens razão, menina — atalhou o pai — O teu casamento está tratado, e ficava-te agora muito mal aos teus creditos deixares o Henrique segunda vez. Que pena que o Bazilio não viesse antes de hontem! Ainda vinha a tempo.

— É assim — affirmou a esposa — é assim, Manoel.

— Não tínhamos ainda dado a nossa palavra — continuou elle — e então o Henrique ficava bem castigado por te andar a desacreditar pelos cafés.

— Dizes bem, Manoel! — tornou D. Custodia — Se elle vem antes de hontem...

— Elle veio barão? — disse Itelvina com um gesto de menospreço da coisa perguntada.

— Não lhe perguntei — respondeu o pai — e, a fallar a verdade, fiz mal, por que lhe dei *senhoria*... Em quanto a mim, veio barão. Quem tem quatrocentos contos de réis é o que quer ser. É uma fortuna colossal! O Henrique, coitado, tambem tem alguma coisa, e póde viver remediadamente; mas o que vai de trinta a quatrocentos é mui bem d'elle!... Em fim, já agora não ha remedio! Acabou-se!... Tu não gostas d'elle, e déste a tua palavra ao outro, menina; se não, o casamento era d'aquella casta! Pois não era, ó Custodia?

—Não me falles n'isso, homem, que estou triste como a noite! Se eu via a nossa filha com carruagem, e a dar os seus bailes... Ai! a felicidade é p'ra quem ella quer ir, e não para quem a merece...

—Ora, com que estão ahi!—acudiu Itelvina—que me importa a mim a carruagem? o que eu quero é viver em obscura felicidade com Henrique.

—Pois, sim, filha, pensas bem—replicou D. Custodia—; mas cá a minha zanga é vêr que as tuas falsas amigas da rua do Souto foram fazer escarneo de mim a casa do Ramos droguista por eu ter dito que tu havias de ter marido que te desse trem. E olha se te lembras que ellas, assim que ouviam dizer lá por fóra mal de ti (não posso perdoar áquelle Henrique as aleivosias que te assacou!) vinham logo pespegar-t'o nas bochechas para se consolarem com as nossas afflicções!

—Ora!—atalhou Itelvina—Deixar lá as miseraveis...

A chegada de Henrique Pestana cortou a palestra, que, a demorar-se, muito me engano eu, se ella nos não vinha a denunciar uma nova phase da demoralisação dos animos d'esta familia.

Henrique já sabia que Bazilio Fernandes chegara de Lisboa, e dissera a Ervedosa que primeiro o levaria o diabo que o casamento se realisasse.

Intallado por esta má nova entrou elle á presença de Itelvina, que estava pensativa, com a face apoiada na mão, sentada em frente do pai e mãe.

— Que tristeza! — disse Henrique.

— Coisas... — murmurou o pai da menina.

— Trabalhos que não faltam! — ajuntou Custodia.

— Mas que coisas e que trabalhos? — perguntou Henrique.

— Nada, nada, inteiramente nada! — disse Itelvina, erguendo-se de golpe, e sentando-se ao piano a dedilhar nas teclas a escala com febril corrida de mãos.

— Aqui ha mysterio! — tornou o noivo contratado — Faz favor, senhor Borges, de me ouvir duas palavras em particular?

— Pois não! vamos ao escriptorio.

Ao tempo, que passavam do pateo ao escriptorio, entrou Bazilio Fernandes.

Coriscavam-lhe as pupilas, e ressumava-lhe o sangue nas maçãs do rosto.

Tartamudeou algumas palavras, que a tradicção me não transmittiu, em resposta das quaes Henrique Pestana o olhou de esguelha, e disse:

— Tenha cuidado comsigo, senhor Enxertado!

— Que quer dizer isso? — accudiu Bazilio empertigando-se e arqueando os braços com um entono não de todo desageitado.

Henrique Pestana mediu-o d'alto a baixo, e replicou:

— É uma questão muito séria a nossa, senhor Bazilio Fernandes.

— Deixal-a ser, senhor Henrique Pestana! — retorquiu Bazilio, insinuando os dedos pollegares nas algibeiras do collete de setim branco matisado com silva de todas as côres possíveis.

— Os senhores são dois cavalheiros! — interveio Manoel José Borges accentuando as palavras como o caso pedia — Não é de esperar que façam acção indigna vossas senhorias. Queiram entrar no meu escriptorio, e fallaremos com o socego que se requer n'estes negocios.

E, dizendo, abriu a porta, e fez a mesura convidativa para que os hospedes entrassem: o que elles fizeram, guardando-se reciprocamente as deferencias na primasia de quem entraria primeiro.

Mantinham-se em ridiculo silencio os oppositores a Itelvina, quando o despachante, saltando a quatro pés por cima das difficuldades do improviso, rompeu assim:

— O senhor Henrique pediu-me a minha filha, e depois por lá ficou um anno, até que se resolveu a vir casar com ella. N'este entretanto, o senhor Bazilio tambem m'a pediu, e foi para Lisboa, e por lá se esqueceu da minha filha. Depois, o senhor Henrique veio cumprir tarde e a más horas a sua palavra; mas eu, que não tenho senão uma cara e uma palavra, dei a minha filha ao primeiro que a pediu, visto que o senhor Bazilio faltou á sua.

— Faz favor de não falsificar a verdade! — interrompeu o Enxertado — Aqui estão as cartas de

sua filha! Vou-lhe provar que ella me enganou sempre.

E tirou de uma carteira de coiro inglez, marchetada de prata, um massete de cartas, que atirou sobre a escrevaninha do despachante, dizendo:

— Ah! tem! veja! e o senhor Henrique póde vêr tambem! Sempre quero que conheça por fóra e por dentro a mulher que leva... É boa joia!...

— O senhor está ahí a injuriar a minha filha! — disse, erguendo-se impetuoso, Manoel Borges, com os punhos cerrados sobre a banca.

— Qual injuriar! — tornou Bazilio — A verdade está aqui n'estes papeis! Não de lêr-se. Leia-os, senhor Pestana.

Ora, o senhor Pestana estava passado do que ouvia, e não despregava os olhos do massete das cartas. Para elle era de toda a evidencia, que eu calumniara, por despeito de amador repellido, Itelvina, inventando cartas escriptas a Bazilio para Lisboa. Agora, estava ali a terrivel prova justificando a minha parvoa franqueza de intromettedição em negocios de coração alheio.

A situação do despachante não era mais tranquilla. Pouco antes conversando com Henrique, tinha elle rebaixado o character de Bazilio, dando como certa a desgraça, e, além da desgraça, o arrebitamento de Itelvina, se ella, por mera obediencia filial, se visse casada com o paparreta do Enxertado.

N'esta collisão, Bazilio lançou mão das cartas,

desdeu o laço de fitinha verde que as cintava, e espalhou-as sobre a mesa, exclamando:

—Vejam isso! Olhem se conhecem a lettra da senhora D. Itelvina!

E, como nenhum dos dois tocasse nas cartas, lançou elle mão de uma á ventura, abriu-a, chegou-a aos olhos de Henrique, e disse:

—Faz favor de lêr!

Quiz o acaso que fosse aquella justamente a carta, que eu lêra em Lisboa, e começava:

«A tua riqueza não me seduz, Bazilio. Para mim
«valerias mais sem fortuna nem titulo... *et caetera.*»

—Não faça caso d'isso, senhor Henrique!— exclamava o despachante— Isso é talvez uma carta de amizade, e mais nada. Bem sabe que a minha Itelvina é da criação do senhor Bazilio, e então não admira que ficassem sempre a corresponder-se, e de mais a mais, como elle m'a pediu, e eu teimava com ella para lhe escrever, a pobre menina, contra vontade, disse p'ra hi essas coisas, que não valem um caracol.

Bem se vê quão atrapalhado estava este honesto pai de familia! O nobre desprendimento de sua indole aconselhava-o que os mandasse ambos á fava; mas o affazer-se elle á idéa de casar a filha com um dos dois, sobre molestar-lhe grandemente aquelle natural, que o leitor tem de sobrá admirado, punha-o na penosa obrigação de não despedil-os ambos para ficar com algum.

N'este enleio, que todos os bons pais de meninas pobres devem perdoar a Manoel José Borges, se contorcia elle internamente, em quanto Henrique lia a carta. Bazilio procurava alguma outra mais significativa, quando Itelvina prorompeu de subito no escriptorio, por uma porta de communicacão interior, cruzou os braços, e fitou Bazilio.

O filho de José Fernandes Enxertado levantou as mãos de sobre os papeis; Henrique fez um passo atraz, e deixou cahir o braço; Manoel José Borges sahio d'entre a escrevaninha e a cadeira, foi direito á filha, e disse-lhe:

— Não te afflijas com as trampolinices do teu amigo de infancia! Olha que amigo!...

Itelvina deu um salto á mesa, abriu as mãos, recurvou os dedos, arrebanhou as cartas, machucou-as em duas bolas, e metteu-as ás algibeiras do avental de seda verde-gaio.

Depois, voltando-se a Bazilio, exclamou:

— É um character vil, o senhor! Eu podia tambem mostrar as suas cartas, se as tivesse guardado; mas... o destino que ellas tiveram... foi... entrarem d'onde sahiram...

Estas palavras, aliás euphonicas, escondem um pensamento de mui duvidosa limpeza, e uma comparação, que Bazilio não farejou, posto ser ella de natureza a incommodar-lhe o faro. Seja o que fôr ha muito espirito n'este rasgo de Itelvina, embora digam que a substancia da idéa é a menos espiri-

tual d'este mundo. Bazilio Fernandes ficou mais bruto que o seu ordinario. Henrique Pestana não sabia qual expediente lhe ia melhor em tal conjunctura. Tinha elle ainda na mão a carta, quando Itelvina, arrancando-lh'a, bradou:

— Se este successo te dispõe contra mim, Henrique, manda-me as minhas cartas, que as tuas posso restituir-t'as; essas conservei-as sempre, e tenho-as presado, e copiadas no coração!

Disse; e safou-se, de cabeça alta, e adoravelmente furiosa.

Bazilio era a imagem da estupidez; mas estupidez silenciosa, que é uma especie de estupidez, que o leitor rarissimas vezes terá encontrado. Estava com a bocca escancarada como se o coração em pulos lhe quizesse fugir por ella.

Henrique inclavinhara as mãos sobre o estomago, e olhava para ellas.

Manoel José Borges, passeando de parede a parede, bracejava, puchava pelas suissas, e murmurava:

— O que vai em minha casa!... que desgraça! que chuveiro de infelicidades sobre uma familia honesta!...

— De subito, Bazilio encara em Henrique, e brada:

— Então o senhor está resolvido a casar com a senhora D. Itelvina?

Pestana olhou de lado o interrogador, e disse:

— A que vem essa pergunta?... Eu não dou explicações da minha vida ao senhor Bazilio.

— Muito bem! — replicou o filho de Bonifacia, batendo uma rija pancada sobre a mesa com a copa do chapéu — Muito bem! O senhor hade saber o que é um homem, ou eu não heide ser filho de meu pai.

— O senhor parece-me tolo! retorquiou Henrique.

Palavras não eram ditas, Bazilio atirou ao chão o chapéu amassado da rija pancada, abriu os braços, e correu para o rival, com o programma homicida de o escorchar entre os musculos retezados pela ira.

Manoel José Borges, que a fortuna de Henrique interposera aos dois, lançou-se ao robusto filho de José Fernandes, e pôde retê-lo, não com a força, mas com as suas veneráveis cans.

O moço espumava de raiva, articulando epithetos de baixa companhia, contra os quaes Henrique oppunha um certo ar impassivel, que não parecia medo, mas era realmente medo.

Itelvina, que andava escada abaixo e acima espreitando, entrou no escriptorio, quando Bazilio se debatia nos braços do velho.

O que ella praticou n'este lance, se não foi novo, merece ser contado n'esta época em que todos os conflictos d'esta ordem se passam a portas fechadas com um aborrecido ar de domesticidade, e ficam ignorados sob o titulo de «segredos de familia».

Aproximou-se Itelvina do pai, que estava a suar, e disse-lhe:

—Meu pai, largue esse furioso, que eu quero vêr o que elle é capaz de fazer.

—Veja lá o que faz, senhor Bazilio!—disse o despachante, largando-o.

Ó milagre de amor!

Bazilio Fernandes Enxertado, abandonado às suas furias, levantou o chapéo do chão, arquejou alguns segundos, olhou em redor de si, sentou-se n'uma cadeira, e levou as mãos aos olhos, que se debulhavam em copiosas lagrimas.

E os outros tres contemplavam-no silenciosos.

Passados dois minutos, ergueu-se o afflicto moço, e disse:

—Adeus para sempre!

E sahiu, relanceando os olhos tôrvos sobre o rosto de Itelvina, que, inclinado ao seio, parecia dobrar-se ao peso do desgosto, ou esconder-se ao pejo de semelhantes scenas.

Henrique Pestana, vendo-a assim quebrantada, perguntou:

—Porque estás assim soffrendo, Itelvina? Dar-se-ha caso que te fiquem remorsos de o não teres, segunda vez, attendido?

Ia nas palavras *segunda vez* um agro de censura, que molestou o paladar melindrosó da menina.

Voltou-se ella com soberano aprumo, e respondeu:

—Veja lá!... Está ainda em tempo de retirar a sua palavra.

— Itelvina! calla-me essa bocca!— disse com aze-
dume o despachante.

— Deixe-a fallar— atalhou Henrique— Ella sabe
que póde esmagar impunemente os corações que a
amam. Eu tudo lhe perdôo, por que sei comprehen-
der tudo quanto ha horrivel, menos a desgraça de
a perder.

Itelvina estendeu-lhe a mão, e disse:

— Sejamos felizes, Henrique!

Henrique apertou-lhe a mão, e murmurou:

— Serás feliz, Itelvina!...

— Ora pois!— interveio o despachante alegre-
mente— Gosto de os vêr assim! Isto acabou-se. Ca-
sem-se vossês, quanto antes melhor, que depois já
o outro tira d'aqui o sentido.

**Ama Bazilio uma prima-donna di-cartello
do real theatro de S. João.**

Chegou Bazilio a casa, e atirou-se a chorar sobre a cama. Os soluços de Bazilio, tirados d'aquelle robusto peito, eram arrancos de quem vomita.

Acudiu a mãe, e logo o pai.

Julgaram-no afflicto da barriga, porque elle punha as mãos no peito, e para José Fernandes o espaço que vai do pescoço ás pernas era tudo barriga. Louvores a Deus, quando podermos todos pensar como elle!

— Oleo de amendoas doces! — exclamava Bonifacia.

— Uma sangria no pé para lhe puchar abaixo os humores! — optava José Fernandes.

Foi chamado um retrozeiro, entendido em dô-

res, que morava na porta visinha. O retrozeiro apalpou-o; e disse:

— É indigestão. Purguem-no já com oleo de mamôna.

E, no entanto, Bazilio respondia, soluçando ás perguntas do pai em termos que o velho não entendia, até que a senhora Bonifacia, como bom coração que era de mulher e mãe, explicou tudo com admiravel penetração, fundada n'estas palavras exclamatorias do filho: «Estoira-me o peito! Antes morrer, que vêl-a nos braços d'outro.»

Ora, o infeliz velhaco abstinha-se de exclamar coisas d'aquellas, quando o pai estava presente.

José Fernandes, informado pela judiciosa interpretação da esposa, sentiu guinadas de ir ao quarto, e deslombiar o filho com a rasoira do milho, que tinha á mão. Porém, o retrozeiro, que entrara na confidencia, foi contar o caso ao boticario da rua Chã, amigo da familia, e oraculo nos apêrtos; o qual, encostado á tripode do almofariz, respondeu com arsybillino: que, a não querer José Fernandes desançar o filho, o melhor seria não fazer caso d'elle, e deixal-o curar pelo tempo.

No dia seguinte, por volta do meio dia, Bazilio pediu licença ao pai para ir dar um passeio até ao Senhor Jesus do Monte, a Braga. Nem leve hesitação deteve o consentimento, dado com a maior satisfação. Foi um caixeiro alugar um macho, em quanto a senhora Bonifacia enfardelava duas grossas malas,

e José Fernandes encartuchava dinheiro, e escrevia aviso da ordem franca.

Bazilio bifurcou-se no macho, e partiu.

Como passasse na rua de Santa Catharina, e de frente da casa de Itelvina, a tempo que ella chegava á janella, apertou-se-lhe o coração, e cuspiu duas lagrimas ardentes ás orelhas do macho; mas a dignidade reagiu, e as esporas, obedecendo á dignidade, cravejaram-se nos ilhaes da cavalgadura, que despediu dois pares de coices.

Itelvina tomou isto como proposito e insulto. Voltou-se para dentro, e disse á mãe.

— Ora, não quer vêr o javardo que me vem cá dar coices na sombra!?

A senhora Custodia correu á janella; e, cuidando que alcançava o cavalleiro com a injuria, gritou:

— Fóra c'o mariola!

Chegou Bazilio á *Ponte da Pedra*, primeira estalagem que se encontra no caminho do Porto a Braga.

Eram duas horas da tarde.

A estrada e rocio fronteiros á celebrada estalagem estavam cobertos de carruagens, e as janellinhas adornadas de senhoras, e grupos de outras damas, e dos mais especificos galans do Porto andavam por debaixo dos sovereiros, pela ponte, pelas margens do Lessa, e sob as ramadas e caramancheis do jardim.

Muitas vozes simultaneamente proferiram o nome de Bazilio, quando elle e o macho assomaram

ao cimo do ladeirento pinhal que ali formava a estrada. Eram melodiosissimas vozes de meninas, que fingiam zombar do filho de José Fernandes, quando estavam juntas, e encaravam seriamente n'elle nos theatros e nos salões.

Bazilio apeou na idea de jantar, e viu sentado á sombra de uma carvalheira o jornalista Ervedosa, que o eslava chamando a grandes brados, e acenando-lhe com uma folha de papel almaco.

— O senhor vem ao *pick-nick*? — perguntou Ervedosa.

— Não; vou para Braga.

— Que vai fazer a Braga?

— Eu sei cá! Vou... a ventura! — disse Bazilio, sentando-se ao lado do litterato, e expedindo um enorme suspiro.

— Que tem o meu amigo? — tornou Ervedosa — Querem vêr que o senhor vai fugindo a ingrata Itevína...

— Não diga *ingrata* — acudiu Bazilio — aquillo é mais que ingrata; é uma mulher sem honra nem vergonha!

— Realisa-se o que eu lhe disse, e o senhor não acreditava. Casa com o Henrique?

— É verdade... Deu-me um pontapé no coração! matou-me aquella mulher!... Se vossè a visse furiosa, como eu a vi hontem!...

— O pélo do mesmo cão, amigo Bazilio... Outra mulher, outros amores, vinte mulheres, todas as

mulheres do globo, já, e sem perda de tempo! O senhor está aqui está esquecido d'esse monstro. Nem vossê sahe já d'aqui hoje. Estão aqui dez mulheres, pelo menos dez das mais galantes do Porto. Ame uma, ou ame-as todas. Que vai fazer a Braga? Aqui é que está o balsamo. Temos logo um jantar dado á prima-dona Dabedeille. Está o senhor convidado em nome da direcção, cujo membro eu sou. Vai vêr o que é enthusiasmo, e enthusiasmar-se comnosco. Os caixões do vinho já vieram adiante, e não tarda ahi um carroção com o jantar. Eu estou aqui escrevendo sonetos, quatro sonetos á Dabedeille, quatro improvisos em que medito ha quinze dias. Está dito! palavra de honra! vossê janta comnosco, e apaixonase por todas estas mulheres!... Ó Bazilio! quer vossê uma coisa? faça a côrte á Dabedeille. Gosta d'ella?

— Bom estou eu p'ra essas empresas! — disse Bazilio, arrancando segundo e mais grosso suspiro — Tenho o diabo cá dentro, senhor Ervedosa! Não ha mulher nenhuma que me faça esquecer Itelvina!

— Pois experimente, e verá. Aturda-se, Bazilio! Embriague-se, delire, ame a torto e a direito, embruteça-se nas delicias faceis d'esta alegre corrupção em que não é preciso gastar a alma, e vossê verá que fica bom. Todo homem de juízo, que se vê na posição em que está o senhor, perde o siso por tres mezes, faz toda a casta de asneira, e joga uma partida com o diabo.

Acabava Ervedosa de ingranzar muito mais longa

exposição de ineptias, quando a prima-donna Dabedeille, com algumas damas, e luzido sequito de cavalheiros desembocou do caminho, que os trazia de visitarem o mosteiro de Lessa do Balio.

Ergueu-se Ervedosa, mettendo á algibeira os sonetos, e foi comprimentar a cantora, levando pelo braço Bazilio Enxertado, que se deixou ir á força.

Seguiu-se ao comprimento a apresentação.

Dabedeille já conhecia de vista o filho do afamado ricasso, e sabia que uma corista, amada por elle quinze dias, recebêra do generoso moço uma pulseira de valor mais que fabuloso, na historia das liberalidades com coristas.

Bazilio era fallado nos camarins, e Dabedeille era uma sympathica italiana que entrara no Porto com o coração já desangrado das tolas chimeras do amor puro, da ternura *gratis*, e de outras innocencias que são milagres nos camarins. Isto vai escripto sem desaire da memoravel prima-donna, que a esta hora deve estar muito acabada, e muito reformada em inclinações. O certo é que ella amou todos os Bazilios do Porto, que, n'aquelle tempo, se acotvellavam em competencia, á roda d'ella.

Recebeu ella, por isso, com mui gracioso semblante o apresentado, e mais ainda a noticia de que o elegante moço n'aquella hora se inscrevia no numero dos seus admiradores activos, dando Ervedosa a suppôr que os admiradores inactivos, entre os quaes Bazilio estivera, eram aquelles que nem quebravam

as mãos victoriando-a, nem flagellavam os joanetes pateando a rival da Dabedeille, que era a Belloni.

A prima-donna revelou vivo desejo de que Bazilio fosse convidado para jantar. Acudiu Ervedosa dando-se como feliz por lhe ter adivinhado o desejo, e ter-se elle honrado a si convidando um dos futuros e mais donosos paladinos da eximia cantora. Este *eximia*, adjectivado a Dabedeille, frisa tanto n'ella como os *eximios* copiosos de José Passos aos patriotas do tempo, cujas barrigas, com o andar de quinze annos, engoliram a patria, e deixaram o adjectivo a algum raro sandeu, que se julga Codro ou Scœvola por que a pobreza lhe dá merecimentos de victima.

Dabedeille não cantava aria, que valesse a menor das compoteiras de ginja, que abundaram no mais lauto jantar que ainda viram os pinheiros seculares da *Ponte de pedra*.

As tres horas e meia começou o jantar na sala grande da estalagem.

À mesma hora apeava eu no alpendre da mesma estalagem, com o meu amigo.

Levara-nos ali a malevola curiosidade de analysarmos a pregoada e estrondosa ovação á cantora, contra a qual militavamos nas raras fileiras da Belloni. Tinha Belloni, a mimosa cantora, mui poucos sequazes: era uma nobre alma, uma completa senhora, uma esposa exemplar. Assim se motiva a pouquidade dos seus admiradores.

Subimos para um quarto, d'onde se avistava a sala do banquete. Vi Bazilio sentado à mão direita de madamoiselle Dabedeille, cuja cabeça, ramalhando fitas de varios tamanhos e côres, e scintillando vidrilhos, pingentes, e muitas outras coruscantes trapalhices, pendia morbidamente para o lado do visinho, que, na minha opinião e do meu amigo, lhe estava fallando do estado do seu coração.

Dei-me ao desenfado pueril de observar a cara de Bazilio consoante o jantar se ia adiantando. Quando entraram as travessas dos perus, já o amator de Itelvina estava vermelho, e gesticulava vigorosamente, em colloquio, ao parecer, muito intimo com a prima-dona. Trocavam-se elles entre si as saudes tão frequentes, e com uns tregeitos de tão mysteriosa intelligencia, que pareciam unicamente viver para beberem, e amarem-se.

Quando entraram as sobre-mesas, a cara de Bazilio era um incendio de vinho sobreexcitado pelo amor, se é acerto chamar-se amor o quer que é que enrubesce os tecidos da cara.

Eu estava a rir-me o mais inoffensivamente que pôde rir-se um indulgente contemplador do todo, denominado homem em historia natural.

Bazilio viu-me rir, e fitou-me com rosto não propicio; ergueu-se, e veio direito à janella, que dava sobre um pateo, e defrontava com a janella d'onde eu estava espreitando o festim.

• Enxertado nunca se esqueçera dos favores que

lhe fiz no outeiro de Santa Clara, embora se lhe seguissem funestos resultados. Em toda a parte se mostrara meu admirador, respeitador, direi até amigo. Ouvia-me com tal seriedade, e consentia que eu algumas vezes duvidasse da boa organização da sua cabeça, aliás espacosa para um luxo de funcções intellectuaes.

Se eu não desse logo desconto as muitas libações em que o vira arriscar o seu animo regularmente quieto, deverei espantar-me da insolencia com que elle sahiu a janella, tregeitando carantonhas minazes, e levando as mãos ás orelhas com ar de quem formava programma de me arrancar as minhas.

O meu amigo, que tinha grande nojo de Bazilio, e, como costuma dizer-se, o ligado ao pé da bocca, tomou a ameaça como com elle, e apostrophou-o com uma roda de epithetos, alguns dos quaes, *bebado* por exemplo, não era de todo descabido. Quiz conter a acrimonia de ***; mas era tarde para obviar os desastres provenientes.

Alguns convivas, abrasados da commum electricidade que as garrafas haviam descarregado, cresceram por traz de Bazilio, e, como era de ver, consubstanciaram-se com elle, vociferando petulantes chacotas, que muito estomagaram a nossa lealdade a Belloni, visto que as chufas reflectiam na cantora.

O meu amigo tomou de sobre a nossa modesta mesa de jantar um copo cheio de innocente verdasco, e exigiu que eu o imitasse.

Enchi o meu copo, e segui-o. Descemos umas escadas e subimos outras.

Estavamos na sala do opiparo jantar. As damas já tomavam café; os cavalheiros fumavam, e bebiam ainda, com grande estampido de *hourras*, á saude de Dabedeille.

O meu companheiro entrou na sala, de copo em punho, e brindou Belloni com uma saude! Não oustavam crer o que ouviam os payidos campeadores da prima-donna, e pediram a repetição do brinde. Dei eu um passo á vanguarda do meu amigo, cuja voz era debil, e vozeei, quanto os pulmões m'os permittiram, uma saude á insigne cantora Clara Belloni.

De subito, irromperam da mesa algumas peças de louça, impellidas por mãos não mais certas que o uso das cabeças escandécidas, e logo correram sobre nós os mais covardes dos trinta cavalheiros, que tantos eram os convivas. O meu amigo estava ferido na cabeça, e eu em risco de ser espostejado pelas facas, que momentos antes haviam provado o fio no lombo de boi. Valeu-me o meu anjo da guarda, que, em apertos analogos, é a coragem de morrer, e mais nada.

Bazilio Fernandes (honra e louvor ao joven!) quando me assim viu sobranceado por tantas facas e alguns garfos, correu para o meu lado, estendeu os braços sobre a minha cabeça, e disse: — Alto lá, que isto tudo é borracheira!

Calou a voz no animo dos aggressores, que fizeram pé atraz, e foram acudir ás damas, que expediam clamorosos gemidos e guinchos.

Travou-me do braço Bazilio, e levou-me a um quarto, onde se abraçou comigo, chorando, e clamando:

—Vossê desculpe eu ir á janella fazer aquelles gatimanhos!

—Está desculpado, senhor Bazilio.

—A Dabedeille foi que me metteu n'aquillo. Ella tem-lhe raiva a vossê; e eu vou confessar-lhe o meu peccado, estou a gostar muito da mulher!

—Ah! está?

—Estou cahido! palavra de honra! Só ella é que pôde fazer-me esquecer a Itelvina. aquella.

E rebentou n'uma trovoada tal de epithetos contra a noiva de Henrique Pestana como eu não sei que haja mulher a quem possam caber tantos.

Quiz reprimil-o; mas não tive força para abaixar a valvula d'aquelle vinho, que lhe espirrava do coração ultrajado.

Sahi da *Ponte da Pedra* com o meu cõmpañheiro lançado no craneo; fui n'essa noite ao theatro onde cantava Belloni, e lá vi Bazilio pateando-a com phrenesi.

Quinze dias volyidos, disséram-me que o filho de José Fernandes Enxertado era o amante exclusivo da cantora, e lhe remontára a casa de estofos e tapetes que seriam digno adorno de uma princeza.

O amante exclusivo!...

Nunca pude acreditar-o.

A natureza peculiar das cantoras não estava agora a sahir da sua orbita regular em obsequio a Bazilio Fernandes Enxertado.

E, senão, vamos vêr.

VX

— Deixa-me lá ir... en von saber o que é—re-
ceder alguma na estrada. Saphir-lhe-iam ladresas?
cama—Não te levantes que en von saber se lhe suc-
a voz, com receio de que o marido saltasse fóra da
—É elle, e, Josezinho...—disse ella ameaçando
a tempo que o filho batia à porta.
tion o saiole amarello pela cabeça, e foi à janella,
A senhora Bonificia, que já estava na cama, en-
—Ahi está o Bazilio, mulher!
tar à porta e macho, exclamou:
Convem saber que José Fernandes, ouvindo pa-

O amante exclusivo!... Nunca pude acreditar-o. A natureza peculiar das cantoras não estava acostumada a sair da sua orbita regular em obsequio a Fernandes Enzertado. E, senão, vamos vêr

XV

Que entrudo elle teve!...

Convem saber que José Fernandes, ouvindo parar á porta o macho, exclamou:

—Ahi está o Bazilio, mulher!

A senhora Bonifacia, que já estava na cama, enfiou o saio amarello pela cabeça, e foi á janella, a tempo que o filho batia á porta.

—É elle, é, Josesinho...—disse ella ameigando a voz, com receio de que o marido saltasse fóra da cama—Não te levantes que eu vou saber se lhe succedeu alguma na estrada. Sahir-lhe-iam ladrões?!

—Deixa-me lá ir... eu vou saber o que é—repliou José Fernandes ageitando os tamancos com as mãos para os calçar ao descer do leito—Eu vou

lá. Não sei. mas esta noite hade aqui haver mosquitos por cordas. Chegou-lhe a sua hora ao patife!

—Ó Josesinho, vê lá o que fazes. O menino que veio é por que teve razão de maior.

—Pois sim, sim; eu vou saber por que veio o menino.

Desceu o mercieiro do quarto ao segundo andar, que era o aposento de Bazilio.

José Fernandes parou no limiar da porta. Estava Bazilio descalçando as botas d'agua. Ergueu-se, e disse:

—Sua benção, meu pai.

—Deus te abençõe— respondeu com carrancuda placidez o velho— Que vem a ser isto? por que desandaste, Bazilio?!

—Por que já não preciso ir distrahir-me, meu pai. Estou distrahido, estou curado da maluqueira. Consinta que seu filho lhe dê um abraço.

—Alto lá!— atalhou José Fernandes, repellido o abraço— Não te entendo. Poem-me lá isso em miudinhos.

—Meu pai, tornou o moço— eu ia para Braga para esquecer a sua afilhada; no caminho encontrei a satisfação e o prazer; esqueci-a, e tenho-lhe agora raiva. Escuso de sahir de minha casa para ter juizo. Aqui está o que foi.

Abriu um brando riso o rosto do especieiro, e logo lhe saltaram do intimo estas festivas palavras:

— Se assim é, rapaz, tens de mim o que quizeres. Dá cá o abraço!! Queres cear?

— Não, senhor. Jantei na *Ponte da Pedra* em companhia de muitas famílias grandes, que me trataram com toda a cortezia. Se o pai dá licença, vou vestir-me para ir ao theatro...

— Pois vai; mas não fiques por lá até á madrugada que hasde estar fatigado.

— Aqui está a ordem, e as cem libras que me deu!

— Deixa lá estar as cem libras para as tuas despesas. Bazilio, se tiveres juizo, podés viver como um principe.

— Esteja socegado, meu pai, que, por causa da Itelvina, não torna vossemecê a ter o menor desgosto.

José Fernandes foi levar a boa nova á senhora Bonifacia, que ficara no tópo da escada ouvindo o dialogo.

Bazilio foi ao theatro, como se disse no anterior capitulo, jurar as bandeiras *dabedeillistas*, pateando a quatro pés a pallida Belloni, que sahiu do palco, n'aquella noite, coberta de lagrimas, deitou-se febril, e ergueu-se volvido um mez, para ir morrer na Corunha.

Deixemos em paz e esquecimento quem morreu, e vamos na trilha do rasto luminoso que deixam os vivos, os vivos afortunados, como este meu heroe, cuja vida hadé ser sempre um eden; embora, uma

vez por outra, se pique nos espinhos das rosas, com que a estúpida fortuna lhe amacia a cama.

Bazilio era, pois, o amante dilecto da prima-dona. Rapazes da melhor roda, bem appellidados, senhores solarengos, e conquistadores irresistiveis não lhes soffria o animo verem-se pospostos e sacrificados ao filho do tendeiro de S. Bento. Quando o ensejo cahia a ponto, chasqueavam-no, a vêr se elle, provocado, fazia jus a uma cossa monumental; mas Bazilio, tão embebido andava em sua felicidade, que nem dava tento dos remoques nem se temia dos rivaes. Ervedosa, um dos raros convivas das suas ceias em casa da actriz, recommendava-lhe que se acautelasse de alguma embuscada; e elle, sem mais defeza que uns certos assomos de intrepidez annexos ao coração soberbo da posse de uma mulher desejada dos outros, ia de frente erguida contra todos os vultos suspeitos.

E o caso é que os donosos senhores de solares tomaram-lhe medo, e deixaram-no gosar-se desasombradamente da facil victoria.

Facil, santo Deus!

Perguntassem a José Fernandes se era facil a victoria!.. Com o rosto alegre, e o animo torturado, o velho dava ao filho as quantias avultadas, que elle pedia. Bonifacia, ouvindo as lastimas do marido, dizia-lhe:

— Ô homem! tu estás a dar assim dinheiro ao menino sem peso nem medida!

—Deixal-o gastar... Antes disso, que vèl-o casado com a rapariga.

—Mas não vês que o nosso filho, assim n'este andar, hade perder a alma! Mettido com gentes das comédias! Aquillo dizem que são umas bichas de sangrar; homem!

—Deixa-o, mulher... A Itelvina casa por estes dias, depois, eu lhe levantarei a cesta. O que eu quero é que elle esteja entretido em quanto ella não casa.

Ótimo!

Bazilio Fernandes Enxertado combinara com Dabedeille encontrarem-se no theatro de S. João, no baile carnavalesco de domingo gordo, e irem d'ali cear salame a Aguiã d'ouro.

O litterato era da sucia, indigno realmente da confiança, por quanto, em uma roda dos motejadores de Bazilio, revellou elle a côr e feitio dos dominós do seu amigo e da Dabedeille. Os morgados provincianos deram-se pressa em arranjar dominós identicos, com algum plano que vamos conhecer pelos reprehensiveis resultados.

A Dabedeille entrou no portico de S. João, e viu acercar-se d'ella um dominó, que lhe deu o braço. Aceitou-o sem hesitação: não podia deixar de ser Bazilio.

Meia hora depois, Bazilio, estando no salão a observar os dominós que entravam, viu um que não podia ser senão Dabedeille: deu-lhe o braço tambem.

Os dois primeiros sahiram logo, e entraram n'uma carruagem. Dabedeille, ao entrar na carruagem, episodio estranho ao programma dos brincue-dos d'aquella noite, perguntou:

— Onde vamos?

O conductor entrou sem lhe responder, e a car-ruagem partiu a todo galope pela rua de *Entre-pa-redes*, com destino a Campanhã, fóra de portas.

Bazilio, tirado com força pelo braço da supposta Dabedeille, tambem depois perguntava:

— Onde vamos?

E o dominó respondia-lhe em falsete:

— É um capricho! Segue-me, *mió caro!*

E entraram n'outra carruagem, que tomou o des-tino da primeira.

Eram seis as carruagens paradas diante do por-tão de uma quinta de Campanhã.

Bazilio, durante a velocissima corrida, fez algu-mas perguntas ao dominó, taes como:

— Onde me levas tu? — Que mania foi esta?

O dominó fingia não ouvil-o, e natural seria não ouvir, sendo tamanho o estridor da locomotiva so-bre as pedras descalçadas do caminho.

Dabedeille, a genuina Dabedeille, quando viu o rosto do apócrifho Bazilio, e reconheceu o seu pri-meiro amante no Porto, deu um grito, grito de mero espanto, que não se repetiu, nem as caricias do trai-dor davam logar a gritos. Aquelle espirito sublime comprehendeu logo que a sua dignidade não podia

sahir suja de tal perfidia, nem a historia por tal feito lhe poderia inquirar a reputação, como, na ruim opinião de alguns, acontece com Lucrecia.

Da carruagem passou a tranquilla cantora a uma sala, onde estava posta uma ceia de carnes frias e variados vinhos. Eram oito os convivas, rapazes das provincias do norte, já conhecidos da dama, e uns menos felizes que os outros na sollicitação de seus impuros amores. Receberam-a com urbanidade, dando-lhe na mesa o primeiro logar, e trovejando um viva á cantora eximia, que teve o pasmoso sangue frio de responder com Champagne ao brinde.

E fallam das mulheres fortes da Biblia! —

Mulher forte era aquella! Nenhuma força houve nem ha ahi que exceda a força que póde dar a robusta philosophia de uma prima-donna, como era aquella, e como todas deviam ser para valerem o que as empresas lhes dão!

Mas, o coração como o teria ella lá por dentro? Tinha-o como a cara cá por fóra: tranquillo, quieto, alegre, bem, n'aquella atmosphera de rapazes, de bons ditos, de optimos costumes, por que, em bom portuguez, pessimos costumes é aquillo a que não estamos acostumados, e por isso nós molesta. A italiana pensava então á portugueza em materia de costumes. Os alentos desafogavam-se-lhe da compressão em que os tinha, ha dois mezes, o ciume de Bazilio. É verdade que ella vendia carissima a sua liberdade; mas contra a ignobil escravidão da alma

reagia o habito, o instincto, o coração. Um quarto de hora depois, Dabedeille relanceava um olhar de reconhecimento ao raptor, que a salvara de ir ceiar estupidamente salame *vis-à-vis* de Bazilio Fernandes Enxertado.

— Como hade ser isto? — exclamava ella.

— Isto que? — perguntava um morgado de Penafiel.

— O pobre Bazilio que me está esperando!... — disse a actriz ageitando piedosamente as feições com a mais sarcastica momice.

Ouviu-se um rodar de carruagem.

— É elle! — disseram todos.

— Elle quem? — perguntou Dabedeille.

— O primeiro personagem da comedia! — disse um.

E cobriram todos o rosto com as mascaras.

A prima-donna perguntou se devia mascarar-se. Disseram-lhe que não.

Entrou Bazilio com o outro *dominó*, e deu logo de rosto em Dabedeille que estava á cabeceira da mesa, descarnando, á mão, a perna de um pombo.

— Ah! — exclamou Bazilio, recuando.

A cantora abriu os seus bellos olhos, e reconheceu o *dominó*, e a exclamação.

N'este momento, o primeiro amante, que estava ao seu lado, inclinou-lhe a face sobre a espadua, e disse-lhe:

— Linda, pede ao filho do tendeiro que nos diga

qual d'aquelles dois queijos flamengos é o melhor para a sobre-mesa.

Bazilio arrancou a mascara do rosto, e correu de punhos fechados contra a italiana.

A mulher, que fingira Dabedeille no corpo, e na voz, susteve-o pelo dominó, e disse-lhe:

— Não te botes a perder, Basiliosinho!

E elle, vertiginoso como as furias, lançou-se ao rosto da mulher, que o retinha, arrancou-lhe a mascara, e reconheceu a corista a quem dera a pulseira.

Dabedeille esteve em duvida se devia erguer-se com impeto, e exclamar alguma coisa.

Mas, como quer que visse que toda a exclamação vinha ridicula e fóra de tempo, deixou-se estar, de olhos abatidos sobre a perna do borracho meio esbrugada.

Um morgado do Marco de Canavezes aproximou-se solemnemente de Bazilio, e disse-lhe:

— Escolha um d'aquelles queijos, sôr Bazilio Fernandes Enxertado.

O moço respondeu sisudamente uma phrase completa, um euphemismo muito em uso, mas que não póde ser trasladado n'um livro que tem sua moral, e faz pontaria a moralisar a especie dos seus leitores.

Este conflicto não podia durar muito, e vai acabar, de modo que a sympathia do leitor se decida a favor do meu heroe.

Bazilio deu um salto, mesmo um salto de tigre, ao pescoço da actriz.

Então se ergueram os oito membrudos provincianos; repartiram entre si o encargo difficil de reter os impetos do pujante moço, e lançaram-o fóra da portá.

A cantora, tateando o pescoço, perguntou aos seus velhos amigos, que voltavam de expulsar Bazilio a empurrões:

— Olhem se elle me fez alguma arranhadura no pescoço?

A ceia terminou ás duas horas da manhã. Quando os dez dominós entraram no theatro de S. João, sentiu-se uma reanimação, um alarido, uma trovoada de espirito, que convergiu a curiosidade de toda a gente sobre os mascarados recémchegados.

A prima-donna principalmente estava divina de graça e requebros.

Como esquecida do que devia á sua honestidade, polkou no salão entre as mulheres de virtude equivocada, e fez passos maravilhosos, tregeitando o mais senhoril *cancan*, applicado á polka, e conforme á decencia da localidade, e das familias assistentes.

Bazilio Enxertado, aquella hora, tinha a testa envolta em pannos d'agua sedativa do Raspail.

Que entrudo teve o pobre moço!

Se elle não tivesse muito dinheiro, havíamos de chamar-lhe aqui infeliz!

Qual infeliz!...

Homens assim nunca foram infelizes.

XVI

Castigos de leviandade. Capitulo de muita moral.

O acontecimento de Campanhã chegou, relatado pelos jornaes, em termos meio-vellados, ao conhecimento do boticario da rua Chã. Era ainda o localista Ervedosa que divulgava a noticia do escandalo, na mente de castigar a perversidade das primadonnas, propiciando aos leitores do seu jornal pábulo á gargalhada. O jornal victima assim os seus sacerdotes.

O boticario averiguou e esclareceu os pontos escuros da noticia, cuja leitura, com largos commentarios, foi fazer a José Fernandes Enxertado.

O especieiro affligiu-se, e Bonifacia chorou.

No entanto, Bazilio offerecia symptomas de cataclysmo cerebral. Diz elle agora que não era tanto

a agonia da affronta recebida que o penalisava, como o pesar de ser ridiculo aos olhos de Itelvina, cuja imagem, mais formosa ainda no calor da co-lera, o perseguia sempre nos falsos deleites com que buscava atordoar-se.

Foi tres vezes sangrado, e mergulhado em banhos sedativos, que lhe deram tom, e lhe pozeram o coração em soffrivel harmonia com o intellecto e com o estomago.

Ao entrar no periodo da convalescença, José Fernandes cuidou em tiral-o do Porto, visto que Bazilio, nos accessos febris, rugira com ternura de tigre o nome da filha do despachante, e ousara abraçar-se no pai, chamando-lhe *Itelvina!*

Foi o boticario de opinião que Bazilio devia ir passar um anno fóra do reino, ou fazer uma longa viagem. Aceitado o alvitre, José Fernandes deu a escolher ao filho o paiz onde queria passar algum tempo.

O moco, que nunca mais sahira de casa, de envergonhado que ficou, approvou a idea, e escolheu Paris.

Feitos os aprestos rapidamente, Bazilio foi para Hespanha, e de lá embarcou para *Saint-Nazaire*.

No dia em que elle chegava a Paris, recebiam-se na igreja de Santo Ildefonso D. Itelvina Borges com Henrique Pestana.

N'este mesmo dia, José Fernandes, ao receber a nova, deu dez pintos ao sacristão que lh'a levou,

deu vinte e cinco mil réis de esmola ao Asylo de Mendicidade, quinze mil réis ás Entrevadas da Cordoaria, e mandou dizer cincoenta missas de cento e vinte réis pelas almas da capella de Santa Catharina, e das Taipas, vinte e cinco missas por cada grupo de almas, correlativas a cada capella.

Afóra isto, brindou o boticario com uma barrica de assucar, dois queixos de cabeça-de-preto, e um alguidar de azeitonas de Sevilha, e uma carta, cuja alegria era um tantinho aguada pelas torturas da grammatica, e agonias da orthographia. O boticario foi pessoalmente espremer nos braços o amigo, e recommendar-lhe que não participasse ao filho, por em quanto, o casamento, nem o chamasse para casa.

Henrique Pestana, alguns dias depois, foi para Lisboa com sua mulher.

Eu não sei se mentirei por minha conta em agravo do coração humano, dizendo que estes casados foram ditosos quinze dias.

O leitor não me acredita: não importa. A consciencia de romancista salta por cima da confiança publica, e salva-se na crença e no applauso dos raros espiritos, que se abonam com bem saberem o que é esta vida, a preço de tragarem muito fel de experiencia.

Ao decimo dia de noivos, Henrique Pestana interrogou o coração de sua mulher ácerca do passado com Bazilio Fernandes.

Itelvina teve de córar para responder. Rara mulher ha ahi que perdôe ou conformadamente tolere perguntas de marido ou amante que a façam córar pelo seu passado.

As respostas, que ella deu, foram concisas, catholicas, e algum tanto irritadas.

As posições eram já outras.

Henrique redarguiu com marital entono. A replica foi brava. A contra-replica sarcastica. E a contenda terminou por lagrimas d'ella, e uma risada de Henrique.

Estava rompida a confiança entre estas duas almas, que poderiam soldar-se, se aquellas lagrimas fossem humildes. Não eram. Os olhos tinham aberto respiradouro a indignação, justa indignação, diremos; que nenhum homem deve explicar o seu fastio com o desaire da mulher, que acceitou culpada, e perdoada.

Desde aquelle dia, Itelvina considerou-se uma das mais desgraçadas creaturas, e Henrique Pestana perguntava a si mesmo se não estava doido ou ebrio, quando casou com ella.

As cartas, que Itelvina escrevia a seu pai, eram entregues cavilosamente ao marido pelo criado. Lia elle as lastimas e accusações; rascava o maior numero das cartas, e escrevia ao despachante, pedindo-lhe o favor de espaçar mais a correspondencia, visto que sua mulher tinha a seu cargo o governo de uma casa, incompativel com uma palestra epis-

tolar tão ociosa, quanto inconveniente á paz domestica.

Itelvina vivia sosinha, sem relações, sem o menor quinhão das regalias de Lisboa. Valia-lhe no maior numero das horas solitarias, o seu piano, e os livros que trouxera de casa de seu pai.

Havemos de accusal-a de nimiamente inflexivel. Ha mulheres que parecem ensoberbecer-se com o seu mesmo infortunio. A docilidade, a humilhação sem desdouro, poderia, nos casos de muitas, revirar a pouco e pouco a sorte. Itelvina era uma das infelizes orgulhosas. Á ironia replicava com a ironia; e, na lucta, como ella tinha mais estylo que seu marido, um terceiro havia de dar-lhe a ella a palma da victoria, se quizesse ser justiceiro.

O peor era cahir ella cada dia mais da estima e até da commiseração do marido.

Algum romance lhe segredara que o ciume era um emplasto confortativo nos corações asthenicos. Lembrou-se a indiscreta creatura de farpoar o marido, até o infurecer, com a garrócha do ciume.

Eganou-se. Succedeu ser ella uma das raras e infelizes excepções!

O marido soube que um official de lanceiros visinho achava benevolencia nos benignos olhos de sua mulher, e conseguira vêr-lhe os dentes n'um sorriso, que, muitas vezes, é um postigo franqueado do coração.

Pois não se infureceu! Encaminhou a usual polemica de geito, que disparou n'esta conclusão:

— Se alguma vez te lembrar ser-me infiel, tem cuidado de escolher homem que te sustente.

A mulher, que tal ouve, e não responde com a infernal energia do crime a olhos de todo o mundo, ou com a sublime virtude do martyrio a portas fechadas, está morta ou perdida. Itelvina achou em resposta um bom, mas insufficiente epitheto.

— Miseravel! — disse ella.

Como cahira Henrique Pestana, tão depressa, n'este enojo de uma mulher por amor de quem sovara aos pés a sua dignidade, desprezando as provas da leviandade, com que depois a flagellava?

Eu penso que, em cada cento dos meus leitores, escassamente haverá dez que não respondam a ponto e de prompto.

Anda a gente a fazer umas perguntas, assim formuladas com um ar de problemas, ácerca do coração humano.

Vai-se a vêr a coisa na essencia, e descobre-se que qualquer lavrador da Penajoya ou Maçãs de D. Maria sabe dizer por que é que Henrique Pestana parecia amar muito Itelvina antes de casado, e por que é, outro sim, que a não amava depois.

O lavrador dirá: « é por que não amava antes » Torçam e sophismem a argumentação, que o lavrador hade redarguir sempre: « é por que não amava antes ».

Alguem haverá que deseje vêr aqui um arrasoado tendente a explicar a phenomenal desfiguração ope-

rada, em quinze dias, no espirito de Henrique Pestana. O lavrador já explicou tudo com sete vozes; não obstante, convinha tratar a materia n'outro ponto de vista: saber do que procedia a cegueira de Henrique; que preponderancia teve n'elle a bruta animalidade; se a alma foi parte n'aquella fascinação; se a saciedade das sensações... Materia intratavel é esta n'um livro, que tem sua moral, como já está dito, e nunca me cançarei de o dizer, para socego dos pais de familias.

Itelvina conseguiu que alguma das suas cartas mais queixosas chegasse á mão do pai. Manoel José Borges foi a Lisboa, e ficou espantado da magreza e desfiguração da filha.

Henrique Pestana, encontrando de surpresa o sogro em casa, cortejou-o fria e grosseiramente. O velho, que devia ser castigado, soffreu ali uma aspera censura pela má educação que dera a Itelvina.

—O senhor creou-a, como se ella viesse do ventre da mãe fadada para soberana — dizia Henrique — Estes ares de príncieza irada não parecem de uma creatura que nasceu na pobreza. Acha ella que os seus merecimentos obrigam o genero humano a estar em permanente lausperenne diante de sua excellencia!

Itelvina elevou tres vezes as espaldas á altura das orelhas, e disse:

—Sempre o mesmo miseravel!

—Veja isto! — replicou Henrique — Ah! a tem!

Olhe se ha marido que consinta atrevimentos d'esta ordem!...

— Meu pai! — atalhou Itelvina, erguendo-se — Este homem prohibiu-me de lhe escrever, desde que me poz a tormentos. Praticou a indignidade de se entender com o criado para me subtrahir as cartas, que eu lhe mandava, com a historia, dia por dia, do meu martyrio. Aqui estou encerrada ha cinco mezes. Nem á missa vou, porque meu marido parece que se vexa de me acompanhar. Vestidos tenho apenas aquelles que trouxe de minha casa. Nunca fui ao theatro, nem ao Passeio. Nunca recebi uma pessoa n'esta casa, nem ouvi outra voz, senão a d'este homem, que me está constantemente lançando á cara ter eu tido correspondencia com Bazilio, e ter-lhe escripto a elle uma carta que era a cópia d'outra que escrevi a Bazilio. Já lhe disse que assim aconteceu, e elle faz da minha confissão o uso que faria se eu tivesse confessado um crime. Oxalá que eu tivesse amado Bazilio! Seria a esta hora uma mulher ditosa. Desgraçado! repelli-o, quando elle me dava a maior justificação do seu amor. Rasguei as cartas d'elle, e vi-o chorar, e não tive palavra de amor e perdão que lhe dissesse. Estou sendo atrozmente castigada pelo crime da minha dureza de alma! Por amor de mim, lançou-se o pobre moço nos braços da libertinagem, expatriou-se, e Deus sabe quantas angustias elle está penando lá fóra!... Infeliz!...

Henrique soltou uma cascalhada de affrontoso

riso, quando Itelvina, embargada pelos soluços, exclamou «infeliz!» Póde ser que o leitor tambem se risse, ouvindo-a no tom declamativo com que ella, talvez sem querer, e por instincto de grande artista, remedava a entoação emphatica de Emilia das Neves. O riso do leitor era desculpavel; o do marido não; principalmente quando Manoel José Borges estava limpando as lagrimas.

— O senhor de que se ri?! — disse, tremulo de ira, o despachante.

— Riu-me das attitudes theatraes da senhora D. Itelvina. Perdeu-se uma grande tragica!

— E no senhor aproveitou-se um grande tratante! — exclamou Itelvina.

— Isso é verdade! — murmurou o velho.

— Meu pai! — tornou a nervosa senhora, crispando dos labios e dos olhos umas como faiscas de lume — Se não quer vêr-me morta, ou cahida na extrema ignominia a que póde chegar uma mulher, leve-me para sua casa, que eu prometto alimentar-me com o meu trabalho.

— Pois vem, filha, vem, que não te hade faltar nada.

— Não me opponho. disse Henrique.

— Se quer, opponha-se — atalhou Itelvina — a vêr a importancia que eu dou á sua opposição.

— Está perdida! — tornou o marido.

— Ainda não! — replicou ella — Apezar das suas diligências, e dos seus empurrões, ainda não cahi,

ainda não estou perdida, senhor Henrique. Por enquanto, a unica vergonha que me faz córar, é ser sua mulher!

Henrique fez-se rôxo, e avançou um passo contra ella.

O despachante lançou mão da sua grossa bengala de cana, e exclamou:

—Alto lá, que estou eu aqui!

Henrique Pestana pegou do chapéo, e sahio.

XVII

A minha correspondencia com Bazilio Fernandes Enxertado.

• Paris, 10 de maio de 1852.

« Amigo e senhor.

« Estimo saber que vive contente, e que ainda
« se lembra d'aquelle ditoso Bazilio, que adorava os
« tachos das freiras de Santa Clara.

« Aqui estou ha dez mezes em França, cheio de
« saudades do nosso Porto. Meu pai já me disse que
« posso ir; mas eu, a fallar-lhe a verdade, ainda amo
« aquella ingrata mulher.

« Pedi noticias d'ella a alguns amigos, que me
« responderam dizendo que é desgraçada.

« Digo-lhe sinceramente que não vou para Por-
« tugal por que me faz pena a Itelvina. Antes não
« quero vê-la.

«Vossê foi sempre meu amigo; e por isso não
 «me negará um grande favor, que vou pedir-lhe.
 «Diga-me tudo o que souber de Itelvina; perca al-
 «gumas folhas de papel comigo. Se nos tornarmos
 «a vêr, eu lhe darei um abraço, e contarei as mi-
 «nhas aventuras. Espera merecer-lhe este impor-
 «tante obsequio o seu amigo e venerador obriga-
 «dissimo

• BAZILIO FERNANDES. •

RESPOSTA

• Lisboa, 8 de junho de 1852.

• Meu caro senhor Bazilio.

«Itelvina foi para o Porto, ha quinze dias, em
 «companhia de seu pai.

«Estive com ella no hotel «dos dois amigos» na
 «vespera da partida.

«Contou-me as desventuras do seu casamento,
 «e citou o seu nome com as lagrimas nos olhos.

«Está muito acabada: já não é aquella flor que
 «perfumava o salão da Philharmonica portuense, e
 «atrahia os elegantes aos bailes da Terpsichore.

«O marido d'ella é agiota. Quem tal diria!...

«Eu quiz ser uma das victimas de Henrique Pesta-
 «na, que empresta a juro de cincoenta por cento;
 «mas não é elle carrasco que estrangule todas as vi-
 «ctimas, que se lhe offerecem: meditou antes de lan-

«çar mão do esparto, e mandou-me delicadamente
«embora: é que me achou insolvente.

«Consta-me que elle, depois que a mulher se re-
«tirou, anda em consultas para salvar o que tem de
«algum processo judicial instaurado pela mulher.

«Por em quanto, não sei que mais lhe diga. Do
«que souber darei parte, se isso lhe agrada.

«Divirta-se, ame, espalhe o dinheiro, e aprenda
«a viver.

«Seu amigo, etc.»

BAZILIO A MIM

«Paris, 21 de setembro de 1852.

«Meu caro

«Tenho esperado outra carta sua. Li no *Com-
«mercio do Porto* a noticia da morte do Manoel José
«Borges, e lá se diz que elle não deixou nada.

«Fiquei a scismar na pobreza de Itelvina, se o
«marido lhe não dá alimentos. Como vossê agora
«está no Porto, diga-me o que souber. Eu penso
«sempre n'ella. Meu pai agora já me diz que não
«vá para a patria. Bem o entendo, e é escusado cui-
«dar elle que póde acabar um amor que nasceu ha
«dezoito annos. Eu amo Itelvina desde que me co-
«nheço. Escreva-me por quem é.

«Amigo, etc.»

EU A BAZILIO

* Porto, 2 de outubro de 1852.

* Meu presado.

« Itelvina está trabalhando para sustentar-se e
« sustentar a mãe. Henrique, sabendo que ia ser ci-
« tado para divorcio, alienou tudo fraudulentamente.
« Sei que elle vive em Lisboa com outra mulher.

« Manoel José Borges morreu d'este desgosto: á
« força de meditar em fazer a filha rica, esta idéa,
« a final malograda, deu cabo d'elle.

« O procedimento da sua companheira de infan-
« cia tem sido admiravel. Recebe discipulas de piano
« e canto, e desvela as noites a costurar. Nunca mais
« a vi, desde que nos despedimos em Lisboa.

« Seu pai tem muito em vista afastal-o do Por-
« to. E eu, sem ser consultado, ousarei dizer-lhe que
« vossê não deve aqui vir tão cedo.

« Creio que o senhor Bazilio tem um coração maior
« que o vulgar. Nascido com tantas condições de fe-
« licidade, necessariamente a infausta estrella do ser
« humano lhe havia de descontar tantos bens com
« o mal de ser sensível.

« Esquecia-me, ou talvez de proposito lhe não
« disse que por acaso ouvi cantar, ha dias, Itelvina.
« Eram duas horas da manhã. Que tristeza me fez
« ouvil-a, e que pungente cantar era o d'ella! Eu
« que sabia a desditosa que ali estava, e assistira

«ao pobre enterro do pai um mez antes, entendi
 «que ella não cantava; mas, na voz dos anjos, orava
 «a Deus pela alma do pobre velho.
 «Adeus. Se principió a dar trela ao sentimento,
 «receio que vossê me peça, em vez de lamentações,
 «uma linguagem mais epistolar.

«Seu, etc.»

BAZILIO A MIM

• Paris, 20 de outubro de 1862.

«Fez-me chorar a sua carta lagrimas de sangue.
 «Pobre Itelvina, que sorte a sua! Vou para o Porto.
 «Vossê é a unica pessoa que o sabe. Lá me arran-
 «jarei com meu pai. Succeda o que succeder. Vossê
 «me dirá como eu heide dar recursos á minha amiga
 «de infancia, sem que o mundo o saiba, nem ella
 «possa perder a reputação. Vou por Lisboa. Quero
 «vêr as barbas ao Henrique Pestana.

«Está o correio a partir. Até lá. Eu, logo que
 «chegue a Lisboa, dou-lhe parte. Etc.»

Um anno de Paris tinha dado a Bazilio Fernan-
 des Enxertado este dizer fluente: successo não vul-

gar em pessoas que de cá vão com fama de saberm escrever cartas.

A prophesia do frade, com referencia á cabeça de seu sobrinho, não era de todo em todo absurda.

Vamos vêr o que elle era em coração, e pulso.

tem escrever cartas.

A prophecia do frade, com referencias á cabeça de seu sobrinho, não era de todo em toda absurda. Vamos vêr o que elle era em coração e pulso.

XVIII

❶ **maior murro que ainda levaram queixos de homem.**

Em meado de novembro, desembarcou Bazilio no «Caes das columnas».

Era domingo. Hospedou-se nos «dois irmãos unidos» e d'ali me escreveu, logo que chegou, uma carta, que não conservo.

Ao meio dia, foi ao Passeio. Encontrou as meninas Raposeiras. Guilhermina olhou-o de esguelha, por sobre o hombro do marido, sujeito de annos, e bacalhoeiro grandemente afazendado.

Bazilio trazia o ar de Paris, aquella inimitavel compostura, peculiar dos homens, que insensivelmente se habituaram aos olhares, aos geitos, ás le-

víssimas coisas em que está o ser-se pessoa de boa companhia.

Acercou-se elle do grupo das meninas, e cortejou-as com o desempenho de quem em toda a parte, e com toda a gente, mantém integralmente a consciencia de sua superioridade.

— Amalia e Guilhermina já estão casadas — disse o commendador Raposeira.

— Estimo muito — respondeu Bazilio.

— O marido de Amalia é official superior de marinha, e está em Moçambique. O marido de Guilhermina é este senhor João Joaquim Alves.

— Muito gosto em comprimentar o senhor João Joaquim Alves — disse Enxertado, e accrescentou logo: — É poeta?

— Não sou poeta, não, senhor! — disse o marido de Guilhermina, peorando a cara que tinha com uma visagem de ultrajado pela pergunta.

Bazilio sorriu-se, e disse:

— É que a senhora D. Guilhermina, se eu bem me lembro, aqui ha dois annos era muito poetica, e achava eu que ella, a casar-se com alguém, havia de ser com uma pessoa das mesmas inclinações.

— Como vem espirituoso de Paris! — disse a esposa de João Joaquim Alves.

— Venho assim...

Bazilio interrompeu-se, e disse abruptamente, vendo perpassar Henrique Pestana com uma mulher pelo braço:

—Minhas senhoras, ás suas ordens! — E afastou-se por uma das áleas lateraes do Passeio.

— Está cada vez mais doido e lórpa! — disse o commendador Raposeira á familia.

Bazilio cortou a vanguarda de Henrique, e atravessou a álea, alguns passos adiante d'elle, encarando-o de revez.

O marido de Itelvina conheceu-o, e achou-se incommodado por aquelle sinistro olhar.

Passada meia hora, Henrique e a dama sahiram do Passeio pela porta oriental, e tomaram para a Praça d'Alegria.

Enxertado seguiu-os, e viu-os entrar em uma casa de boa apparencia na rua da Conceição. Henrique observou a espionagem, e ficou mais incommodado. Não sahio mais de casa n'aquelle dia, nem no outro, por que o criado, posto em vigia pelo amo, dissera que, na esquina da calçada da Gloria, estava quasi sempre parado um homem.

Ao outro dia, o vigia tinha abandonado o posto; e Henrique, forçado pela urgencia de segurar um devedor que sahia de Lisboa sem reformar a sua letra, sahio.

Chegou a salvamento ao Rocio; ahi, porém, o aguardava um desastre que seria ignominioso, se a providencia não escolhesse um homem do Porto como instrumento de castigo. Um homem do Porto, quando bate, honra sempre as costellas que quebra. Sou insuspeito, aqui o declaro, por que não tive a

gloriosa sina de ser conterraneo de Bazilio, nem o Porto me concedeu ainda cartas de concidadão dos seus homens fortes, e timbrosos.

Estava Bazilio em uma das janellas do hotel dos «dois irmãos unidos».

Entreviu, e reconheceu Henrique a entrar no Rocio.

Desceu á rua, e esperou-o á entrada da rua do Ouro.

Aproximou-se d'elle, e perguntou:

— Que fez o senhor d'aquella pobre menina que se chamava Itelvina?

Henrique tartamudeou uma resposta assim:

— Itelvina é minha mulher, e está no Porto.

O medo é a mais estúpida das paixões: responde sempre a mais tola das lembranças.

— Bem sei que é sua mulher e está no Porto, trabalhando para sustentar-se; mas pergunto eu se vossê casou com ella para a fazer assim desgraçada?

O agiota suppoz que Bazilio, declinando para o sentimentalismo, mostrava um animo menos disposto ao ataque, e esta conjectura deu-lhe espiritos.

— Com que direitos — disse elle — vem pedir-me o senhor Bazilio contas da minha vida? Eu importo-me com a sua?!

— Eu não lhe peço contas da sua vida — redarguiu o portuense — pergunto-lhe se valia a pena vossê tirar-me aquella menina, que eu amava desde a infancia, para a reduzir á situação em que ella está?

— Ora, senhor Bazilio — retorquiu Henrique — acho estranho o seu arrojio. Eu não lh'a tirei: foi ella que o não quiz ao senhor. Livrei-o de uma boa peça... Deve dar-me os agradecimentos...

— Pois é para dar-lhe os agradecimentos que eu vim de Paris procural-o — disse Bazilio; e atirou-lhe incontinenti á cara um murro capaz de matar um elephante.

Henrique Pestana é ocioso dizer que deu um salto, como se o murro fosse um choque de pilha electrica, e cahiu fóra do passadiço.

Por instincto de defeza, ficou de costas, com as pernas ao alto. Bazilio avançou para elle, ergueu-o pelas lapelas do casaco, sacudiu-o como quem desperta um somnambulo, e, quando o viu accordado, estampou-lhe dois homericos pontapes, que o fizeram voltar ao ponto d'onde o deslocara o murro.

Em menos de dois minutos, seriam duzentas as pessoas que se rompiam e encavalgavam para verem Henrique lavando os narizes na tenda de um salchicheiro, e Bazilio questionando com um cabo de policia, que o intimava a segui-o ao regedor.

Como o portuense encarasse de um modo suspeito nas ventas do cabo, este funcionario, que via arderem as barbas do visinho Henrique, chamou os municipaes e outras tropas, que iam passando, para o ajudarem a fazer cumprir o artigo da policia, mantida a inviolabilidade de sua cara.

Bazilio condescendeu. Henrique Pestana foi obrigado a ir tambem á presença da authoridade, sem embargo de elle encarecidamente pedir que o dispensassem da formalidade, visto que, por sua parte, desistia da querella.

— Eu tambem desisto — acrescentou Bazilio com alguma graça.

O regedor tomou conta da informação do cabo, e mandou os presos ao juiz criminal. O juiz ouviu a allegação de Bazilio, exposta com a eloquencia da paixão, e até com lagrimas, quando narrou a situação de Itelvina. Chegou o magistrado a interessar-se nos pormenores do que elle chamava um romance, que tinha simplesmente contra a si o estylo de se não darem assim murros d'aquelle tamanho entre os personagens dos romances modernos.

— Admira-me, dizia o facecioso juiz, que o senhor, chegado ha quatro dias de Paris, não tenha andado mais bisarramente n'este negocio, desafiando o seu antigo rival com as formalidades assignadas no romance!

Bazilio olhou contra Henrique, abatido sob o peso da sua covardia, e disse:

— Estes bandalhos lá em Paris ninguem os desafia.

— Pois bom era que os matassem por cá como quem atira aos lobos! — disse o ajudante do escrivão, que estava presente — Aqui onde o vê, senhor juiz — continuou elle — é o mais refinado agiota de

Lisboa! Eu aposto que elle era capaz de vender a mulher, se ella não fosse para o pai!

Houve quem achasse graça a isto, e com a risada terminou o episodio, mandando-os embora o juiz, que recommendou a Bazilio Fernandes toda a prudencia em espancar um sujeito, que seria capaz de crear uma fonte de receita com as costellas.

Ora vejam no que deu aquelle galã dos bailes da Terpsichore de 1848! Ali está o laureado cynico de Coimbra, o esturdio immerito das bambochatas portuenses! Fôra a sordicia da usura que o despeñhara n'aquelle lamaçal. Os vinte contos herdados, postos a caminho de volverem com um cento de contos em poucos annos, absorveram-lhe a alma, aviltando-a até perder a sensação do opprobrio!

Henrique recolheu a casa feliz e socegado, por que teve a dita de apanhar o devedor, que reformou a letra, e reformou o accitante substituindo-o por outro mais idoneo, chão, e abonado.

Bazilio, na manhã do dia seguinte, sahiu para o Porto.

XIX

Lágrimas. Capitulo fastidioso.

Recebi a nova da chegada de Bazilio a casa de seu pai. Fui procural-o, que assim m'o pedia elle. José Fernandes, primeira pessoa que eu vi no armazem, chamou-me de parte, para me dizer que seu filho vinha perdido de Paris. Fundamentava o velho a perdição de seu filho na desobediencia, vindo para o Porto contra sua ordem, e na arrogancia com que respondêra que não sabia mais do Porto.

— Se elle não pratica acto algum por que mereça ser expulso da sua terra, da sua casa, e da sua familia, que razão tem o senhor José Fernandes para o querer longe do Porto? — perguntei eu.

Responden o especieiro que, em quanto Itelvina fosse viva, seu filho não teria descanço.

— Mas — atalhei — espera o senhor que Itelvina morra, para depois acceitar benevolamente seu filho?

— Disseram-me que ella está ethica.

— Não sei se lhe disseram a verdade; mas, se está ethica, que tem que seu filho esteja no Porto quando ella expirar? Não é de presumir que elle a vá desenterrar.

José Fernandes pensou alguns minutos, em quanto pesava tres arrobas de assucar, e disse-me:

— Olhe se lhe tira alguma asneira da cabeça... Eu estou com medo que elle a vá procurar.

— Para lhe dar alguma esmola?

— Isso é o menos.

— Pois, se é o menos, por que não soccorre o senhor a sua afillhada, e a sua comadre?!

— Nunca me pediram nada.

— Nem pedirão.

— Deram-me muitos desgostos — tornou elle — Sabe o senhor quanto eu tenho gastado por causa d'ellas? Doze contos de réis. É o que eu tenho dado a Bazilio a vêr se o distraio; e, pelos modos, o rapaz vem doido como foi.

— Não tem razão de queixa, senhor José Fernandes — repliquei — Seu filho podêra ter sido o que muitos são: desobedecer-lhe, casar com Itelvina, e esperar do tempo a pacifica solução que taes acontecimentos costumam ter.

— Nunca lhe perdoaria; dou-lhe a minha pala-

vra de honra! Se elle tal fizesse, eu, em menos de dez annos, que é o que eu poderei viver, desfazia-me de tudo que tenho; atirava com toda a minha fortuna ao fundo do Douro!

— E seu filho seria um ladrão para lhe honrar a sua memoria, senhor Fernandes. A sociedade, antes de o culpar a elle, condemnaria o máu pai que legou ao filho o exemplo da sua perversidade, como estimulo para toda a casta de infamia.

— Homem, vossê!... — murmurou o mercieiro.

— Eu, què! Acha que me vou descommendo no atrevimento das phrases!?

— Não digo isso; vossê parece-me que tem razão... Eu não devia deixar pobre o rapaz, ainda que elle tivesse casado com a moça; mas, emfim, estar eu a trabalhar cincoenta annos para ella depois andar por ali de trem a figurar...

— Pois bem: Itelvina já não póde figurar em trens com dinheiro seu, senhor José Fernandes. Segundo dizem, brevemente irá ella dar um passeio de sege ali para o cemiterio do Prado. Que receia agora o senhor? Não apoquente seu filho. Se elle quizer dar uma esmola áquella familia, que elle conhece desde os seis annos, deixe-lh'a dar.

— Pois eu não vou contra isso; mas que lh'a não leve elle.

— Assim será — terminei eu com muita alegria.

Esperava-me Bazilio com os braços abertos. Contou-me o conflicto com Henrique Pestana.

— Essa sua nobre aventura — disse-lhe eu — hade remunerar-o de outras, que farão rir a nossa posteridade.

— Não me diz vossè agora — perguntou Bazilio — como eu heide fazer algum bem à desgraçada?

— Facilmente. Aqui estou eu, á falta de outra pessoa, para lhe entregar o que vossè quizer.

— Mas meu pai já me disse que eu o matava, se me tornasse a relacionar com Itelvina.

— Seu pai não morre. Consente que dê uma esmola à familia de Manoel José Borges.

— Sou feliz! — exclamou elle, abraçando-me — Tem-a visto?

— Não. Ella já não vive na mesma casa. Os interesses, que fazia ensinando piano e canto, diminuíram desde que ella não póde cantar.

— Itelvina já não canta?! — atalhou Bazilio com os olhos vidrados de lagrimas.

— Já não. Está muito doente.

Bazilio deu-me o dinheiro, que tinha: eram algumas libras. Deu-me o relógio, a cadeia, alfinetes de preço, e anneis, exclamando:

— Venda tudo, que eu não tenho mais; e, se fôr pedir a meu pai, elle é capaz de me dizer que uma libra ou duas é esmola bastante. Venda tudo, e dê-lhe tudo, o mais breve que possa.

— Não ha precisão de vender nada. Aqui estão dez libras, que podem sustentar dois mezes duas pessoas. Depois, proverá ao resto, se Itelvina viver.

— Pois ella hade morrer! — exclamou elle com desesperação.

— Hade morrer, que duvida! Deixe-me lá ir. Eu virei dizer-lhe o que se passar.

Fui procurar Itelvina á rua de Mal-merendas.

Entrei n'uma saleta, em que ella estava concluindo a lição a duas meninas. Contemplei-a alguns minutos, e comprehendi a razão de a julgarem tísica. As faces extremamente descarnadas, o rôxo das olheiras, a aridez dos labios, e as manchas escarlates sobre a saliencia dos ossos malares, eram sobejos característicos de uma morte proxima.

Sahiram as discipulas.

— Não o vejo ha muito tempo — disse-me ella.

— Desde Lisboa.

— É verdade. Cuidei que ainda lá estaria. Sabe que estou sem pai?

— Sei, minha senhora.

— E brevemente estarei sem vida para amparar minha mãe...

— Talvez a demasia de trabalho...

— Terá concorrido; mas a causa principal é o desgosto; é vêr-me moralmente morta... Creio que nem o mundo perdoou á minha desgraça...

— O mundo não perdôa aos desgraçados...

— É assim... A mãe de Bazilio, minha madrinha, e santa na opinião de toda a gente, encontrou ha dias minha mãe, e disse-lhe que eu me botara a perder pela minha má cabeça... Assim foi... mas,

estando eu tão infeliz em resultado do meu nenhum juizo, parece que deviam esquecer-me para me censurarem, como me esqueceram para me beneficiarem...

— Assim devia ser; porém, minha senhora, nem todos a esqueceram.

— Lembrou-se o senhor que veio procurar-me. Bem haja...

— Eu venho saber de sua saude enviado por Bazilio. O merecimento de visitar uma pessoa infeliz não é exclusivamente meu.

— Bazilio!... — disse ella muito concentrada — Ainda está em França?

— Está no Porto.

— Sim?! É feliz? está contente de me vêr assim humilhada?

— É feliz, se a senhora D. Itelvina reconhecer n'elle o irmão, o amigo de infancia. Roga-lhe elle que lhe restitua estes carinhosos titulos, que lhe dava quando eram meninos.

— É assim que elle se vem vingar de mim? Tem razão. A ironia é a mais dolorosa das offensas. Diga-lhe que me não tenha odio, que eu estou morta.

— Eu não vinha a sua casa, minha senhora, com uma missão de zombaria. Bazilio falla-lhe nas minhas palavras, que são sérias, quanto podem sê-lo. Quer o filho de sua madrinha que v. ex.^a e sua mãe recebam d'elle os recursos necessarios á sua subsistencia independente do trabalho.

Itelvina ergueu-se, apertou-me convulsivamente a mão, e disse com a voz cortada de soluços:

— Diga-lhe que a desgraçada Itelvina lhe beija as mãos, onde elle lhe offerece a esmola; mas que não a aceita. Minha mãe cá fica. A pobresinha não pôde trabalhar; elle que a socorra depois que eu tiver morrido.

— Quer elle socorrê-la desde já? Rejeite a senhora D. Itelvina o auxilio de seu irmão; rejeite; faça essa má acção; tenha esse descaridoso e offensivo orgulho; mas não prive sua mãe de ter um fim de vida mais socegado. É a ella que eu vou dirigir-me. Onde está sua mãe?

Encaminhei-me para uma alcova, onde ouvia tossir.

— Minha mãe está ahi dentro de cama. Queira esperar, que eu vou ageital-a para ella o poder receber.

Entrou Itelvina no quarto, e eu logo com ella. Esqueci-me de ser delicado para obviar a que algumas palavras da filha a demovessem de aceitar a offerta.

— Espere, senhor... — disse Itelvina.

— Perdão; mas não espero, minha senhora.

D. Custodia estendeu-me a mão cadaverica, dizendo:

— Eu ouvi tudo, e só faço o que a minha filha quizer.

— Sua filha — atalhei eu — quer que sua mãe vi-

va, e eu quero que sua filha obrigue o orgulho, que a perdeu, á penitencia de ser uma vez docil.

Itelvina sahi do quarto a soluçar. Depositei as dez libras no regaço de D. Custodiá, e vim pedir á linda creatura, que eu applaudira na Philarmonica, que tocasse a aria triste, que eu lhe ouvira, ás duas horas da noite, um mez depois da morte de seu pai.

Itelvina cobriu o teclado de lagrimas. Beijei-lhe as mãos, e sahi.

Encaminhei-me para uma alcova, onde ouvira me. Onde está sua mãe?

—Minha mãe está ahí dentro de cama. Queira esperar, que eu vou agital-a para ella o poder receber.

Entrou Itelvina no quarto, e em logo com ella. Esqueci-me de ser delicado para obviar a que alguma palavra da filha a demovessem de accellar a offerta.

—Espere, senhor...—dizse Itelvina.

—Perdão; mas não espero, minha senhora.

D. Custodiá estendeu-me a mão cadaverica, dizendo: —Eu ouvi tudo, e só faço o que a minha filha quizer.

—Sua filha — atalhei eu — quer que sua mãe vis

«Que Deus lá está para nos julgar a todos.»

Correu Bazilio em procura de mim, e fez-me lembrar bem esmoletar-me de sua mãe. Sem demora, tornei a rua de Mal-moradas, e entreguei as vinte peças a D. Custódia, que ergueu as mãos, clamando: — «Bem-dito seja o Senhor!»

Sem embargo d'estes recursos, Helvina peiorava; os indícios de curta vida aggravaavam-se. Deixou de leccionar em piano e de costurar.

XX

O medico, admirado de o chamarem tão tarde, aconselhou-lhe a **prática da caridade.** «Se as posses lhe permittissem, na Madieira, Helvina alugou uma pedreira casa em Val-dorn, dizendo que escolhia ares de campo mais visinhos

O contentamento de Bazilio, ouvido o feliz des-
empenho da minha commissão, foi extremo, por que
as lagrimas se encontravam nos labios com o sor-
riso d'alma.

Contei-lhe os successos occorridos a José
Fernandes, excepto a quantia remettida.

Neste entretanto, Bazilio fôra expandir a sua
alegria nos braços da mãe enferma, cujo temor da
morte e da eternidade lhe inflammara incendios de
caridade. Disse-lhe ella ao ouvido que, n'uma boceta
do seu bahu amarello, estavam vinte peças de duas
caras, que seu pai lhe dera no dia do casamento.
«Vai buscal-as — ajuntou Bonifacia — e dá-as a mi-
nha comadre para que ella me perdôe alguma pa-

lavra dura que eu lhe tenba dito, sem me lembrar que Deus lá está para nos julgar a todos.»

Correu Bazilio em procura de mim, e fez-me tambem esmoler-mór de sua mãe. Sem demora, tornei á rua de Mal-merendas, e entreguei as vinte peças a D. Custodia, que ergueu as mãos, clamando:— «Bemdito seja o Senhor!»

Sem embargo d'estes recursos, Itelvina peiorava; os indicios de curta vida aggravavam-se. Deixou de leccionar em piano e de costurar.

O medico, admirado de o chamarem tão tarde, aconselhou-lhe ares do campo, nos arrabaldes de Lisboa, ou, se as posses lhe permittissem, na Madeira.

Itelvina alugou uma pequena casa em Val-bom, dizendo que escolhia ares de campo mais visinhos do cemiterio do Prado.

A casa era contigua ao quintal onde, em menina, costumava ir ás merendas do peixe-frito, com a familia Enxertado.

Bazilio, sabendo que Itelvina, com quanto os recursos lh'o concedessem, não quizera sahir das visinhanças do Porto, inferiu d'este acto não sei que alegres esperanças.

— Esperanças!— dizia-lhe eu — Que espera vossê de Itelvina?!

— Vêl-a com saúde, e bella como era.

E eu abstinha-me de o desenganar. Que mal me fazia a mim uma illusão que tão doce-lhe era a elle? Similhante desejo era innocentissimo. Amasse-a elle

embora. Que mal pôdia fazer este amor á moral pública?

Fui, passados quinze dias, visitar Itelvina. Encontrei-a a prender umas hastes de roseira a um canico, que devia no verão receber as trepadeiras já plantadas.

Disse-me que estava muito melhor, que respirava livremente, e estava quasi salva da peor dôr, que era a da espadua esquerda. As faces tinham menos côr, menos d'aquelle sinistra purpura que mais realça na lividez do todo. Agourei bem d'isto; mas desconfiei que o bem-estar da doente eram as chamadas melhoras da morte.

Quando sahi eram dez horas da noite. Fugira-me o tempo, ouvindo-lhe circumstanciadamente as flagellações de sua vida com Henrique, e contando-lhe pela primeira vez o encontro de Bazilio com elle em Lisboa.

A poucos passos da casa, vi um vulto a encaminhar-se para mim. Reconheci Bazilio.

— Como está ella?

— Melhor.

— Vossê diz-me a verdade?

— Digo-lhe o que ella me disse. Está sem a dôr, falla com meos fadiga, e tinha já outros olhos, quando sahi. Que faz vossê por aqui?

— Nada. Estava á sua espera... e estava a recordar os meus dez annos, ali, n'aquelle quintal, a brincar com Itelvina.

— E agora? vamos para o Porto?

— Fico ainda por aqui. Sinto-me bem n'este lugar; e, se fôr para casa, vou soffrer.

— Pois fique.

Era uma noite de lua cheia.

O Douro, adormecido n'aquella bacia bordada de armazens, de palacetes, de florestas, de choupaes cerrados, resplandecente da lua e estrellas, alumia-ria como a santa luz dos poetas o intimo sentir de Bazilio; se a saudade e o amor não bastassem a dan-lhe o condão que o genio gosa imperfecto, se a paixão não aquece.

Do atrio da igreja do Bomfim olhava eu além, onde alvejava a casinha, e pensava comigo n'aquelle moço, de quem o mundo ria, de quem eu mesmo rira, tão longe, o mundo e eu, de imaginarmos que n'avia alma aquella havia de ser!

Aquella hora que fariam os remontados espiritos que o tinham escarnecido? Ervedosa sahia ebrio de um alcouce; Henrique Pestana descançava da sortidicia gananciosa do dia nas licitas devassidões da sua concubinagem; um cavalheiro do tom delapidava o patrimonio no jogo; outro aguardava o silencio da meia noite para instillar a deshonra no seio da familia, onde tomara o chá e jogara o voltarete. Estes, e outros da mesma plana, chanceavam da estupidez de Bazilio Fernandes Enxertado.

As sete horas da manhã fui accerdado por Bazilio.

— Que madrugada é esta? — exclamei.

— Chego de Val-bom.

— Ainda agora? Que fez vossê toda a noite.

— Nada! Estive por ali.

— Que extravagante prazer!

— Vi-a.

— Viu-a?!

— À meia noite, abriu a janela e esteve a olhar pelo rio abaixo, e a cantar muito baixinho. Depois, foi para dentro, e tocou.

— Queira Deus que ella não ganhe alguma constipação!

— Veja o meu leitor que elle estava sendo o antigo poeta, que eu tinha sido, e eu transformado no Bazilio que elle fôra!

Estas mudanças fazem-as tres annos de mais, e a coraçào de menos, e uma bronchyte chronica.

Quanto o somno me permittia, ouvi-o dizer as tristes e affectuosas coisas que dizem os amantes, na linguagem d'elle, desinfeitada, e pittoresca, e original, mas sobre tudo apaixonada. Que hypotheses elle estabeleceu! Fugir com ella, e parar n'um sertão de Africa, e tecer uma cabana, e sental-a n'um throno de folhagem, e adoral-a, e morrer a amal-a! Isto dizia-o elle muito melhor, com lagrimas que são a santificação de todos os desvarios. Outra hypothese, mas esta cruenta, e só perdoavel no caso em que... Era a hypothese matar Henrique Pestana, e casar-lhe com a viuva! Negra idéa!... e, na essencia, nobre

desejo!... Hypothese só perdoavel no caso em que... a lembrança fica na hypothese, e Henrique Pestana vivo, alegre, estimado, precisó á organização social, e... conselheiro, santo Deus, Henrique Pestana conselheiro, como affirma o *Diario do Governo* de 16 de julho de 1854!

Como é, pois, que...

O leitor finge que se espanta, e pergunta:—

—Como é, pois, que Henrique Pestana está conselheiro?!

Os governos, leitor amigo e entendido, são como as fabricas, que recolhem o farrapo sujo das barricadas do lixo, e fazem d'este farrapo um asselinado papel.

Henrique Pestana figurou n'umas eleições, emprestou dinheiro para a sustentação de um jornal, e escreveu n'elle com mais sciencia e consciencia que nos jornaes do Porto.

Que havia de dar o ministerio a um homem, que punha hombro a uma situação, já desembolçando dinheiro, já dispendendo-se em intelligencia?

Uma carta de conselho, tessá bagatella que por ahi recebem sujeitos, que não deram intelligencia nem dinheiro. Ora ahi está como foi.

Voltando a Bazilio e ás hypotheses:

A ultima foi a mais racional

—Se Itelvina—dizia Bazilio—me permittisse que eu, ás escondidas de minha familia e de todo o mundo, a visitasse...

— Póde ser; mas não acho acertado que vossê a visite.

— Eu sou incapaz...

— Bem sei de que o senhor é incapaz.

— E então?

— E então é que a vai collocar na precisão de lhe rejeitar o beneficio.

— Não percebo.

— Perceberá. Se vossê se apresenta a Iteivina, cuidará ella que a sua caridade era uma mascara; e antes que vossê desfivelle a mascara, será possível que ella apresse a morte com a miseria.

— Diz bem.

— Não sei se digo bem; mas conjecturo isto. Deixe vêr se ella se restabelece. Um sangue novo modifica o genio, o temperamento, tudo. Póde ser que alguma hora ella mesmo me diga que quer vêr o senhor Bazilio.

A repetidas instancias do meu inseparavel amigo, voltei a Val-bom, passados oito dias.

Eram sensiveis as melhores de Iteivina. Vi uns longes da graciosa creatura da Philarmonica portuense. Olhava como quem vê o anjo da esperanza a adejar n'um ceu azul. Agitava-se como avesinha que sacode da aza os gelos da estação triste ao sol de abril.

— Estou quasi boa! Já não morro! — exclamou ella — Não tardo a poder outra vez dar as minhas lições de canto. Sinto forte o peito. Quando ensaio

a voz, encontro-a, aspera sim, mas forte como era. Antes de deixar esta casa, desejo beijar as mãos de minha madrinha, e agradecer tanto amor de irmão a Bazilio. Consentirão elles?

—Bazilio de certo deseja—respondi eu—vêr a afilhada de sua mãe, e agradecer-lhe o favor de o considerar seu irmão; em quanto a sua madrinha, essa, minha senhora, sepulta-se hoje.

—Morreu!—exclamaram ambas, debulhando-se em lagrimas.—

—E morreu sem eu lhe pedir perdão da minha soberba!—disse Custodia—Deus sabe quantas vezes me tenho arrependido de ter dado a minha filha uma educação, que tantas amarguras nos trouxe. A minha santa comadre bem m'o disse!...

—E, na hora da morte—ajuntei eu—disse ao filho que amparasse a sua afilhada.

Voltei aos responsos de D. Bonifacia, e da igreja fui consolar a grande magoa do filho asseverando-lhe que Itelvina estava salva.

revolvendo n'esta lama. O espartilho a gente não tarda a ser um symptoma de demencia. Os delicados benedictos de Bazilio tinham sido delicadamente desceitos a pouco e pouco. Com as economias das primeiras dadas, reformara Helvina as suas casas, que os moveis da casa-paterna quasi todos tinham sido vendidos nos dias da enfermidade

XXI

Bazilio de vez a vez ia em trinta companhias, visitar as duas senhoras, que nos recebiam sempre

Como elles se amavam,
sem affrontarem a moral publica,
 dos em ceptos de horas de dias ferias como ellas devem ser na bem-aventurança, e em recepia, em desconto dos meus peccados, quando Hel-

No inverno de 1854, Helvina vivia no Porto, ríveçada, vigorosa e bella; mas triste. Dava lições de piano e canto, sahia com algumas de suas discipulas, e era estimada nas casas que frequentava.

Ninguém o hade crer; mas dava-se o caso de haver gente honesta que a respeitava como esposa do conselheiro Henrique Pestana!

Como era que um homem de vida infamada reflectia brilho na pobre esposa, que dava lições para viver? Se ella fosse mulher de um artista honrado, cujo pão fosse insufficiente para ambos, a desconsideração viria naturalmente, mesmo contra vontade de quem a desconsiderasse! Que querem? Namo-nos

revolvendo n'esta lama. O espantar-se a gente não tarda a ser um symptoma de demencia.

Os beneficios de Bazilio tinham sido delicadamente desacceitos, a pouco e pouco. Com as economias das primeiras dadas, reformara Itelvina a sua casa, que os moveis da casa paterna quasi todos tinham sido vendidos nos dias da enfermidade e indigencia.

Bazilio, de mez a mez, ia em minha companhia, visitar as duas senhoras, que nos recebiam sempre juntas. Ali passavamos algumas horas de dias feriados em conversações, que Bazilio reputava palestras como ellas devem ser na bem-aventurança, e eu recebia, em desconto dos meus peccados, quando Itelvina não cantava.

José Fernandes, desde que D. Bonifacia lhe fugiu para o ceu, começou a perder o gosto da vida, o amor ao trabalho, e a declinar de si o encargo do governo dos seus armazens. Queria elle que Bazilio continuasse o negocio; mas o moço convenceu-o de sua inaptidão para o commercio. José Fernandes liquidou os seus haveres, trespassou as lojas, e deu-se todo á vida devota, e aos esplendores das proceissões portuenses, comprando adornos para os andores. Isto não é razão para duvidar de seu claro entendimento; mas outras se deram, que confirmam o juizo dos que os julgavam a cair em idiotismo, sendo a principal a indiferença com que elle recebeu a notícia de ir Bazilio a casa de Custodia Borges.

Córreram tres annos regularmente monótonos: no primeiro domingo de cada mez Bazilio visitando Itelvina; e Itelvina recebendo a visita de Bazilio, sem que entre os dois se proferisse palavra com allusão ás scenas posteriores aos bailes da Terpsichore.

E, no entanto, Bazilio Fernandes Enxertado rejeitou convidativas propostas de casamentos, já com ricas herdeiras da classe commercial, já com filhas segundas de nobilissimas casas das provincias do norte.

— Que espera o senhor? — lhe dizia eu — Por que não dá nova direcção á sua vida? Que significa esta visita mensal a Itelvina?

— Espero — dizia elle.

— E não o afflige esse amor suffocado?

— Afflige-me a idéa de que ella me não ama ainda.

— Isso não sei.

— Mas que lhe parece?

— Parece-me que o ama não pela razão de dever amal-o.

— Como? não deve?

— Não se ama por dever, amigo Bazilio Fernandes — repliquei em tom pedagogico — É uma barbara tyrannia querermos, com alguns punhados de oiro, o usurario lucro de um coração, nada menos que um coração, o maior thesouro do ceu e da terra, o supremo poder abaixo de Deus, e tal que, se um coração pudesse entrar no inferno, o inferno seria aniquilado.

Fiquei em duvida se Bazilio me entendêra. É certo que perdeu as côres rosadas, que nenhum pavor ou desgraça eminente lhe haviam emaciado. E exclamou:

— Não dever ella amar-me! Quem amará então ella n'este mundo?

— Poderia amar um scelerado, que a infamasse, e desprezal-o a vossê, que a salvou da fome, da nudez, e da morte.

— Isso não pôde ser! — clamou elle, apertando entre as mãos as fontes arquejantes. —

— Pois não será, amigo Bazilio. Encarecidamente lhe peço que esqueça esta calumniosa conjectura. Este maldoso ajuizar do mundo ao mundo o devo. Pôde ser que Itelvina seja uma das raras pombas que eu tenho visto voar por sobre este diluvio de fezes, em busca de um raminho onde poisarem. Pôde ser; Deus se digne permittir que seja, e confundido seja eu para gloria da especie humana!

Fiz mal ao pobre rapaz.

Deixei-o a ruminar a peçonha do meu estylo. Estylo, meu Deus, vós bem sabeis que o era, por que eu sinceramente acho bonito o mundo, adoravel o universo moral, e santas todas as mulheres, desde a que se baloiça em coxins de damasco até á que sentada na alcatifa lamacenta das ruas não tem já coragem de dizer aos que passam que está ali uma mulher algum dia desejada, acariciada, seduzida, e alanceada pela deshonra.

No costumado domingo do mez seguinte não me appareceu Bazilio, para irmos a casa de Itelvina.

Procurei-o. Soube que elle na vespera tinha sahido para Braga.

No dia immediato recebi um bilhete de Itelvina, que resava assim:

«Estará doente o meu irmão? Só assim, comprehendendo a falta de hontem. Acaso ignora Bazilio, que eu preciso hoje tanto de saber que elle é meu amigo, quanto n'outro tempo precisei dos seus benefícios?! Diga-lhe que pôde ser feliz sem me esquecer. Uma tarde de cada mez é tão pouco para quem tem tantos dias e noites que reparir!.....»

N'esta mesma hora recebi de Braga uma carta de Bazilio. É extensa. Summariamente dizia que ia fugindo de Itelvina e de mim.

Respondi, incluindo o bilhete da esposa do conselheiro.

A replica foi elle pessoalmente. Quiz que eu lhe fosse o Joseph interprete do bilhete, que elle chamava um sonho.

— Sem vacas magras, nem gordas — accrescentei — Isto é claro, meu amigo. Vossê é amado. Agora, prudencia; mas, se lhe parecer que a prudencia é uma caturrice minha, faça o que quizer, na certeza de que não faz nada original.

Tive de paraphrasear estas palavras, ás quaes elle respondeu: — Sou incapaz d'isso.

Ficou satisfeita a minha consciencia.

As visitas amiudaram-se. Primeiro, todos os domingos, depois todos os dias santos, que eram muitos n'aquelle tempo; e, ao cabo de tres mezes, todas as noites, que eram as do inverno de 1855, grandes para toda a gente, excepto para Bazilio Fernandes Enxertado, e para o leitor, que n'esse anno casou, ou estava em arranjos d'isso, que é muito melhor.

A moral publica farejou aquella silenciosa felicidade e honesta alegria dos dois amantes. Zangou-se a moral publica, e fez soar as cem trombetas da infamia. O conselheiro Henrique Pestana foi avisado anonimamente. Como n'aquelle tempo o porte das cartas era pago pela pessoa que as recebia, o usurario, á segunda que recebeu, exclamou:

— Segunda carta é pouca vergonha!

A terceira, cujo sobrescripto era visivelmente letra fingida, não quiz acceital-a.

E, por sua parte, deu um testemunho de homem pacifico, e honesto, em sua ignominia, como está estabelecido pelas conveniencias sociaes.

Em 1857, reappareceram maus symptomas de enfermidade em Itelvina: demasiara-se nas fadigas de sua profissão, ao passo que a calumnia a indignava amante de Bazilio Fernandes.

O medico aconselhou a sahida do Porto sem de-

mora, confiando na simples mudança de ares e descanso o restabelecimento.

Bazilio, que assumira entre as duas senhoras uma branda authoridade de irmão e filho, convidou-as a irem passar o restante do outomno em Coimbra, e fixarem ali sua residencia, se a terra, e o clima lhes agradassem.

Partiram para Coimbra os tres. Este acto, a dizer a verdade, não me pareceu muito de molde e talho para tapar as bocas do mundo. Dispensei-me de moralisar de viva voz o successo, e despedi-me d'elles desejando-lhes dias felizes, dias da pastoril e ditosa Arcadia nas margens do scismador Mondego.

moza, confiando na simples mudança de ares e de-
ganço o restabelecimento.

Bazilio, que assumira entre as duas senhoras uma
grande autoridade de irmão e filho, convidou-as a
irem passar o restante do outono em Coimbra, e
fixarem ali sua residencia, se a terra, e o clima lhes
agradassem.

Partiram para Coimbra os tres. Este acto, a di-
zer a verdade, não me pareceu muito de molde a
talho para tapar as bocas do mundo. Dispensei-me
de moralisar de viva voz o successo, e despedi-me
d'elles desejando-lhes dias felizes, dias de pastoril e
ditosa Arcadia nas margens do sciamaedor Mondego.

XXII

Que fim!

Chegaram á hospedaria do Lopes, que olha so-
bre o decantado rio, cujo murmurar dá infinita e
suavissima tristeza.

Itelvina sahiu ao terraço, que sobranceia o caes,
e exclamou:

—Ai! como isto é lindo! que desafogo! quem
me dera aqui viver!

Bazilio, pouco dado de seu natural a enlevos e
poesias de rios e arvores, obedeceu ao condão da
maga, que, ao invéz da Circe fabulosa, converte os
brutos em requintados sentimentalistas.

D'este arrobo, foram ambos espartados por al-

guns gritos, coados por uma das janellas lateraes ao terraço.

—Que gemidos serão estes?!—perguntou Itelvina—Estará alguém doente ali?

Foi Bazilio informar-se com o criado dos quartos, e soube que estava a morrer o homem que gemia.

Era um sujeito que, a fugir á peste que abrasava Lisboa, fóra dar a Coimbra; e, logo que chegou, cahiu de cama, atacado da febre amarella, que trouxera da capital.

Quiz Bazilio mudar de hospedaria; mas assegurou-lhe o medico assistente do moribundo que não havia exemplo de contagio, dadas as circumstancias d'aquelle caso.

Não obstante, o timorato moço sahiu em demanda de outro hotel, e achou todos occupados por familias fugitivas de Lisboa. Resignou-se a ficar no Lopes; e Itelvina, mais resignada ainda, occupou com sua mãe o quarto unico devoluto, separado do do agonisante por uma lona forrada de papel.

As onze horas da noite, D. Custodia, fatigada da jornada, dormia serenamente, e Itelvina, com os olhos fitos na lamparina, e a face encostada á mão direita, escutava os arrancos estertorosos do febricitante, e dizia entre si:

—E está ali a morrer aquelle homem sem ouvir uma palavra de conforto! Morre, sosinho, sem esposa, ou irmã, que lhe enxugue na face o suor

da agonia! Nem se quer um sacerdote que lhe falle em Deus! Que pavorosa morte aquella! Quanto melhor lhe fôra esperal-a no seio da sua familia!... E ninguem o soccorre!... Tem pedido tantas vezes agua! Se eu soubesse onde é o quarto de Bazilio, ia pedir-lhe que dêsse um copo d'agua a este desgraçado!...

Augmentavam as ancias do moribundo, que, a espaços, rouquejava um som que dizia: «agua, agua!»

—Que infeliz!—disse Itelvina, saltando do leito—Não posso ouvil-o... Faz-me febre aquelle horrivel soffrimento!... Se elle beber agua, morrera mais consolado... Vou vêr se consigo que alguém lhe acuda... Se eu achasse uma campainha!...

E, assim dizendo mentalmente, vestiu-se á pressa, e procurou debalde uma campainha; encontrou, porém, uma garrafa de cristalina agua, e um copo.

—Agua, agua!—exclamava, revolvendo-se no leito, que rangia, o agonisante.

Itelvina superou com um impeto de piedade o pavor de entrar n'aquelle quarto. Abriu de manso a porta do seu para não acordar a mãe, deu dois passos oscillantes no corredor, e viu cerrada a porta do quarto immediato.

Susteve-se ainda instantes no limiar, até que uma nova exclamação do moribundo lhe deu valor.

Itelvina parou a dois passos do leito, sem vêr o rosto do homem que estrebuchava, com meio corpo

descahido para o chão, e os braços, já como mortos, a tocarem no pavimento.

—Aqui está agua!—murmurou ella, vasando-a da garrafa ao copo.

—Agua!—regougou o moribundo, sacudindo-se em vascas horrendas, com os cabellos empastados sobre a testa, e faces.

Helvina não sabia como chegar-lhe aos labios o copo, sem que alguém levantasse o corpo do enfermo, debruçado na borda da cama. Relanceou em deredor os olhos, viu uma campainha, sahio ao corredor a tangêl-a com força, e esperou que um criado estremunhado assomasse no corredor.

—Venha erguer o doente para lhe darmos agua—disse ella.

O criado, esfregando os olhos, e cambaleando, murmurou:

—Então elle chamou a senhora?

—Não; fui eu que vim sem ser chamada. É uma crueldade deixar assim morrer sosinho este homem! Não haver quem lhe chegue uma gota d'agua!...

—Isto aqui não é hospital, é hospedaria!—murmurou o criado, entrando de má vontade ao quarto do doente.

—Vamos lá!—continuou elle—puchando pela cintura do agonisante, até conseguir encostal-o ao espaldar do leito de ferro, e levantando-lhe o rosto, que, descahido sobre o peito, se não deixava vêr.

No instante em que o criado lhe ergueu a face,

a garrafa e o copo cahiram dãs mãos de Itelvina, que expedira um estridente grito, e recuara até ao tabique do seu quarto.

O moribundo abriu os olhos pavidos, e estremeceu, como abalado pelo estrondo dos vidros, e pelo grito.

O criado, tranzido de horror supersticioso, largou o quasi cadaver, e, com os cabellos hirtos, e os olhos esgazeados, contemplou a hospeda, que estava de joelhos, e mãos erguidas, sem proferir um som.

— Agua! agua! — exclamou de novo o agonizante.

O criado, a pretexto de ir buscar agua, sahiu do quarto.

Itelvina esforçou-se para arrancar-se á lethargia, deu alguns passos até ao leito, vasou n'um copo agua do jarro do lavatorio, e murmurou:

— Henrique! Henrique! ouves-me? aqui tens agua.

O conselheiro Henrique Pestana deu um forte sacão, descerrou as palpebras, alongou os braços, pegados com a camisa molhada de glacial suor, roçou as mãos na face de sua mulher, e rugiu uns sons desarticulados.

— Sou eu, Henrique! — tornou ella — é Itelvina, que te perdôa... Conheces-me, Henrique?...

— Itelvina! — murmurou elle cortando a palavra nas quatro syllabas, que lhe sahiam em ancias do

peito, como se os pulmões arfassem as ultimas quatro aspirações do alento.

— Sim, sim, sou eu... vês-me, Henrique?

Inclinou um pouco ao lado a cabeça o moribundo. Itelvina suppoz que elle procurava o copo com os beiços requeimados, e amparou-lhe a face no hombro, aproximando-lhe o copo. A face do agonisante procurou inertemente outro apoio, resvalando até á cintura de Itelvina.

Estava morto Henrique Pestana.

N'este momento, entrou Bazilio espavorido.

O criado, aturdido pelo medo, tinha ido chamar-o, e contar-lhe o successo. Bazilio, sem poder conjecturar o que movesse Itelvina a entrar no quarto do doente, correu, sem bem discernir se ia sonhando.

— Que é isto? — exclamou elle, vendo-a de joelhos ao lado do cadaver.

— É meu marido! — respondeu ella, sem destapar o rosto, que cobria com as mãos.

Itelvina, de linda que estava, parecia uma noiva de quinze annos. Bazilio, com quanto principiasse a engrossar de cintura, e desdissesse algum tanto das fórmas nervosas e franzinas de sua mulher, o jubilo bastava a dar-lhe aquella mysteriosa aureola, a invejavel poesia do noivo, que vai receber das mãos do ministro sagrado um thesouro de inexaurivel felicidade.

Ao lado dos noivos estava José Fernandes! Pasmel! E o bom velho—quem diria!—estava alegre, e dizia á nora, assim com uns ares de idiota:

—Ó, afilhada! olha se me engordas este rapaz! não trates só tu de engordar!

Até o abbade de Santo Ildefonso se riu com este dizer do velho, e piscou o olho ao sacristão. Botou malicia no dito o bom do padre! Não sei que a tivesse.

Depois de jantar, Bazilio sahiu comigo a uma varanda, e disse-me:

—Estou feliz!

—Bem vejo. Está vossê completamente feliz.

—Completamente.

—E sua mulher?

—Que pergunta! Vossê duvida que minha mulher esteja feliz?!

—Não.

—Então!...

—Qual de vossês quer ir amanhã para Paris?

—Sou eu, e ella condescende.

— Que vai vossê procurar em Paris? é a felicidade?

— Não.

— Pois, se não, deixe-se estar no Porto. Concentre-se, e mais sua mulher, na embriaguez das delicias, que estão a traspordar-lhe da taça da fortuna amiga. Mais tarde, quando os olhos de ambos estiverem cansados de mutuamente se contemplarem, então abalem para Paris, na certeza de que o tédio os espera em toda a parte. Meu amigo, o seu dever agora é, mais que nunca, alegrar a decrepitude de seu pai. Ali o tem a fazer carícias a sua mulher; reparta com elle do coração de Itelvina, e não queira privar tambem a mãe da filha. Eu não lhe dou quinze dias de bem-estar em Paris.

— Não irei.

— Faz bem: não vá. Outra coisa lhe lembro e peço: trabalhe, senhor Bazilio; trabalhe, se quer espancar o enojo da vida. Seja negociante como seu pai, ou lavrador como seus avós; mas trabalhe. De cada doze horas do dia, dê duas a sua mulher, e dez aos cuidados de distrahir as suas faculdades do espirito para recobrar e vigorisar as do coração.

— Trabalharei.

Bazilio Fernandes Enxertado cumpriu. Eu fui sempre optimo conselheiro da felicidade alheia.

Elle ahi está no goso de grandes haveres, de grandes creditos, de grandes armazens de vinho, e

da consorte mais extremosa entre as mais sensiveis esposas de que tenho noticia.

Escrevi as *Aventuras* d'este meu amigo, segundo as diversas impressões, que me elle causou, nas successivas phases de sua vida. Elle, quando me lêr, e se vir ridiculo, hade consolar-se, olhando em torno de si, e vendo *homens serios*, que envelheceram ridiculos, e peor ainda, miseraveis, e infames, á succapa da sua astuciosa seriedade.

De D. Helvina Borges Enxertado, direi o mesmo, defendendo-me da censura, aliás sisuda, de a não ter desculpado de suas juvenis leviandades. Desculpada está ella diante do jury consciencioso que conhece os costumes do seu tempo. Foi creança, ouviu a sereia das falsas alegrias, não teve pai menos derrancado que o maior numero dos pais pobres corrompidos n'aquella atmospherá do Porto. Que havia de fazer ella? Se peccou, rehabilitou-se pelas lagrimas, e pelo coração.

De cada cento de mulheres adoidadas, haverá uma que possa dar a seu marido o coração immaculado de Itelvina? Haverá, Deus o permitta!

Ora, quando a culpa da inconsideração do animo, não arrasta ás mil e uma vergonhas, que a sociedade absolve, a mulher, que tão leve desconto offerece em suas virtudes, merece veneração de santa.

Assim mesmo, receio muito que se ria d'ella uma grande dama que móra n'um palacete aqui perto de mim.

Esta grande dama vivia, ha seis annos, com o
conselheiro Henrique Pestana, e disfructa hoje cin-
coenta contos do amante, os quaes ninguem lhe
disputa.

FIM

XXIII

Conclusão.

Um anno depois d'este successo, estando eu em Lisboa, recebi a seguinte carta de Bazilio Fernandes Enxertado.

«Meu amigo. Se lhe não custa, venha ao Porto.
«De hoje a quinze dias, Itelvina é minha mulher.
«No dia immediato vou mostrar-lhe Paris, e não sei
«quando voltarei para poder dar um abraço no meu
«amigo. Faça este sacrificio á velha amizade do seu
«Bazilio.»

Fui ao Porto, e tive a honra de ser testemunha do casamento.

INDICE

CAP.		PAG.
I	Nasce o heroe. A cabeça e as espeztezas do mesmo . . .	5
II	As delicias portuenses do peixe-frito, antes da civilisa- ção. Custodia banhada pela luz do seculo. Bonifacia sustenta as saudaveis doutrinas da estupidez.	12
III	O heroe em mangas de camisa.	21
IV	Afoga-se Bazilio, e desafoga-se milagrosamente.	37
V	Bazilio poeta. Conquista um tacho. O que lhe aconte- ceu na capoeira.	53
VI	A paixão fatal do heroe. Memorias dos nossos dias. . .	71
VII	O coração inimigo das pernas.	82
VIII	Com commendas e bolos se enganam os tolos.	91
IX	Bazilio entre as senhoras Raposeiras, e o mais que se disser.	103
X	Em que entra o author.	112
XI	Vantagens do roubo contra os inconvenientes da predes- tinação, segundo Balzac.	121
XII	Dois exemplos de amor paternal.	132
XIII	Chora o heroe.	143
XIV	Ama Bazilio uma prima-donna di-cartello do real thea- tro de S. João.	157
XV	Que entrudo elle teve!...	169
XVI	Castigos de leviandade. Capitulo de muita moral. . . .	179
XVII	A minha correspondencia com Bazilio Fernandes En- xertado.	189
XVIII	O maior murro que ainda levaram queixos de homem	195
XIX	Lgrimas. Capitulo fastidioso.	202
XX	A santa poesia da caridade.	210
XXI	Como elles se amavam, sem affrontarem a moral pu- blica.	218
XXII	Que fim!	225
XXIII	Conclusão.	231

Alfredo Carlos

PRINCE

Dos

187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------

m.

